

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS**

KARINE RAQUEL STAUDT

**ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO “DIALETO ALEMÃO X PORTUGUÊS” EM
CAPELA DO ROSÁRIO (SÃO JOSÉ DO HORTÊNCIO/RS)**

**São Leopoldo
2018**

KARINE RAQUEL STAUDT

ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO “DIALETO ALEMÃO X PORTUGUÊS” EM
CAPELA DO ROSÁRIO (SÃO JOSÉ DO HORTÊNCIO/RS)

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Letras, pelo Curso de Licenciatura em
Letras – Português/Inglês da Universidade
do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Luisa Lenhard Bredemeier

São Leopoldo

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu marido Marcelo, pois foi ele quem me incentivou a seguir a carreira acadêmica e, também, me ajudou de diversas maneiras durante esses oito anos, sempre me apoiando, me tranquilizando e compartilhando as suas experiências comigo.

À minha família, que me apoiou, fornecendo toda a ajuda que lhes era possível. Em especial, agradeço a minha madrinha Ilse, que me acolheu em sua casa, para que eu pudesse estudar.

Aos amigos que conheci na e por meio da UNISINOS, que foram muito importantes nessa jornada. Em especial, à Jéssica Mohr, com a qual cursei várias disciplinas e que me apoiou durante vários momentos, sempre presente de forma tranquila e incentivadora.

À orientadora desse trabalho, Maria Luisa Lenhard Bredemeier, que foi muito gentil, tranquila e paciente, guiando-me, esclarecendo as minhas dúvidas e sempre mostrando o melhor caminho a seguir.

Agradeço, em especial, a minha amiga de infância, que aceitou participar desse trabalho e que se tornou a personagem principal da pesquisa. Também gostaria de estender a minha gratidão a todas as famílias que participaram do trabalho. Outra pessoa que não posso deixar de mencionar é a transcritora dos áudios que doou várias horas de seu tempo livre para me ajudar com as transcrições.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, me ajudaram durante o caminho percorrido.

“[...] Eu comecei a falar alemão, mesmo assim, quando ... depois que eu casei, mais assim. Ijo, daí quando eu vim mora com a sogra, daí ela falava bastante alemão. Daí eu comecei fala mais assim, mais eu não ... é ... vamos supor, eu não falava direto assim, né.

Daí depois, em 2015, agora, quando eu comecei a trabalhar de agente de saúde, daí eu me vi meio que obrigada a pratica mais. Mais não era necessário fala alemão. Mais eu me sen ... sen ..., me entendia melhor com as pessoas, sabe? E eles se sentiam mais à vontade comigo e muitos nem sabiam que eu sabia fala alemão, sabe? Muitos: ‘Main God!’ Eles achavam assim, né: ‘Nossa tu fala alemão!’. Isso é, né, não é que eu falo, eu me defendo [...]”

(Agente de saúde)

RESUMO

A ideia de realizar esta pesquisa surgiu da vontade de valorizar e, portanto, deixar mais um registro da história das comunidades de origem alemã, dos imigrantes e seus descendentes no Rio Grande do Sul. Para tanto, foi dado destaque ao dialeto alemão que essas pessoas falavam e ainda é falado atualmente, o *Hunsrückisch*. O lugar escolhido para realizar a pesquisa é uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, denominada São José do Hortêncio, mais especificamente, a pesquisa foi realizada em um de seus bairros, Capela do Rosário. Nesse lugar, as famílias recebem a visita mensal de uma agente de saúde que presta serviços básicos de prevenção. Foram escolhidas seis famílias para participar da pesquisa, todas são bilíngues, falam o português e o dialeto alemão. Durante a visita da agente de saúde, o diálogo empregado pelos participantes foi gravado e, após, analisado. Essa pesquisa tem como objetivos: analisar quando essas pessoas usam o dialeto para se comunicarem, em que situações usam o português para a comunicação e, por fim, em que momentos utilizam ambas as línguas. Além da gravação dos diálogos, também foi escrito um diário de campo e foram realizadas entrevistas com os participantes da pesquisa sobre a biografia linguística deles. Os principais resultados da pesquisa apontam que acontece a alternância de códigos durante as visitas da agente de saúde às famílias. Mas ela acontece em menor quantidade do que era esperado. Na maioria dos momentos em que a alternância de código acontece, é por meio da agente de saúde, que usa o dialeto para se comunicar melhor com as pessoas e, também, como uma maneira de se aproximar delas. No geral, os diálogos acontecem da seguinte maneira: a agente de saúde fala em português e as pessoas respondem em alemão.

Palavras-chave: Imigrantes. Alemães. Dialeto. Agente de saúde. Alternância de código.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Biografia linguística das famílias	51
Tabela 2: Motivos para a alternância de código - famílias	52
Tabela 3: Motivos para a alternância de código - agente de saúde	54
Tabela 4: Diferentes tipos de alternância de código.....	56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 A HISTÓRIA DE SÃO JOSÉ DO HORTÊNCIO E A IMIGRAÇÃO ALEMÃ	11
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: BILINGUISMO E ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO	18
4 METODOLOGIA	32
5 ANÁLISE DOS DADOS	50
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS.....	80
APÊNDICE A - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	81
ANEXO A - TCLE - FAMÍLIAS.....	82
ANEXO B - TCLE – AGENTE DE SAÚDE	84
ANEXO C - CARTA DE ANUÊNCIA PARA A PREFEITURA.....	86
ANEXO D - TRANSCRIÇÕES	88
ANEXO E - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....	145

1 INTRODUÇÃO

O Brasil conta com uma diversidade cultural muito grande. A sua história foi sendo construída por pessoas vindas de diferentes partes do mundo que chegaram a esse país por motivos diversos. Entre os povos que vieram se estabelecer no país, encontram-se os alemães que migraram para o Brasil em busca de novas oportunidades. Esses imigrantes se estabeleceram principalmente nos séculos XIX e XX no sul do país, onde ainda podemos encontrar diversos núcleos de seus descendentes.

A chegada de imigrantes traz consequências que influenciam diversos aspectos da cultura, entre eles, a língua. Os imigrantes alemães que vieram para o Brasil eram oriundos de diferentes regiões da Alemanha. Apesar de existir uma forma padrão do alemão, a maneira de falar mudava de uma região para a outra (dialetos), o que ainda pode ser percebido atualmente.

No Brasil, foram formadas colônias germânicas em que os imigrantes das diferentes partes da Alemanha conviviam, os dialetos se misturavam, prevalecendo aquele que era falado pela maioria, o *Hunsrückisch*¹. Esse também sofreu alterações, pois absorveu características dos outros dialetos e incorporou palavras de outras línguas, sobretudo, do português.

Assim, no decorrer dos anos, a língua desses imigrantes sofreu diversas alterações devido a diferentes fatos históricos. Eles tiveram que se adaptar à realidade, aprendendo a língua falada no país, o português, tornando-se bilíngues. Atualmente, ainda existem alguns lugares no interior do Rio Grande do Sul e Santa Catarina em que as pessoas falam o dialeto alemão *Hunsrückisch*, como é o caso da comunidade onde realizei a minha pesquisa.

Diante disso, pretendo analisar a maneira como descendentes desses imigrantes que vivem em uma localidade do interior do Rio Grande do Sul, denominada Capela do Rosário, se comunicam hoje em dia. Quando utilizam o dialeto para falar, quando utilizam o português e de que maneira acontece a alternância de código.

¹Conhecido no Brasil como *Hunsrückisch*, trata-se de dialeto do grupo *mosel-fränkisch*. Recebeu a denominação de *Hunsrückisch* por ser *Hunsrück* o nome da região de origem de muitos dos imigrantes chegados ao Rio Grande do Sul.

Para tanto, foram escolhidas seis famílias que moram nesse lugar. Elas recebem visitas mensais de uma agente de saúde que acompanhei. Gravei em áudio os diálogos que aconteceram durante esses encontros, escrevi um diário de campo sobre as minhas impressões e realizei entrevistas com as famílias envolvidas para gerar informações relacionadas à biografia linguística delas. Com isso, pretendi encontrar respostas para o seguinte questionamento: Como se dá a alternância de código na localidade de Capela do Rosário, em São José do Hortêncio, quando famílias de descendentes de alemães conversam com a agente de saúde que é responsável por elas, uma vez que essa agente de saúde aprendeu um pouco de dialeto quando adulta, mas ainda não o domina?

Para entender como e quando aconteceu a troca de uma língua para a outra, eu precisei analisar algumas situações específicas nos diálogos que gravei, como: verificar em qual(ais) circunstância(s) o falante escolheu o dialeto para interagir; Além disso, observar em qual(ais) circunstância(s) o falante escolheu o português para realizar a interação e, para finalizar, em qual(ais) circunstância(s) ele utilizou as duas línguas.

Tendo em vista as transformações culturais pelas quais essas pessoas passaram, e, também, as gerações anteriores, é importante voltar o olhar para essa minoria da população: como as pessoas dessa comunidade de origem alemã se comunicam com a realidade na qual estão inseridas e de que forma elas se adaptaram. Além disso, a escolha deste tema está diretamente ligada a minha origem de descendência alemã. Cresci nessa pequena comunidade do interior do Rio Grande do Sul, onde muitas pessoas ainda falam o dialeto *Hunsrückisch*.

Até ingressar na UNISINOS, não tinha noção de que eu, a minha família e a comunidade na qual cresci fazíamos parte de um importante processo que ajudou a construir o país, especialmente, a região sul. Os imigrantes, não só de origem alemã, mas, também, os italianos e os japoneses tiveram um papel fundamental para o desenvolvimento econômico nas regiões em que se estabeleceram. Além desse fator, eles também trouxeram consigo a riqueza cultural, o que pode ser observado ainda nos dias de hoje, nas comidas típicas, em algumas festas, como o Kerb, e na arquitetura.

Apesar de os imigrantes serem bem numerosos no sul do Brasil, pode-se dizer que eles fazem parte de uma minoria. Quando entrei para UNISINOS, tinha

vergonha do meu sotaque, uma característica marcante na maioria dos descendentes de origem alemã, muito estigmatizada pelas pessoas.

Costuma-se dizer que estudar abre novos horizontes e isso com certeza é verdade, pois, nestes anos de aprendizagem, passei a entender que não devo ter vergonha do meu sotaque, ele faz parte de quem eu sou, e aprendi que devo sentir orgulho da minha origem.

A maneira que encontrei de mostrar o orgulho que carrego é falar sobre todas essas coisas no meu trabalho de conclusão. Trazer um pouco da história do lugar onde cresci e, conseqüentemente, da história dos descendentes alemães.

Além disso, o bilinguismo, conceito utilizado para denominar o fenômeno em que pessoas, em determinada faixa etária, lançam mão de dois idiomas para se comunicarem em seu dia a dia, tem forte influência nos processos de escolarização e de letramento, mais um motivo para a relevância deste trabalho.

O trabalho está estruturado em 6 capítulos, sendo que o primeiro é a introdução, o segundo traz informações sobre a imigração alemã e de que maneira ela aconteceu em São José do Hortêncio. Como essa pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul cresceu e se desenvolveu devido ao esforço dos imigrantes que fizeram dessa terra a sua casa. O texto traz informações sobre algumas das primeiras famílias que moraram no lugar, assim como algumas das profissões exercidas por essas pessoas. Outro aspecto que foi considerado nessa parte do trabalho é a origem da língua que essas pessoas falam, o dialeto *Hunsrückisch* que é a razão da minha escrita. Além disso, também são mencionados aspectos sobre a emancipação da cidade. Em seguida, é feita uma breve descrição do bairro onde a pesquisa foi realizada, das informações que coletei em uma conversa com uma moradora do lugar que foi professora durante a proibição do uso do alemão e de como essa proibição afetou o seu trabalho².

No terceiro capítulo, apresento os autores dos quais fiz uso para embasar meu trabalho. As pessoas dessa comunidade são bilíngues, então, foi importante entender qual é o papel do português e do dialeto na vida delas. Para isso, busquei os conceitos de língua materna, segunda língua e língua estrangeira como

² Em 1937, o presidente Getúlio Vargas implantou o Estado Novo, que consistia em um projeto nacionalista que propunha a construção de uma identidade brasileira através da nacionalização do ensino, autorizando apenas o ensino da língua portuguesa, sendo que as demais línguas foram proibidas.

abordados por Spinassé. Para a explicação do fenômeno de alternância de código, denominado *codeswitching*³, recorri a dois autores que trouxeram importantes contribuições, Romaine e Baker. Além de explicá-lo, eles trazem uma análise do fenômeno, realizando classificações que têm como base as diferentes características que o compõem. Baker, inclusive, apresenta uma lista de diferentes motivos que fazem com que ocorra a alternância de código. Saliento que as citações em língua inglesa, que utilizei neste trabalho, foram traduzidas por mim e as versões originais em inglês encontram-se nas notas de rodapé.

No quarto capítulo, descrevo como aconteceu a geração de dados. Inicio essa etapa relatando a história linguística da agente de saúde e escrevendo de forma resumida quais são as atribuições do seu serviço. As informações referentes ao dia do convite às famílias e ao dia em que foram realizadas as gravações foram retiradas do diário de campo que escrevi e que apresento nesse capítulo. Após as gravações, transcrevi os diálogos com o auxílio de uma pessoa falante do dialeto e que sabe escrever e ler em alemão padrão. Para realizar essa tarefa, nós tentamos aproximar a escrita da pronúncia corrente nesse grupo. Além disso, ao final de cada visita, realizei um questionário com as famílias sobre sua história linguística. Realizei as entrevistas em dialeto e, depois, traduzi-as para o português. As duas versões estão nos anexos, assim como as transcrições e o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) para as famílias e para a agente de saúde. Esse termo foi necessário para que a pesquisa pudesse ser realizada. Cada participante assinou o documento afirmando estar de acordo com os termos da pesquisa.

No quinto capítulo, realizo a análise das informações que coletei, que incluem as transcrições, as entrevistas e o diário de campo. Os três elementos foram importantes para a composição do trabalho. Para finalizar, no sexto capítulo, apresento as conclusões sobre a pesquisa que, como todo trabalho envolvendo pessoas, sempre traz o inesperado.

Por fim, saliento que este trabalho foi avaliado e aprovado pelo Conselho de Ética na Pesquisa da Unisinos em novembro de 2017.

³ Os autores escolhidos para compor a pesquisa escrevem o nome *codeswitching* de maneiras diferentes. Para evitar possíveis dificuldades no entendimento do trabalho, optei por uma das formas de escrita.

2 A HISTÓRIA DE SÃO JOSÉ DO HORTÊNCIO E A IMIGRAÇÃO ALEMÃ

Neste capítulo, será discutida a história do município de São José do Hortêncio, localidade em que foi realizada a pesquisa. O papel da imigração alemã será um dos elementos de destaque.

A cidade de São José do Hortêncio está localizada às margens do Rio Cadeia e encontra-se na região metropolitana de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul. O município possui uma parte central e mais três bairros: Campestre, Arroio Bonito e Capela do Rosário. De acordo com Sambaquy (1998, p. 32), “A vereda de São José do Hortêncio foi fundada em 20.12.1827 pelo governo do império brasileiro e pertenceu, no princípio, a São Leopoldo, mais tarde a São Sebastião do Caí”.

Em 1824, começou o processo migratório de alemães que deixavam a sua pátria em busca de uma vida nova no Brasil. Após uma vida difícil na Alemanha, devido às guerras que destruíram comunidades inteiras, ao clima difícil e, também, às doenças que devastavam as lavouras, as pessoas viram na imigração uma oportunidade de recomeçar.

Quando chegaram ao Brasil, os alemães se depararam com novas dificuldades. O governo dava terras a eles, que, em sua maioria, eram formadas por espaços tomados por mata fechada. Ele também fornecia o mínimo de alimento necessário e algumas ferramentas básicas para os imigrantes iniciarem o manejo da terra e construïrem suas próprias moradias. Eles tinham que realizar primeiro a limpeza da terra e, então, plantar. Levava tempo até que conseguissem colher a primeira safra. Além disso, o clima era diferente e a terra também, assim, muitas vezes, a colheita fracassava vários anos até que eles aprendessem qual era a melhor forma de plantar. Consoante Braun (2016), outro empecilho encontrado pelos imigrantes foram os índios que não aceitavam a invasão das terras e os atacavam, causando muitas mortes e fazendo com que os imigrantes recuassem, muitas vezes, de terras já plantadas.

Segundo Braun (2016), os grupos de imigrantes chegavam, em sua maioria compostos por famílias, eram levados aos respectivos lotes de terra e, assim, foram se formando pequenas comunidades, também denominadas picadas. Para que houvesse comunicação entre essas comunidades, os próprios imigrantes abriam estradas de ligação, mas a maioria deles vivia de forma isolada. Entretanto, há autores que entendem que não houve esse isolamento dos imigrantes, uma vez que

se instalaram em regiões em que já moravam famílias de origem portuguesa, por exemplo (TRAMONTINI, 2000).

Tudo o que foi descrito acima serve de referência a São José do Hortêncio. Conforme Braun (2016), a cidade recebeu esse nome devido a dois fatores: São José é o santo padroeiro da cidade, e o nome Hortêncio está relacionado a um dos primeiros habitantes dessa região. Ele se chamava Hortêncio Leite e as pessoas precisavam passar pelas suas terras para chegar a essa picada. O lugar também era conhecido como Picada dos Portugueses, pois, quando chegaram os primeiros imigrantes alemães, havia alguns portugueses morando naquela região. Em outra leitura realizada, São José do Hortêncio era conhecida como *portugieser Schneise*, pois, segundo o livro, o governo havia mandado um português fundar a cidade, o que coincide com a história sobre a Picada dos Portugueses. São José do Hortêncio foi umas das primeiras comunidades formadas por imigrantes e, segundo Sambaquy, (1998, p. 32),

[...] foi a quinta colônia a ser fundada no Rio Grande do Sul e se estendia por seis quilômetros ao lado de uma linha reta traçada no meio da mata. Lotes de, aproximadamente, 220 metros de largura e de 2.200 a 3.200 metros de comprimento foram marcados ao longo de ambos os lados desta linha e distribuídos entre colonos alemães.

De acordo com relatos de uma descendente de imigrantes, na época da colonização, cada família recebia uma colônia, o que, no início, equivalia a 75 hectares, tendo sido reduzidos, posteriormente, para 50 e, mais tarde, com o grande número de alemães que estavam vindo para o Brasil, uma colônia foi reduzida a 25 hectares. Assim, cada família ganhava um pequeno pedaço de terra. Depois que os filhos cresciam e se casavam, não havia espaço suficiente para comportar mais uma família. Desse modo, a família recém-formada era obrigada a sair em busca de novas terras, um fator que contribuiu para a ocupação do estado.

Consoante Braun (2016), foram encontrados, nos registros das Igrejas Católica e Evangélica, os nomes das primeiras famílias que ajudaram a fundar a cidade. Seguem alguns nomes: Backes, Christ, Fritzen, Henz, Henzel, entre outros. Os imigrantes alemães eram muito fervorosos na sua fé. Quando receberam as suas respectivas propriedades, formando as picadas, reuniam-se na casa dos moradores para realizar as orações até conseguirem construir capelas. Ainda segundo o

mesmo autor, São José do Hortêncio foi a primeira picada da região a ter uma capela. Ela foi construída aos poucos, pois os colonos não tinham muito dinheiro. Na época, foi eleita uma diretoria que arrecadou doações dos colonos da própria picada e das demais da região, assim, ela atenderia todos os fiéis das redondezas. Essas informações foram extraídas dos registros dos Padres Jesuítas e dos padres que atuaram na região na época da imigração.

Enquanto os fiéis da Igreja Católica construíam capelas para realizarem suas orações, os evangélicos construíam casas para esse fim, pois lhes era proibida a construção de capelas na época. As duas religiões foram, e são, fortemente presentes na cidade, pois ainda são relatadas histórias que aconteceram há 30, 40 anos, quando famílias católicas não permitiam a união com pessoas da religião evangélica e vice-versa, ou ainda, a ideia de se converter a outra religião era inaceitável.

Na época da imigração, pessoas com as mais variadas profissões vieram para o Brasil. Através dos registros de batismo, casamento, falecimento, entre outros, dos padres da região, pode-se resgatar as profissões dos primeiros moradores de São José do Hortêncio e de seus descendentes. Nos registros, são mencionadas diversas profissões: agricultores, alfaiates, carpinteiros, sapateiros, negociantes/vendeiros, marceneiros e várias outras. A chegada dessa diversidade de mão de obra trouxe diversos benefícios para o Brasil. Segundo Braun (2016, p. 165),

Os alemães foram responsáveis pela implantação de minifúndios (pequenas propriedades agrícolas) no Brasil. Eles também fundaram as primeiras associações e cooperativas, construíram os primeiros atelieres que mais tarde se tornaram 'fabriquetas' e até mesmo grandes indústrias. Isto tudo só foi possível devido à qualidade da mão de obra desses imigrantes pioneiros.

Como descrito acima, os imigrantes tiveram um papel importante no desenvolvimento do país. Eles tornaram terras de difícil acesso em regiões produtivas e trouxeram os seus conhecimentos e experiência. Em consequência de seu desejo de alcançar uma vida melhor, eles prosperaram e o país também.

Na época da imigração, vieram para o Brasil pessoas de diferentes regiões da Alemanha, sendo que cada região tinha uma maneira própria de falar (os dialetos).

O dialeto *Hunsrückisch*, que é predominante em São José do Hortêncio e redondezas, tem a sua origem da região chamada *Hunsrück* na Alemanha, que, de acordo com Sambaquy (1998), é caracterizada por montanhas e demarcada pelos Rios Mosela, Reno e Nahle. A região possui uma fronteira que se estende por Sarrebuque, Birkenfeld, Soonwald, Hunsrück até o Reno e é formada por diferentes dialetos que são denominados de acordo com a região onde são falados: dialeto “franco do Reno”, “franco da Mosela”, “franco médio” e “dialeto francos do Reno”.

Nas colônias ou picadas que foram sendo formadas no Brasil, familiares se mantinham reunidos, então, se falava o mesmo dialeto. Quando as picadas eram formadas por pessoas de diferentes regiões, o dialeto falado pela maioria prevalecia. Em São José do Hortêncio e em todas as cidades próximas, o dialeto que prevaleceu e ainda é falado nos dias atuais é o *Hunsrückisch*. Conforme Altenhofen e Frey (2006, p.42),

Trata-se, nesse caso, de uma variedade do alemão, trazida pelos primeiros imigrantes alemães a partir de 1824 ao Rio Grande do Sul, de onde se difundiu rapidamente entre seus filhos e os filhos dos filhos, em uma época em que não havia nem o ensino de português e até mesmo de alemão.

Durante o processo de ocupação das terras, o dialeto *Hunsrückisch* se disseminou entre os imigrantes e sofreu alterações devido ao contato com outros dialetos, passando por processos diferentes daquele falado na Alemanha.

Quando São José do Hortêncio foi criada, inicialmente pertenceu a São Leopoldo e, mais tarde, ao município de São Sebastião do Caí. A cidade começou o movimento pela emancipação em 1986. Segundo informações retiradas de uma brochura editada pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul (1988), na época, São José do Hortêncio já possuía uma estrutura básica que dava certa autonomia à população: cinco escolas municipais de 1º grau; uma escola estadual de 1º grau incompleto e uma escola particular, casa de saúde, sistema telefônico, sedes sociais e recreativas, como a Sociedade Cultural União São José, ginásios de esporte, campos de futebol, igrejas, empresas de transporte coletivo e bibliotecas.

Como foi citado acima, pode-se observar que São José do Hortêncio já possuía uma estrutura relativamente boa para a época. Uma das razões para isso

deve estar relacionada ao fato de que foi uma das primeiras colônias a ser formada no Estado.

Ainda de acordo com informações retiradas dessa brochura, havia várias razões para que a população desejasse a emancipação: o distrito se localizava longe da sede em São Sebastião do Caí, o que trazia dificuldades para o seu bom desenvolvimento. Além disso, a área estava sendo povoada de forma muito rápida, o que trazia preocupações quanto ao seu bom ordenamento. A população acreditava que, conseguindo a emancipação, seria mais fácil concretizar certas reivindicações que melhorariam a qualidade de sua vida, como a instalação de uma rede telefônica de discagem direta, pavimentação das vias de acesso, mais escolas e instalação de uma rede hidráulica em todas as casas.

A população viu na emancipação uma forma de melhorar a vida. Apesar de São José do Hortêncio estar bem organizada, a distância entre o distrito e a sede era um grande empecilho para o desenvolvimento do lugar. A distância tornava mais difícil a comunicação e, assim, qualquer ação acabava demorando muito mais.

Na área econômica, pode-se destacar, consoante o texto “Os novos municípios do Rio Grande do Sul: São José do Hortêncio” (ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 1988), que a economia girava em torno de seis grandes indústrias, destacando-se a indústria calçadista: Paquetá Calçados Ltda e a indústria Calçados Arlede Ltda. O comércio contava com dez grandes estabelecimentos, destacando-se: o Comércio de Cereais Hortêncio Ltda., Casa Comercial Werno Hess e Serraria e Carpintaria Hortêncio. Além disso, a agricultura também exercia um papel importante na economia do distrito, sendo que aproximadamente 40% da população trabalhava no campo, destacando-se a atividade agropecuária, o cultivo de cítricos e hortifrutigranjeiros.

A economia do distrito se resumia às indústrias, às casas de comércio e, também, à agricultura. A emancipação poderia trazer o progresso de forma mais rápida, melhorando vários aspectos, entre eles, a oferta de empregos.

Ainda segundo o mesmo texto, São José do Hortêncio conseguiu a emancipação em 29 de abril de 1988, fazendo divisa com os municípios de São Sebastião do Caí, Feliz, Nova Petrópolis, Ivoti e Portão. Sua área estimada era de aproximadamente 55 km², localizada a 80 km da capital. Na época, a cidade contava com uma população de 6.000 habitantes, desses, 2.369 eram eleitores.

Atualmente, a cidade conta com um número aproximado de 4.201 habitantes. No decorrer dos anos, novos municípios foram criados e, assim, a cidade faz divisa com Linha Nova, Portão, Feliz, São Sebastião do Caí, Presidente Lucena e Lindolfo Collor. São José do Hortêncio preserva a cultura germânica através da celebração do Kerb, de grupos de danças, corais e Orquestra.

O presente trabalho foi realizado num dos bairros da cidade, Capela do Rosário, que se localiza a seis quilômetros do centro da cidade, onde vivem 342 habitantes. A maioria das famílias obtém a sua renda através do cultivo da terra ou do trabalho na indústria. A maioria das pessoas que mora no bairro fala o dialeto, isso acontece principalmente entre as pessoas mais velhas. Para trazer um pouco da história do bairro, foi fundamental falar com uma pessoa da comunidade que foi professora no lugar há aproximadamente 50 anos.

Segundo essa moradora, os primeiros habitantes foram dois homens de sobrenome Welter e Fritzen, que vieram se estabelecer naquele lugar, depois de frequentes ataques de índios nas terras onde haviam se estabelecido anteriormente. Antes de ser nomeado Capela do Rosário, o bairro era chamado de Linha Nova, pois os dois homens que o fundaram abriram uma linha nova para a sua demarcação. A cidade vizinha recebeu o nome de Linha Nova Alta quando se emancipou. Então, os habitantes resolveram trocar o nome de Linha Nova para Capela do Rosário, a fim de evitar confusões pela semelhança dos nomes.

Após a chegada dos primeiros moradores à localidade, essa foi se desenvolvendo com a vinda de mais alemães. Eles construíram moinhos, um alambique, um armazém de secos e molhados, que também funcionava como salão de festas, e uma igreja, que foi construída em 1891. Inicialmente, havia uma casa antiga, com uma única sala, que funcionava como escola e, em 1961, foi inaugurada uma escola nova na localidade. Na época, São José do Hortêncio pertencia a São Sebastião do Caí, que nomeava pessoas das próprias localidades para dar aula para as crianças, e foi o que aconteceu em Capela do Rosário. Foi escolhida uma moça que tinha completado o ginásio, mas sem qualquer experiência na docência. O mesmo aconteceu na maioria das outras comunidades pertencentes a São Sebastião do Caí.

A ex-professora relatou, ainda, que vinham supervisores de São Sebastião do Caí observar as suas aulas com o objetivo de avaliar o seu desempenho. Após essas observações, esses supervisores chegaram à conclusão de que era preciso

fornecer algum tipo de orientação. Então, foram organizadas reuniões mensais e cursos de verão que tinham a duração de uma semana. Os professores de todas as comunidades pertencentes a São Sebastião do Caí eram obrigados a participar desses encontros.

Na época em que essa ex-professora lecionava, era proibido falar em alemão, um reflexo do regime nacionalista implantado por Getúlio Vargas. Então, ela contou que ia a Sebastião do Caí comprar livros com figuras para auxiliar na aprendizagem das crianças, uma vez que os alunos não sabiam falar sequer uma palavra em português. Além disso, os professores não recebiam nenhum material didático para auxiliá-los nas aulas.

Ela relatou que no recreio, cada criança sentava e comia o seu lanche em silêncio, uma vez que não podiam falar em alemão. Então, a professora começou a fazer brincadeiras e jogos para ensinar as crianças e elas começaram a aprender o português. Na época, a professora fez uma combinação com os seus alunos: depois da aula, quando elas atravessassem uma vala que havia perto da escola, elas podiam falar em alemão. Ela contou que a cena chegava a ser engraçada: as crianças saíam da escola em silêncio e, quando atravessavam a vala, era uma explosão de conversas.

Atualmente, a escola em Capela do Rosário não está mais recebendo alunos, pois não há muitas crianças no bairro, sendo que aquelas em idade escolar vão estudar em escola no centro do município.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: BILINGUISMO E ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO

Como já foi indicado no capítulo anterior, a cidade de São José do Hortêncio é formada, em sua maioria, por pessoas de descendência alemã. O mesmo acontece com um dos bairros pertencentes ao município, Capela do Rosário, lugar escolhido para a realização da pesquisa. Nesse lugar, muitas pessoas falam o dialeto *Hunsrückisch*, que era falado na região do *Hunsrück* na Alemanha e se transformou no sul do Brasil. Para falar sobre esse assunto, é preciso compreender o que vem a ser um dialeto. Para Task (apud SCHNEIDER, 2007, p. 47), “em lingüística, o dialeto é sempre uma variedade, dentre outras, de uma língua”. O autor complementa o conceito afirmando ser “uma variedade lingüística regional ou social, mais ou menos identificável”. Quando ouvimos a palavra dialeto, parece soar como algo negativo, um dos motivos para tal pensamento é que, no sul do Brasil, as pessoas entendem que o alemão falado é errado, por ser diferente daquele falado na Alemanha.

No Brasil, a maneira de falar a língua portuguesa varia de região para região. O mesmo acontece na Alemanha, existe o alemão padrão, mas, também, variações dessa língua nas diferentes regiões do país. O dialeto *Hunsrückisch* era falado na região mais pobre da Alemanha e foram as pessoas dessa região que vieram ao Rio Grande do Sul. Elas falavam uma variação do alemão que foi se transformando através do contato entre os diferentes dialetos alemães aqui no Brasil. Segundo Spinassé (2006, p. 4),

Além dessa primeira interseção de elementos lingüísticos, inevitável devido ao contato de dialetos, as línguas chegadas no Brasil passaram ainda por mais três outros fenômenos: os empréstimos da língua local e de outras línguas de imigrantes, os estrangeirismos adotados e, sobretudo, o processo de variação natural a todas às línguas vivas em seu desenvolvimento ao longo dos anos – que se diferiu da evolução das “mesmas” variantes em solo alemão, vide o português brasileiro e o português europeu.

Mais tarde, com a introdução da língua portuguesa nas colônias germânicas, o dialeto sofreu novas alterações. Essa variedade do alemão passou por diversos processos até se tornar o que é hoje. Os primeiros imigrantes falavam os seus dialetos e, provavelmente, para conseguir se comunicar com as pessoas que

falavam outros, começaram a aprender, aos poucos, essas diferentes variedades e iam introduzindo as novas palavras aprendidas nas suas falas para conseguir uma melhor comunicação.

Outro fator que ajudou na construção do dialeto foi o empréstimo de palavras do português para dar nome a objetos que eles não conheciam até então. As ferramentas de trabalho usadas na Alemanha eram diferentes das usadas no Brasil, logo, tinham outros nomes. Além disso, com o processo de desenvolvimento do Brasil, podemos citar, como exemplo, o desenvolvimento tecnológico que trouxe a criação de aparelhos eletrônicos, nomeados em português, cujos nomes passaram a ser usados também no dialeto (exemplo: televisão, geladeira, freezer, esse último exemplo é uma palavra do inglês que é utilizada no português).

Em Capela do Rosário, muitas pessoas falam o dialeto *Hunsrückisch* e a língua portuguesa. O fato de as pessoas ainda falarem o dialeto trazido pelos imigrantes alemães mostra que, nesse lugar, se encontra o que podemos chamar de “ilha linguística”. Segundo Wiesinger (apud BORSTEL, 2003, p.136), “ilhas lingüísticas são comunidades de fala relativamente fechadas e que se acham espalhadas em uma região relativamente grande onde se fala outra língua”. Apesar da proibição do uso da língua alemã no fim da década de 1930, sob o Estado Novo, e da introdução do programa de nacionalização do ensino, o dialeto sobreviveu e ainda é utilizado como a língua principal de comunicação em alguns lugares, como é o caso de Capela do Rosário. De acordo com Sambaquy (1998, p. 25),

[...] pode-se citar dois fatores que contribuíram para a conservação do dialeto alemão no Rio Grande do Sul ao longo de todos esses anos. Em primeiro lugar, deve ser levado em consideração o isolamento geográfico e cultural da região colonizada; e, em segundo lugar, os colonos dominavam, na maioria das vezes, exclusivamente, seu dialeto, muitas vezes sem noções do alto alemão, o que deve ser atribuído ao baixo nível intelectual dos imigrantes.

Quando os imigrantes chegaram ao país, ganharam um pedaço de terra no meio da mata (picada) e tinham pouco contato com outras pessoas. Consoante Spinassé (2006), cada picada construiu a sua própria igreja, casa de comércio e escola. Eles organizaram toda a estrutura social de que precisavam. Além disso, uma pessoa da própria colônia era escolhida para lecionar, portanto, a aula era dada

em alemão. O mesmo acontecia com as celebrações religiosas que eram realizadas em latim ou alemão, uma vez que o padre também era um imigrante, ou então, o governo enviava padres alemães para atender essas pessoas. Dessa forma, o alemão se impunha em cada assentamento, pois os imigrantes haviam construído uma boa estrutura e não precisavam sair de lá, o que dificultou a entrada do português por muito tempo (SPINASSÉ, 2006).

Os descendentes de imigrantes alemães se distinguem dos demais brasileiros pelo dialeto que falam, pela história que carregam e pela cultura que, assim como a língua, ainda persiste em vários lugares. Todos eles trazem consigo uma bagagem rica que chamamos de identidade étnica. Conforme Hall (apud BORSTEL, 2003, p. 136), “toda identidade está situada, posicionada em uma cultura, em uma língua e em uma história”. As pessoas crescem em determinados contextos, aprendem a se expressar utilizando a língua que é falada pelos membros da sua comunidade, adquirem os costumes do lugar e aprendem a sua história. Essas aprendizagens constroem a identidade, seus valores e fazem com que as pessoas se identifiquem com esse grupo.

A língua é uma das características marcantes da identidade étnica de diferentes grupos, pois é por meio dela que os indivíduos aprendem a se expressar. Como foi escrito no capítulo anterior, o dialeto *Hunsrückisch* não é mais o mesmo que era utilizado pelos primeiros imigrantes que chegaram ao Brasil. Esse idioma foi sofrendo alterações devido ao contato com outras variedades do alemão, incorporou palavras de outras línguas, como é o caso do português. Atualmente, o dialeto possui inúmeras palavras da língua portuguesa que foram integradas no *Hunsrückisch*, assim, pode-se afirmar que ele é único e que os descendentes de alemães têm uma maneira própria de falar. Segundo o linguista Peter Auer (2007, p. 85),

Um certo modo de falar pode ser chamado de *estilo* (verbal), se suas características forem percebidas e interpretadas de maneira holística pelos membros de um determinado grupo ou comunidade. Tem significado social e, portanto, torna-se um *estilo social* se essa interpretação o vincular a categorias sociais (como étnica, gênero, idade ou certo meio) de modo que falar de certa forma seja visto como um índice para essa categoria.⁴

Os integrantes das comunidades de descendência alemã possuem um estilo próprio de falar. Eles são reconhecidos pelas demais pessoas pelo sotaque que carregam. Além disso, quem não fala o dialeto consegue perceber que no vocabulário deles existem várias palavras do português que foram introduzidas ao longo dos anos. Essas características da fala fazem com que os imigrantes sejam conhecidos pelo seu estilo de falar e que sejam associados a um mesmo grupo.

Para discorrer sobre essas pessoas é preciso, ainda, recorrer ao conceito de bilinguismo, que, segundo Heye (2003, p. 34), é “a situação em que coexistem duas línguas como meio de comunicação num determinado meio social, ou seja, num espaço situacionalmente compartimentalizado de uso de duas línguas”. Assim, pode-se dizer que os descendentes dos imigrantes alemães que falam o dialeto e o português são bilíngues. Eles usam as duas línguas em diferentes contextos. Geralmente, no contexto familiar e da pequena comunidade onde vivem, eles falam o *Hunsrückisch*; e, quando saem desses contextos, eles utilizam o português. Para tratar de bilinguismo é apropriado trazer também o conceito de *language community* apresentado por Baker (1997, p. 35),

⁴ A ‘certain way of speaking’ can be called a (verbal) *style*, if its features are perceived and interpreted in a holistic way by the members of a given group or community. It has social meaning and therefore becomes a *social* style if this interpretation links it to social categories (such as ethnic, gender, age, or a certain milieu) such that speaking in a certain way is seen as an index to this category.

Indivíduos bilíngues não existem como ilhas separadas. Em vez disso, pessoas que falam duas ou mais línguas geralmente existem em grupos, em comunidades e, às vezes, em regiões. Pode-se dizer que as pessoas que falam uma língua minoritária dentro de um contexto de língua majoritária formam uma comunidade de fala ou comunidade linguística. Bilinguismo ao nível individual é a metade da história. A outra metade essencial é analisar como grupos de falantes se comportam e mudam.⁵

Apesar de existirem no Brasil várias comunidades de origem alemã mais fechadas, onde a língua oficial demorou a ser integrada e que são denominadas por Wiesinger de ilhas linguísticas, conceito abordado no começo da fundamentação teórica, pode-se observar que apesar da resistência, aos poucos, o português começou a adquirir um certo espaço dentro dessas comunidades, pelo contato com as pessoas de fora por necessidade; para a realização de negócios, compras ou simplesmente pela aproximação com essas pessoas através da criação de vínculos afetivos. Assim, é preciso olhar para essas comunidades como parte de um todo, elas existem dentro de um país, cuja língua oficial é diferente daquela mais usada dentro da comunidade.

Através desse contato, as línguas sofrem diversas alterações e, no processo de aquisição, elas podem adquirir um significado diferente, de acordo com a frequência e o lugar que são utilizadas. Assim, quando falamos que uma pessoa é bilíngue, é preciso pensar o que cada uma das línguas representa para ela e que função cada uma exerce na sua vida. Para discutir esse assunto, três conceitos se tornam fundamentais: primeira língua ou língua materna, segunda língua e língua estrangeira. Conforme Spinassé (2006, p. 4-5),

A aquisição da Primeira Língua, ou da Língua Materna, é uma parte integrante da formação do conhecimento de mundo do indivíduo, pois junto à competência lingüística se adquirem também os valores pessoais e sociais. A Língua Materna caracteriza, geralmente, a origem e é usada, na maioria das vezes, no dia-a-dia.

⁵ Bilingual individuals do not exist as separated islands. Rather, people who speak two or more languages usually exist in groups, in communities and sometimes in regions. People who speak a minority language within a majority language context may be said to form a speech community or **language community**. Bilingualism at the individual level is half the story. The other essential half is to analyze how **groups** of language speakers behave and change.

A Língua Materna, ou Primeira Língua (L1), não é necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco se trata de apenas uma língua. Normalmente é a língua que aprendemos primeiro em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade.

Nessa pequena comunidade do interior do Rio Grande do Sul, chamada Capela do Rosário, um bairro pertencente ao município de São José do Hortêncio, o *Hunsrückisch* ainda se encontra presente de maneira muito forte, sendo amplamente falado no núcleo familiar e entre os indivíduos da comunidade. Ele se encontra tão enraizado, que ainda existem alguns casos de pessoas idosas que falam apenas essa língua. Principalmente no caso das pessoas de mais idade, o dialeto foi a língua que aprenderam primeiro, sendo ensinada em casa, pelos pais e outros familiares, e, também, é a língua utilizada para se comunicar na comunidade. Assim, o dialeto é a língua materna para muitas dessas pessoas, pois, além de ser a primeira língua aprendida, é aquela com a qual se expressam desde pequenos e que faz parte da sua cultura.

Para poder se comunicar com pessoas que não falam o dialeto, os moradores da comunidade tiveram que aprender a falar em português, a língua oficial do país. Hoje em dia, muitas pessoas que não falam o dialeto moram na cidade. Assim, quando precisam ir ao banco, ao mercado ou qualquer outro lugar, pode acontecer de aqueles que falam primordialmente o dialeto serem atendidos por pessoas que falam apenas em português. Dessa forma, aprender o português se tornou uma necessidade e, para a grande maioria, o português se tornou a segunda língua. De acordo com Spinassé (2006, p.6),

[...] uma Segunda Língua é uma não-primeira-língua que é adquirida sob a necessidade de comunicação e dentro de um processo de socialização. A situação tem que ser favorável: um novo meio, um contato mais intensivo com uma nova língua que seja importante para a comunicação para a integração social. Para o domínio de uma SL é exigido que a comunicação seja diária e que a língua desempenhe um papel na integração em sociedade.

A língua portuguesa tornou-se a segunda língua para muitas dessas pessoas, que, além da necessidade de conseguirem se comunicar com pessoas desconhecidas, em situações cotidianas, também precisam desta língua para se comunicar com algumas pessoas da própria família. Nas novas gerações, as crianças são colocadas em escolas de Educação Infantil, em que a língua falada é o português e, dessa forma, muitas crianças não aprendem a falar em dialeto, pois, em muitos casos, a influência da língua portuguesa sobre as crianças é maior, uma vez que elas passam o dia inteiro nesse ambiente. Assim, a língua portuguesa passa a ser utilizada com mais frequência.

Uma situação diferente que pode acontecer é quando o indivíduo passa a ter duas primeiras línguas. Isso acontece quando as duas línguas são utilizadas de forma frequente pelo falante e ambas são importantes ferramentas de comunicação para ele. No caso dos descendentes de imigrantes alemães, uma situação considerada normal é quando uma criança fala o dialeto em casa com os pais e a família, mas fala o português na escola com os amigos. As duas línguas são importantes para que ela consiga se comunicar com pessoas de seu apreço.

O último conceito citado acima é o conceito de língua estrangeira. Spinassé (2006, p. 6), explica tal tópico fazendo uma comparação entre segunda língua e língua estrangeira:

[...] no processo de aprendizagem de uma LE não se estabelece um contato tão grande ou tão intenso com a mesma. A grande diferença é que a LE não serve necessariamente à comunicação e, a partir disso, não é fundamental para a integração, enquanto a SL desempenha um papel até mesmo vital numa sociedade [...]

No caso da língua estrangeira, ela seria o idioma ensinado na escola, que, para muitas crianças, é utilizado apenas no ambiente escolar, ou, ainda, em viagens em que a língua estrangeira aprendida é falada. Cada escola prevê em seu currículo o ensino de pelo menos uma língua estrangeira. É muito comum, no interior do Rio Grande do Sul, a língua estrangeira a ser ensinada ser o alemão padrão, devido à colonização alemã. Então, podemos dizer que o alemão padrão pode ser considerado uma língua estrangeira, pois o seu uso, na maioria das vezes, se restringirá à sala de aula.

Uma vez estabelecida a relação que essas línguas mantêm entre si, é preciso voltar o olhar para a maneira como os falantes do dialeto e do português utilizam as duas línguas para a comunicação. Para abordar esse tópico, se faz necessário trazer à tona o conceito de *codeswitching* que é definido por Gumpertz (apud ROMAINE, 1995, p. 121), como sendo “a justaposição dentro do mesmo fragmento de fala de passagens pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais diferentes”.⁶ Os bilíngues que, nesse caso, são os falantes do dialeto e do português fazem uso das duas línguas para se comunicarem. Mas, no caso da justaposição, eles utilizam as duas línguas para se comunicarem no mesmo diálogo e com a mesma pessoa. Dentro desse sistema de comunicação, existem diferentes tipos de *codeswitching*. Pode acontecer de o falante misturar mais as duas línguas ao falar ou compartimentalizar mais as mesmas. De acordo com estudos realizados, são apresentados três tipos de *codeswitching* por Poplack (apud ROMAINE, 1995, p. 122-123),

Tag-switching envolve a inserção de uma expressão em uma língua que está totalmente em outra língua, exemplo, você sabe, quero dizer, etc., para trazer alguns exemplos em Inglês. Como as expressões estão sujeitas a restrições sintáticas mínimas, elas podem ser facilmente inseridas em vários pontos em um enunciado monolíngue sem violar as regras sintáticas. [...] *Inter-sentential switching* envolve a alternância dentro do limite da cláusula ou da frase, onde cada cláusula ou frase está em uma língua ou outra. Também pode acontecer entre os turnos dos locutores [...] *Inter-sentential switching* pode ser considerada como a que requer maior fluência em ambas as línguas do que *tag-switching* já que maiores porções do enunciado devem estar de acordo com as regras de ambas as línguas [...]

⁶ the juxtaposition within the same speech exchange of passages of speech belonging to two different grammatical systems or subsystems.

Intra-sentential switching envolve, indiscutivelmente, o maior risco sintático, e pode ser evitado por todos, exceto pelos bilíngues mais fluentes. [...] Aqui alternância de diferentes tipos ocorrem dentro dos limites da cláusula ou da frase. [...] Também pode incluir a mistura dentro dos limites da palavra, de modo que obtemos, por exemplo, palavras em Inglês com morfologia flexional de Panjabi, e. g., *shoppā* – ‘shops’. [grifos meus]⁷

Pode-se dizer que o falante usa diferentes ferramentas linguísticas para se comunicar. Ele lança mão de variadas estratégias para atingir seu objetivo. Muitas das escolhas que ele faz acontecem de forma inconsciente, enquanto outras acontecem de forma consciente. Por exemplo, nessa comunidade em que predominam descendentes dos imigrantes alemães, dependendo da pessoa com quem se vá conversar, é preciso usar na maior parte do tempo o dialeto. É o que acontece com as pessoas de mais idade, que não dominam tão bem o português. Sabendo disso, a pessoa faz uma escolha consciente para se comunicar. Quando a escolha acontece de forma inconsciente, isso, muitas vezes, está ligado às emoções do falante. Um morador da comunidade pode começar um diálogo em português, mas, num momento de descontração, ele pode mudar para o dialeto, porque é com essa língua que se sente mais à vontade, uma vez que é com ela que se comunica com as pessoas da família.

Para dar conta dos diferentes aspectos que envolvem uma conversa entre pessoas bilíngues, é preciso trazer outros autores para o trabalho, pois as teorias se complementam e é preciso olhar para o tema de diferentes pontos de vista para se ter uma visão mais ampla do mesmo. Baker é um desses autores e, também, traz a definição do fenômeno *codeswitching*, além de outros dois conceitos, igualmente importantes para a composição do trabalho: *code mixing* e *language borrowing*. O

⁷ Tag-switching involves the insertion of a tag in one language into an utterance which is otherwise entirely in the other language, e. g. *you know, I mean*, etc., to take some English examples. Since tags are subject to minimal syntactic restrictions, they may be easily inserted at a number of points in a monolingual utterance without violating syntactic rules. [...]

Inter-sentential switching involves a switch at a clause or sentence boundary, where each clause or sentence is in one language or another. It may also occur between speaker turns [...] Inter-sentential switching can be thought of as requiring greater fluency in both languages than tag switching since major portions of the utterance must conform to the rules of both languages [...]

Intra-sentential switching involves, arguably, the greatest syntactic risk, and may be avoided by all but the most fluent bilinguals. [...] Here switching of different types occurs within the clause or sentence boundary. [...] It may also include mixing within word boundaries, so that we get, for example, English words with Panjabi inflectional morphology, e. g. *shoppā* - ‘shops’.

primeiro é definido de acordo com Hoffman (apud Baker, 1997, p. 86), “Codeswitching é quando um indivíduo (mais ou menos deliberadamente) alterna entre duas ou mais línguas. Tais alternâncias podem variar de uma palavra misturada, para a alternância no meio da sentença ou em blocos de fala maiores”.⁸ Os outros dois conceitos são *code mixing* e *language borrowing*. Segundo Baker, (1997, p. 86), “ Code mixing tende a ser o termo usado para descrever mudanças no nível da palavra (por exemplo, algumas palavras em uma frase). [...] Language borrowing é a inclusão de palavras de empréstimo estrangeiro em um idioma (exemplo, ‘le weekend’ em francês)”.⁹ Assim, um diálogo que, a princípio, parece uma simples troca de informações, é, na verdade, um movimento de diferentes fenômenos que acontecem enquanto as pessoas se comunicam, que são utilizados para atingir uma comunicação plena.

Outros autores que trazem uma importante contribuição para o tema são Blom e Gumperz (apud SCHNEIDER, 2007, p. 77), que,

diferenciam entre a alternância de códigos **metafórica** e a **situacional**. Esta é motivada por uma mudança de situação, de tópico ou de cenário. Por exemplo, quando um novo participante entra na conversa ou para passar de um tema formal para um familiar. A alternância metafórica exerce uma função estilística ou textual como: marcar a ênfase, indicar o pensamento central de uma brincadeira ou sinalizar a mudança de um tom sério para engraçado.

Os falantes alternam de um código para outro conforme a necessidade que pode variar. Muitas vezes, eles começam uma conversa em uma língua e mudam para outra, por se sentirem mais confortáveis ou pelo hábito. Ou, ainda, encontram certa dificuldade para se comunicar numa língua devido ao desconhecimento de vocabulário. Assim, existem muitos elementos a serem analisados nessa situação de comunicação. Seguindo essa ideia, Baker (1997, p. 87), afirma que,

⁸ Codeswitching is when an individual (more or less deliberately) alternates between two or more languages. Such alternation can range from one word mixing, to switching in mid-sentence, to switching in larger speech blocks.

⁹ Code mixing as tended to be the term used to describe changes at the word level (e. g. a few words in a sentence). [...] Language borrowing is the inclusion of foreign loan words into a language (e. g. ‘le weekend’ in French).

Codeswitches tem uma variedade de propósitos e objetivos. Codeswitching irá variar de acordo com quem está na conversa, qual é o tópico, e em que tipo de contexto a conversa ocorre. A língua usada pode ser negociada e pode mudar com o tópico da conversa.¹⁰

Assim, existe uma grande variedade de elementos que influenciam na forma como o diálogo acontece. Para que o objetivo seja alcançado e a comunicação aconteça, o emissor precisa conhecer quem é o receptor e pensar qual é a melhor forma de apresentar o assunto (isso inclui a escolha da língua a ser utilizada e a forma que irá falar: indo diretamente ao assunto ou de forma indireta, por exemplo).

O contexto em que a conversa acontece também irá influenciar na escolha da língua a ser utilizada. Se o interlocutor iniciar uma conversa na casa do receptor, a chance de a conversa ser, na maior parte do tempo, estabelecida na língua materna do receptor é grande, isso se a língua materna for a língua que ele mais utiliza em casa. Agora, se o diálogo acontecer num espaço comercial, como uma loja, a chance de a língua oficial (que pode ser considerada a segunda língua, ou dependendo do caso, uma língua materna também, se for tão utilizada quanto a outra) predominar é maior. Desta forma, existem vários motivos que fazem com que os interlocutores alternem as línguas num diálogo, Baker (1997) traz treze motivos para que aconteça *codeswitching*:

- 1) Caso o interlocutor queira destacar/enfatizar determinado aspecto numa conversa, ele pode fazer a alternância de código em uma palavra que seja central para o entendimento do assunto.
- 2) Quando a pessoa está conversando e não sabe determinada palavra ou frase naquele idioma e usa palavras de outro para preencher a lacuna.
- 3) Existem palavras ou frases que em línguas diferentes muitas vezes não possuem o mesmo significado, podendo até ser parecidas, mas não iguais. Ou ainda, há certas concepções, definições que existem em uma língua, mas não em outra, e os falantes introduzem essas concepções de outras línguas nos diálogos para conseguirem expressar as suas ideias.

¹⁰ Codeswitches have a variety of purposes and aims. Codeswitching will vary according to who is in the conversation, what is the topic, and in what kind of context the conversation occurs. The languages used may be negotiated and may change with the topic of conversation.

- 4) *Codeswitching* também pode ser utilizado para reforçar um pedido ou uma ordem. Introduzindo uma ideia numa língua e depois, a mesma ideia na outra. Existem casos em que as pessoas bilíngues utilizam a língua falada pela maioria para demonstrar mais autoridade. Eles utilizam a língua mais falada para reforçar determinada ordem, opinião, para obter, assim, maior impacto.
- 5) Outra situação em que a alternância de código (*codeswitching*) pode acontecer é quando alguém repete a mesma ideia em diferentes línguas com o intuito de que essa repetição facilite o entendimento.
- 6) Quando dois interlocutores trocam o idioma oficial (geralmente falado pela maioria) para aquele falado pela minoria (geralmente aprendido e falado em casa), isso traz um clima de descontração e afinidade para a conversa, uma vez que ao usar essa mesma língua que ambos aprenderam em casa, mostra que eles têm uma cultura em comum. A língua também pode ser utilizada como ferramenta de aceitação em determinado grupo. Pode acontecer de um indivíduo que deseja ser aceito em determinado grupo e que não domina bem o idioma falado por ele, fazer uso de *codeswitching* em suas falas, inserindo algumas palavras desse idioma em suas frases com o objetivo de ser aceito ou pertencer àquele grupo.
- 7) Outra situação que pode ocorrer é quando duas pessoas bilíngues estão conversando em determinado idioma e chega uma terceira pessoa que é monolíngue e não entende a língua utilizada pelos dois falantes. Assim, a conversa que aconteceu até então é repassada de forma autêntica para o recém-chegado.
- 8) A troca de código também pode acontecer em situações em que há duas pessoas conversando e uma terceira lança algum comentário em outra língua no meio do diálogo para sinalizar que gostaria de ser incluído na conversa.
- 9) Outra situação na qual pode ocorrer a alternância é quando acontece alguma tensão no diálogo e alguém realiza algum comentário humorado em outra língua a fim de aliviar a tensão e mudar a conversa para um tom mais ameno.
- 10) Quando duas pessoas desconhecidas se encontram e estabelecem um diálogo que geralmente inicia na língua oficial do país, falada pela maioria,

com o propósito de manter certo distanciamento social, à medida que a conversa avança, ambos se conhecem mais e podem descobrir afinidades, como por exemplo, compartilharem a mesma cultura, e por consequência a mesma língua. Assim, o diálogo que iniciou na língua oficial tem continuidade na língua que aproxima os dois indivíduos.

- 11) A alternância de código pode ser usada também para excluir pessoas da conversa ou simplesmente para que pessoas estranhas não possam entender o que está sendo dito. Assim, duas pessoas podem estar conversando na língua oficial em um lugar público e quando passam a conversar sobre algum assunto particular elas utilizam um idioma minoritário para que as outras pessoas não as entendam.
- 12) Outra situação na qual ocorre esse fenômeno é quando o indivíduo deseja mostrar uma mudança de atitude. Para tratar de assuntos mais sérios os falantes fazem uso de uma língua e para assuntos amenos, sem pretensão, brincadeiras, a língua utilizada é aquela aprendida em casa.
- 13) Em certos casos, determinados assuntos são sempre introduzidos em um idioma específico, por exemplo: assuntos familiares têm a tendência de serem discutidos na língua materna.

Inúmeros fatores podem influenciar na maneira como uma conversa transcorre. Podemos observar nos casos citados acima que a língua pode aproximar as pessoas. É o que acontece quando duas pessoas descobrem que possuem uma mesma primeira língua, logo, são possuidoras de uma mesma cultura, tendo assim, algo forte em comum. Mas, também, pode acontecer o contrário: a língua muitas vezes pode ser usada como uma ferramenta de exclusão.

Em certas comunidades, em que a língua predominante é o dialeto da região, se uma pessoa desconhecida vier morar naquele lugar e não souber falar essa língua, provavelmente irá sofrer preconceitos, uma vez que a língua é um fator que aproxima os habitantes por compartilharem a mesma cultura e a mesma história. Assim, quando chega uma pessoa que não pertence ao lugar, mesmo que eles tenham a segunda língua em comum, não terá o mesmo valor da língua materna e a pessoa desconhecida será vista como uma intrusa, alguém que tem outra cultura e, portanto, uma maneira diferente de ver o mundo e de pensar, o que não será aceito facilmente por aqueles indivíduos.

A língua também pode ser um instrumento facilitador na comunicação, no sentido de que, para se fazer entender, uma pessoa bilíngue pode se movimentar entre as duas línguas de acordo com a necessidade: ela pode explicar a mesma ideia em diferentes línguas ou, quando ela não sabe uma palavra na língua que está falando, pode usar a palavra de outra para completar o diálogo.

A variedade de funções para o *codeswitching* é tão grande que pode servir também para sinalizar certas situações num diálogo, como, por exemplo, para um indivíduo se inserir numa conversa. Uma pessoa faz um comentário em outra língua para quebrar a continuidade da conversa que está acontecendo. Ou, quando uma conversa toma um caminho tenso e alguém faz um comentário engraçado em outra língua, para quebrar a tensão que se estabeleceu e fazer com que a conversa tome um caminho mais ameno. Como podemos observar até o momento, as pessoas bilíngues possuem uma variedade enorme de estratégias para conseguir realizar uma comunicação plena. Dependendo do contexto, elas possuem uma grande vantagem sobre as pessoas que falam apenas uma língua.

4 METODOLOGIA

Para realizar a análise da alternância de códigos de pessoas que falam o dialeto *Hunsrückisch* e o português, realizei uma série de atividades a fim de coletar dados suficientes para compor a pesquisa. Primeiramente, escolhi seis famílias para participarem da mesma.

Essas famílias foram escolhidas considerando, inicialmente, sua condição de famílias bilíngues, pois, para poder observar a alternância de código, essa é uma condição básica. Além disso, são famílias que moram perto de meus pais e irmãos, de modo que eu os conheço e eles me conhecem. Isso facilitou a aproximação e o convite a participarem da pesquisa. Por fim, são famílias que recebem, regularmente, a visita da agente de saúde que acompanhei.

A Prefeitura de São José do Hortêncio estava ciente da realização da pesquisa e de que acompanhei a agente de saúde. O termo de anuência também está anexo.

Quando realizei as entrevistas com as famílias, tomei todas as precauções para minimizar os riscos de exposição das famílias entrevistadas, as perguntas não foram invasivas, restringindo-se à biografia linguística e à história familiar.

Propus questões sobre a história da família; a história linguística; sobre a vida escolar; que idioma falam em casa, na comunidade e em outras situações fora da comunidade; que geração da família usa que idioma e quando; sua profissão. O roteiro da entrevista compõe o Apêndice A. A decisão de incorporar a entrevista com as famílias que participaram da pesquisa se justifica pelo levantamento de dados quanto à história linguística dos participantes. Foi importante, para a realização da análise, saber quando os participantes aprenderam que idioma e em que sequência, qual idioma usam na família, pois são dados relevantes quando se avalia a alternância de código.

Entretanto, quando acompanhei a agente de saúde em suas visitas regulares, não pude assumir a responsabilidade de controlar as perguntas feitas pela agente nem a conversa, pois a funcionária da prefeitura teve que conduzir seu trabalho rotineiro como o fez sempre. Influenciar as perguntas da agente e a conversa entre ela e as famílias poderia alterar a alternância de código por parte dos interlocutores e poderia prejudicar o trabalho. A conversa entre a agente de saúde e as famílias foi gravada e analisada após.

A ideia de acompanhar a agente de saúde foi de verificar como uma pessoa que não compunha a comunidade (A agente de saúde veio morar na localidade ainda criança e, atualmente, é casada com um morador do lugar.) vem aprendendo o dialeto lentamente e, atualmente, consegue usá-lo de forma satisfatória para se comunicar com as pessoas da comunidade em seu trabalho. Ela tornou-se bilíngue por ter aprendido o dialeto alemão falado na região após passar a morar nesse local e estabelece a conversa com famílias bilíngues, reagindo adequadamente às escolhas linguísticas feitas pelas famílias visitadas.

Nesta seção, pretendo descrever como foi a pesquisa de campo e as minhas impressões sobre essa etapa. Além das entrevistas e das gravações dos diálogos dos participantes, também escrevi um diário de campo, em que descrevi como foi o dia no qual convidei as famílias a participarem e a coleta de dados em si, cujas informações apresentarei no decorrer do texto.

Para realizar o trabalho, contei com a ajuda de Elisa (33 anos), a agente de saúde que mora na comunidade e atende as famílias do lugar. Ela é natural do Paraná e, aos três anos de idade, mudou-se com sua família para Lindolfo Collor, morando nessa cidade por dois anos. Quando Elisa tinha cinco anos de idade, a família veio morar em São José do Hortêncio, mais especificamente, Capela do Rosário, local onde ela mora até hoje. Os pais dela são de origem alemã, mas nenhum deles falava em alemão (dialeto) com os filhos. A agente de saúde possui duas irmãs e dois irmãos. O irmão mais velho e a uma das irmãs dominam o dialeto, entendem e o falam bem. A segunda irmã mais velha entende um pouco e o irmão mais novo, que tem aproximadamente vinte anos, não sabe falar e não entende nada em dialeto, porque, segundo Elisa, ele não possui interesse em aprender.

Ela começou a trabalhar como agente de saúde em 2015, atendendo as pessoas da comunidade. Seu trabalho é prestar atendimento básico às famílias. Ela realiza visitas mensais às famílias e conversa com elas com o objetivo de divulgar cuidados básicos de saúde no sentido da prevenção e de realizar triagem seguida de encaminhamento aos postos de saúde ou ao hospital sempre que necessário.

Essa convivência fez com que ela criasse um vínculo mais próximo com as pessoas da comunidade que, segundo ela, muitas vezes não se limitam a falar sobre problemas de saúde, mas, também, problemas pessoais, mostrando a relação de confiança que foi construída. Confiança essa que foi fundamental para a participação das pessoas no meu trabalho.

Realizei o convite à agente de saúde por telefone. Apresentei e expliquei a ela a ideia do meu trabalho por esse meio também. O convite foi realizado de forma informal, pelo telefone, porque ela é uma antiga amiga minha. Depois de aceitar o convite, pedi à Elisa que selecionasse as famílias que participariam, observando os casos em que a alternância de código acontecia com mais frequência. Também pedi que escolhesse o dia e o horário para a visita na qual eu faria o convite a essas famílias, apresentaria o projeto de pesquisa e proporia a leitura e a assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

A visita aconteceu num domingo à tarde, mais perto do anoitecer. Elisa e eu fomos visitar as famílias. Antes de começarmos a jornada, ela me confessou que escolheu as famílias não só observando a alternância de código, mas, também, usou como critério a relação que tem com essas pessoas. Escolheu aquelas com as quais tem mais proximidade, por dois motivos: estava nervosa com a situação e isso a deixaria mais tranquila, e, além disso, ela tinha dúvidas se as pessoas aceitariam participar da pesquisa. Convidando as pessoas mais próximas, isso as tornava mais propensas a aceitarem o convite. Como resultado disso, das seis famílias escolhidas, três delas realmente são muito próximas, sendo elas: os meus pais, os sogros dela e a avó do marido dela.

Fomos recebidas muito bem durante as visitas. Todas as pessoas convidadas aceitaram participar da pesquisa e se mostraram muito receptivas com a ideia. Elas demonstraram um pouco de receio devido ao fato de que eu gravaria as conversas, o que pode ser considerado normal, pois não é algo que acontece de forma habitual. Mas, acredito que esse receio também esteja ligado a certos comentários que escutei em algumas das visitas. Algumas pessoas se mostraram constrangidas com o fato de que, segundo elas, não dominavam o português. Escutei o mesmo tipo de preocupação vindo da agente de saúde que também estava nervosa pelo fato de não ter o domínio do dialeto, de ser gravada e, além disso, de eu, uma pessoa fluente no dialeto, a ouvir conversando.

Foi uma tarde muito produtiva e prazerosa. Conversei com pessoas que eu não encontrava há muito tempo, revi lugares que me trouxeram boas recordações do tempo em que vivi lá. Fiquei surpresa com a facilidade com que as pessoas aceitaram o convite. Atribuo isso a dois fatores: a confiança que essas pessoas sentem em relação à agente de saúde, como já citei anteriormente, e, também, outro fator que teve grande contribuição para esse resultado foi o fato de que todas essas

peessoas conhecem a minha família e, conseqüentemente, a mim. Capela do Rosário é uma localidade pequena, logo, todos se conhecem. Apesar de eu estar morando em outra cidade há sete anos, eles ainda me reconhecem como um membro da comunidade. Isso condiz com o conceito que é abordado por Hall e que apresento na fundamentação teórica sobre a identidade étnica. Essas pessoas me viram crescer. Eu frequentava a Igreja, as novenas que eram realizadas na casa delas, participava das festas na comunidade e do grupo de jovens. Nós partilhamos a mesma cultura, os costumes, a mesma língua e isso nos aproxima. Durante as visitas, em vários momentos, surgiram comentários como: “Conversei com a tua mãe” ou “Encontrei com os teus pais”, pois havia um clima de descontração durante as visitas, uma vez que não havia nenhuma pessoa desconhecida presente. A seguir, trago uma descrição sobre o dia em que gravei as conversas. Essas informações foram anotadas no diário de campo que escrevi depois de finalizada a coleta dos dados.

Realizei a coleta de dados no dia 1º de dezembro de 2017. Esse dia foi escolhido pela agente de saúde que conhece melhor a rotina dessas pessoas. Ela escolheu esse dia, pois todas as pessoas que participaram da pesquisa são aposentadas. Ela afirmou que é mais fácil encontrá-las em casa bem no início do mês, antes de receberem o salário, uma vez que, quando elas recebem a sua aposentadoria, elas precisam ir ao banco para retirar esse valor, saem para fazer compras e pagar contas, sendo assim, mais difícil encontrá-las em casa. Como era dezembro, a agente de saúde precisava realizar as visitas até antes do Natal, perto do dia 20, pois muitas pessoas viajam nessa época. Enfim, ela achou melhor realizar as gravações no início do mês.

Antes de iniciar a descrição de cada visita, trago um panorama geral dos assuntos que foram abordados pela agente de saúde durante esses encontros: ela distribuiu convites para o almoço gratuito que a prefeitura organiza todo final de ano para as pessoas acima dos sessenta anos. Esse evento acontece dia 20 de dezembro, data de aniversário do município, sendo, também, feriado. O evento inicia com um almoço que é seguido de um baile. A funcionária da prefeitura entregou os convites e explicou questões relacionadas ao dia, como, por exemplo, o transporte até o local e que as pessoas deveriam levar garfo e faca para o almoço. Essas informações estavam escritas em cima dos convites, mas era importante que a funcionária da prefeitura explicasse pessoalmente, para não restarem dúvidas.

Outro assunto que foi tratado por Elisa era, na verdade, um aviso sobre os dias em que a médica viria atender na comunidade. O município possui três bairros e, uma vez por semana, um médico vai até esses lugares atender as pessoas, dessa forma, elas não precisam se deslocar até o centro. A médica atende em Capela do Rosário toda quarta-feira, na antiga escola do lugar. Quando realizei a pesquisa, era final de ano, mais especificamente, dezembro, e, segundo a agente de saúde, todo final e começo de ano, esses atendimentos nos bairros param de acontecer. Então, Elisa avisou as pessoas que, para aquele ano, a médica viria somente mais uma vez à localidade e, depois, só retornaria em março do ano seguinte. Caso as pessoas precisassem de atendimento médico, deveriam se dirigir ao posto de saúde.

A funcionária da prefeitura também tem a função de explicar às famílias ações para evitar focos do mosquito da dengue e alertá-los sobre o perigo. Ela fez isso ao final de cada visita, lembrando as pessoas sobre o assunto. Esse recado deve ser dado a cada dois meses pela agente de saúde às famílias. Outras questões, como medicações, exames, isso variava de acordo com cada caso.

Em todas as visitas, ela mediu a pressão arterial das pessoas, anotando o dia, a hora e a pressão arterial em uma carteirinha que cada um possui. Um membro de cada família também assinava uma lista confirmando que recebera a visita. No dia em que acompanhei a agente de saúde, as pessoas também assinaram a uma lista confirmando o recebimento do convite para almoço promovido pela prefeitura. Agora, finalizada essa parte, apresento a descrição das visitas.

As visitas aconteceram durante a manhã. Encontrei com Elisa e começamos a jornada. O primeiro encontro foi marcado para as 7h30min da manhã, um pouco mais cedo do que as famílias estão habituadas. A agente de saúde, geralmente, inicia as visitas às 08h00min, pois, segundo ela, se começar muito cedo, ela encontrará as famílias tomando café da manhã. Então, ela prefere começar um pouco mais tarde para não atrapalhá-las.

Quando chegamos à primeira casa, cujos moradores eram um casal de agricultores aposentados, Ilzemar (61 anos) e Loriane (59 anos), eles já estavam esperando por nós. Loriane, ao ouvir que havíamos chegado, chamou para que entrássemos. Na cozinha, estavam sentados, além de Loriane, o seu marido Ilzemar e o irmão dele, Tiago (59 anos), que, segundo Ilzemar, estava visitando a família

para ajudar nos serviços do campo. Isso acontece com certa frequência. O casal é aposentado, mas eles ainda trabalham como agricultores.

Eles estavam sentados na cozinha assistindo televisão. Entramos e a funcionária da prefeitura iniciou um assunto não referente à visita, a fim de deixá-los mais à vontade, pois todos estavam em silêncio. E, assim, transcorreu o início da visita, os três permaneceram quietos e a agente de saúde conduzia a conversa. Ela estava nervosa também, mas estava se saindo muito bem.

Em seguida, ela iniciou os assuntos referentes à visita, perguntando sobre a saúde deles que respondiam prontamente. Tiago também foi atendido pela agente de saúde, pois a presença dele ali é frequente. Ele respondeu as perguntas feitas por Elisa relacionadas a um problema de pressão arterial que tinha apresentado anteriormente.

Quando as perguntas eram dirigidas a Loriane e Ilzemar, era ela que respondia, pois, pelo que pude observar até aquele momento, ela era mais conversadora do que ele. Ilzemar se limitava a fazer alguns comentários em alemão, enquanto os outros diziam praticamente tudo em português.

(Diálogo 1: Ilzemar/Loriane)

30 AS: Hum hum. E assim, vocês, tudo tranquilo? Alles gut?

31 L: Alles gut.

32 AS: Ninguém internou? Ninguém ficou doente? Trocou de remédios?

33 L: Haha.

34 AS: Hum hum.

35 L: Só os remédios que tamo tomando assim.

36 AS: Hum hum. Aqui Loriane ... é ...

37 I: Vor läufich hauwa ma noh mit.

38 AS: Ijo!

A agente de saúde até fazia alguns comentários em alemão, mas a sua fala até aquele momento era feita em português.

Elisa mudou de assunto, avisando sobre a data do almoço que a prefeitura oferece todo final de ano para as pessoas com idade acima dos sessenta anos. Dessa vez, eles fizeram perguntas sobre o assunto que interessou a todos. Assim, a conversa foi se tornando mais descontraída. Loriane, que, no começo, se limitava a

falar em português com a agente de saúde, agora já estava falando em alemão também.

(Diálogo 1: Ilzemar/Loriane)

49 L: Ah ... é o feriado!Tah.

50 T: Municip faiadoh.

51 AS: É o feriado do Shnees. É.

52 L: Ich hon gement the veia gonet, wail do hot conimad was comoid do fun.

53 AS: Ne ... No calendário não tava em cima. Gonicks. Ijo.

Tiago iniciou uma conversa paralela comigo, contando um acontecimento em alemão. Depois, a funcionária da prefeitura avisou sobre os dias em que a médica viria atender na comunidade e fizeram perguntas sobre a vida particular dela. O que demonstrou que já estavam se sentindo mais à vontade com a situação.

Em determinado momento, houve um período de silêncio e Loriane introduziu um novo assunto no dialeto, falando sobre o tempo. Tiago que, inicialmente, conversava com a agente de saúde em português, começou a falar com ela, também, em alemão, contando detalhes relacionados a sua saúde, sem que Elisa tivesse perguntado.

(Diálogo 1: Ilzemar/Loriane)

(Tiago retoma o assunto dos exames que ele fez, trazendo mais detalhes).

102 T: Dat Ilse wo main eksome hole kan am Dienstag ... und dat hot ligeat, the ferro veia bissie.

103 AS: Hum hum.

104 T: Daí eu vô leva na terça agora.

105 AS: Hum hum.

Em seguida, a funcionária da prefeitura começou a medir a pressão arterial deles. Primeiro mediu a pressão de Tiago, dirigindo-se a ele, inicialmente, em alemão. Depois mediu a pressão de Ilzemar, dirigindo-se a ele em dialeto também. Por fim, foi a vez de Loriane, sendo que, com ela, ela falou em português. Nesse momento, entrou na casa um dos filhos de Ilzemar e Loriane, Fabiano, que mora em uma casa ao lado com a esposa. Tiago começou a conversar com ele em dialeto sobre os cachorros. Todos estavam com a pressão um pouco mais elevada do que

de costume, mas Loriane estava com a pressão bastante alterada. Suponho que seja pela situação em si, por estar sendo gravada. Apesar de que, no decorrer da visita, ela se tornara cada vez mais descontraída, falando bastante e fazendo perguntas.

Depois, Elisa mediu a pressão de Fabiano, que também estava um pouco elevada. Enquanto isso, dois dos cachorros da família entraram na casa e se tornaram o centro das atenções.

(Diálogo 1: Ilzemar/Loriane)

(Os cachorros se tornam o centro das atenções).

213 AS: Calma Mébi! Wot mo bisse!

214 L: Kom Mébi! Do!

215 L: Ih! Ah. Jets sen se alle zwoi! Que coisa!

216 AS: O Zuninho!

Eles falavam em alemão com os cachorros, inclusive a agente de saúde que, em seguida, deu os avisos finais e encerrou o diálogo.

A próxima visita foi feita à casa de um casal com idade mais avançada do que a do casal anterior: Paulo (81 anos) e Hellen (71 anos), agricultores aposentados. Eles já estavam esperando por nós, sentados na cozinha, quando chegamos. Hellen estava nervosa e logo perguntou se eu já estava gravando. Disse que não tinha dormido bem na noite anterior, pois estava preocupada com a nossa visita.

Foi Hellen quem nos recebeu e ofereceu cadeiras para que nos sentássemos. Paulo que ainda estava sentado à mesa do café, veio sentar-se perto de nós. A esposa o ajudou, pois ele tem um problema de saúde que o faz ter dificuldade de se locomover. Apesar de terem recebido muito bem a ideia de participar da minha pesquisa, no dia da gravação, Hellen estava muito nervosa. Além de ela ter falado que não havia dormido bem, também pude perceber o nervosismo pelo seu jeito. Ela já possui um tom de voz baixo, mas, naquele dia, ela estava falando mais baixo ainda, quase que murmurando, enquanto Paulo aparentava indiferença ao fato de estar sendo gravado. Como a mulher estava bastante nervosa, eu senti a necessidade de participar um pouco da conversa, fazendo alguns comentários, com o intuito de que a minha presença se tornasse mais natural. Caso contrário, eu estaria ali somente para gravar a conversa, o que agravaria o nervosismo de Hellen.

A agente de saúde iniciava os assuntos que eram mantidos em torno, na maioria das vezes, da saúde de Paulo, pois ele apresenta uma saúde mais frágil. Ele conversava pouco. Hellen falava bastante, muitas vezes interrompendo o marido. O mesmo aconteceu no dia em que fui convidá-los para a pesquisa. Depois da conversa sobre as questões de saúde, a funcionária da prefeitura mediu, inicialmente, a pressão de Paulo, olhou as receitas dos remédios deles, para saber se as datas estavam dentro do prazo de validade. A pressão de Paulo estava dentro da normalidade e, então, Elisa mediu a pressão de Hellen, que estava bastante elevada, refletindo o seu nervosismo.

Até aquele momento, Paulo e Hellen conversavam praticamente tudo em dialeto. Em um determinado momento, ele estava falando sobre as suas idas ao centro para as seções de fisioterapia que ele realiza periodicamente, e iniciou uma frase em português, mas, em seguida, alternou para o dialeto, devido ao pedido da esposa que o interrompeu e pediu para que ele falasse em alemão.

(Diálogo 2: Paulo/Hellen)

163 P: Se eu to lá, aí...

164 H: Do bissie daitsch schpreche.

165 P: Dan is meã ...

166 AS: Gud.

167 P: Scheen.

Apesar de eu ter explicado a eles que agissem de forma natural durante a conversa, acredito que ela entendeu erroneamente e achou que deveriam focar no dialeto. Pensei no motivo que a levou a pensar dessa forma. Talvez seja porque, no dia do convite, eu disse a eles que era importante fazer pesquisas sobre o dialeto, uma vez que as novas gerações não se interessavam mais em aprender essa língua, sendo importante ter registros sobre ela.

No decorrer da visita, Hellen já conversava em voz mais alta, mostrando que estava menos nervosa. Eu participei da conversa em vários momentos na tentativa de acalmá-la, para que ela se sentisse mais confortável. Depois de medir a pressão deles, a agente deu os avisos finais e se despediu.

A próxima visita aconteceu à casa de uma senhora viúva: Elaide (75 anos) que mora sozinha e trabalhou como agricultora até se aposentar. Quando chegamos

à casa dela, ela estava no estábulo terminando de alimentar os animais. Ficamos esperando por ela nos fundos da casa. Quando terminou, ela veio ao nosso encontro.

Sentamos na sala, lugar onde ela sempre recebe a agente de saúde. Primeiro, falaram de assuntos variados, como o tempo, pois iria fazer calor naquele dia. Em seguida, a funcionária da prefeitura iniciou as perguntas de rotina, perguntando se estava tudo bem. Elaide aparentava tranquilidade com a situação. No dia em que a convidei para participar da pesquisa, ela ria bastante. Parecia ter gostado do convite ou, então, estava rindo devido ao nervosismo, mas acredito que foi devido à primeira opção. A agente de saúde teve a mesma impressão. Em seguida, quando Elisa perguntou sobre a saúde dela, ela começou a relatar um problema que já vinha-a incomodando há algum tempo.

(Diálogo 3: Elaide)

(Elaide começa a falar sobre um problema de saúde que tem).

21 E: Ich hon die dohe raio-x gemach fun kob...

22 AS: Fun was?

23 E: Ah is ...

24 AS: Kob?

25 E: Hé? Ne.

26 AS: Fun kob?

27 E: Ne. Do honisch am dem oa pal nicks geheiat me.

Dando continuidade à conversa, a funcionária da prefeitura avisou em quais dias a médica atenderia na comunidade. Elaide estava tranquila em relação a esse assunto, pois as suas receitas estavam dentro do prazo de validade que havia sido estendido por mais um mês.

O seguinte assunto a ser tratado foi o evento que seria promovido pela prefeitura: o almoço gratuito para as pessoas acima dos sessenta anos que acontece anualmente. Conversaram bastante sobre isso, porque a prefeitura decidiu organizar a confraternização na última hora e, segundo Elisa, devido às cobranças dela e das demais agentes de saúde, que estavam sendo questionadas pelas pessoas da cidade. Elaide relatou que as suas amigas estavam preocupadas com a hipótese de não acontecer o almoço.

A viúva conversava bastante. O que reforça a ideia de que ela estava tranquila. Foi difícil permanecer excluída da conversa, pois a dona da casa conversava e olhava para mim, me incluindo no diálogo. Então, eu resolvi fazer alguns comentários de vez em quando. O fato de ela conhecer a minha família há muitos anos, sendo que ela me viu crescer, tornou difícil eu permanecer excluída da situação.

A agente de saúde mediu a pressão dela que estava dentro da normalidade, o que reforça a ideia de que ela se encontrava tranquila aquela manhã. Em seguida, Elaide assinou as listas referentes à visita da funcionária da prefeitura e ao recebimento do convite que deveria ser entregue no dia do almoço. Para assinar as mesmas, Elaide foi até a cozinha para buscar os seus óculos e assinar os papéis sobre a mesa. Nesse momento, Elisa aproveitou a oportunidade para conferir os remédios da dona da casa, uma vez que ela os guarda nesse recinto. Estavam todos em ordem e a agente de saúde voltou a sentar-se na sala. Ela começou a dar os últimos avisos, incluindo os cuidados com a água parada para evitar casos de dengue na comunidade. Elaide demonstrou estar atenta a esse assunto, contando as medidas que utiliza para a prevenção contra a dengue. O assunto terminou e, como ninguém iniciou outro, eu encerrei a gravação.

Durante toda a conversa, Elaide, praticamente, só falou em alemão. A funcionária da prefeitura, como já percebi nas conversas anteriores, iniciou os diálogos em alemão, lançando algum comentário, mas depois alternou para o português e é essa a língua que ela mais utilizou.

(Diálogo 3: Elaide)

1 AS: Bom dia!

2 PE: Bom dia!

3 E: Bom dia!

4 AS: Jets ja! Gell?

5 E: Ijo. Jets ja.

(Risadas)

6 E: Jets gets los.

7 AS: A gente começo cedo hoje. Ijo.

Depois de finalizar a visita na casa de Elaide, nos dirigimos à casa de Clara (59 anos). Como nos outros casos, ela trabalhou como agricultora até se aposentar. Ela é casada, mas o marido não participou da pesquisa, porque, durante o dia, ele não está em casa, pois, apesar de aposentado, ainda trabalha na construção civil.

Quando chegamos, ela estava esperando na cozinha. Ofereceu cadeiras para que sentássemos e logo conversou comigo. Assim como as outras pessoas, ela também me conhece bem, o que tornou difícil a minha exclusão da conversa. Ela estava tranquila, fazendo brincadeiras.

(Diálogo 4: Clara)

8 C: Que senta?

9 PE: Ah! Danke scheen.

10 C: Acho que ... sem ... bist mid, gell?

11 PE: Ah. Was wo?

12 AS: Ai ... tu tá cansada.

13 C: Mu son, weast amen mid.

14 PE: Ah so. Hucka ma uns mo.

A agente de saúde deu os recados de forma mais rápida e resumida para Clara. Ela não entrou em detalhes como nas outras ocasiões. Talvez por elas morarem muito próximas e conviverem mais, facilitando, assim, a comunicação. Outro fator que também pode ter influenciado nesse caso é o fato de que as pessoas mais idosas precisam de maiores explicações, mais detalhes e repetições para que entendam de forma correta. No caso, Clara não é uma pessoa em idade avançada como Elaide, Hellen e Paulo.

Em determinado momento, estabeleceu-se um silêncio e eu senti a necessidade de quebrá-lo. Então, eu introduzi um assunto usando o dialeto. Quando escrevi o diário de campo e escutei essa parte da conversa, me questionei o porquê da escolha do dialeto. Cheguei à conclusão de que um dos motivos era o fato de eu estar na casa de uma pessoa que eu sabia que conversava muito mais em alemão do que em português. Além disso, o que mais pesou na escolha foi o fato de eu estar habituada a conversar em dialeto com as pessoas da comunidade. Apesar de não estar morando mais no lugar há alguns anos, isso ainda não mudou.

(Diálogo 4: Clara)

(Se estabelece um silêncio e introduzo um novo assunto relacionado ao tempo).

44 PE: Main jacka aus don das gibt woorem.

45 C: Das gibt hait ... die sun woorem, awa de hiwarecht so, is, blaiht dat me kila, men ich, so jen. Is ach jide doh ima so ene schpasich wetha.

46 AS: Hum hum.

Elisa pediu que Clara pegasse a carteirinha em que ela faz as anotações sobre os dados referentes à medição da pressão arterial. Enquanto media a pressão, a agente de saúde fazia as perguntas rotineiras sobre os cuidados para evitar focos do mosquito da dengue. Em seguida, Clara assinou as listas relacionadas à visita e ao recebimento do convite para o almoço promovido anualmente pela prefeitura. Assim, a funcionária da prefeitura encerrou a visita perguntando de forma geral se estava tudo bem.

Seguindo a jornada, fomos à casa de Eloísa (82 anos), aposentada e viúva. Assim como nos outros casos, ela também trabalhou no campo até a sua aposentadoria. Quando chegamos, ela estava sentada na cozinha, esperando a filha Clara para tomar um chimarrão. Pelo que eu pude entender, isso é um hábito diário, uma vez que elas moram perto uma da casa da outra. Entramos, a agente de saúde me indicou uma cadeira e Eloísa nem precisou se levantar. Assim que sentamos, chegou mais uma pessoa: a outra filha de Eloísa que mora nos fundos e ajuda a mãe a cuidar da casa, fornecendo assistência e ela, uma vez que ela já está em uma idade avançada. Quando fui fazer o convite para que Eloísa participasse da pesquisa, ela se encontrava sozinha, Elisa também não mencionou esse fato e eu o desconhecia.

Eloísa aparentava tranquilidade, estava sorrindo e parecia bem humorada. No dia do convite, ela estava séria e a funcionária da prefeitura me disse que esse era o jeito habitual dela. Quando entrou Letícia, a filha dela, a cumprimentamos e ela foi fechar a porta do quarto, pois seu filho estava dormindo naquele momento. Ele havia retornado de viagem àquela manhã, então, a conversa girou entorno disso.

A seguir, a agente de saúde perguntou sobre a saúde de Eloísa e, em seguida, mudou de assunto, falando sobre a noite em que o Grêmio se tornou campeão da Libertadores. A conversa se manteve nesse ponto por um bom tempo, até que Eloísa retomou o assunto da sua saúde, se queixando que não conseguia

dormir determinadas noites. Então, Elisa perguntou se ela ainda estava tomando os remédios relacionados a isso.

Em seguida, a agente de saúde explicou como funcionaria o almoço gratuito promovido pela prefeitura e entregou o convite. Depois, a funcionária da prefeitura mediu a pressão da senhora e, enquanto isso, perguntou sobre o cachorro da família, um filhote chamado Marley, que se tornou o centro das atenções. A seguir, a agente de saúde avisou sobre os dias em que a médica atenderia na localidade e as relembrou sobre os cuidados para a prevenção contra os focos do mosquito da dengue.

O seguinte assunto que foi iniciado estava relacionado às questões de saúde de Letícia e de seu filho. Falaram sobre exames que ela fez e sobre o medicamento que o filho dela precisa tomar. Esse assunto as levou a falar sobre a médica que atende na comunidade e a maneira como ela realiza o seu trabalho. Enquanto isso, Eloísa assinou as listas fornecidas pela agente de saúde. A mesma iniciou um assunto não relacionado às questões de saúde. A visita foi encerrada nesse momento, pois a conversa já havia se estendido bastante. Durante o diálogo, pude perceber que Elisa utilizava o dialeto para se dirigir à Eloísa e o português para se dirigir à Letícia.

(Diálogo 5: Eloísa)

1 AS: Moint!Schen wetha vovo?

2 E: Ijo!

(Entra a filha da Eloísa que a ajuda nos serviços da casa).

11 AS: Oi! Bom dia!

12 Bom dia!

Na casa de Paulo e Hellen, ela também se esforçou mais para falar em dialeto. Isso deve estar relacionado à idade dessas pessoas, que são as mais velhas entre os participantes.

(Diálogo 2: Paulo/Hellen)

14 AS: Ijo. Alles gutche?

15 H: Ijo.Kewiss.

16 AS: Braust net ... so gedange. Ijo.

17 H: Ijo. Ich on necks nicks geschlof.

Ao sairmos da casa de Eloísa, nos dirigimos, então, à propriedade da última família participante. Tratava-se de um casal de idosos, aposentados, que também trabalhou na lavoura a vida toda. Ao chegarmos no lugar, encontrava-se naquele momento o marido, César (69 anos) e uma das netas do casal, Nara (24 anos, idade aproximada). Ambos estavam embalando morangos, que são cultivados pela família.

Chegamos e cumprimentamos os dois. Nara quis se retirar, mas a agente de saúde disse que ela poderia ficar. Percebi no olhar de César tensão e desconforto devido à situação. Recordei que, no dia em que realizei o convite, ele não estava presente, apenas a sua esposa. Talvez isso tenha causado essa situação. Diante disso, senti a necessidade de me inserir na conversa e perguntei em alemão como ele estava, a fim de tornar a situação mais natural e deixá-lo confortável. César respondeu e logo iniciou um assunto em dialeto sobre a colheita de morangos. Elisa perguntou onde estava Luciana (64 anos), a esposa dele. Os morangos se tornaram o centro da conversa.

O seguinte assunto iniciado pela agente de saúde foi a saúde de César que apresenta um problema respiratório e fez exames relacionados a isso. Nesse momento, chegou Luciana que estava comendo uma fruta. A funcionária da prefeitura se dirigiu a ela para avisar sobre o almoço anual promovido pela prefeitura e entregar o convite. O seguinte aviso dado foi sobre o dia em que a médica atenderia na comunidade. Elisa também perguntou sobre a saúde de Luciana, se ela estava realizando o exame de diabetes da forma correta.

(Diálogo 6: César/Luciana)

65 AS: Ijo. E o examizinho tu tá fazendo, o testezinho do tsuga, tu faz no posto ainda?

66 L: Wat fa?

67 AS: Aquele do ... da diabetes. Aquele do tsuga?

Após, a agente de saúde mediu a pressão deles, começando por César. Enquanto isso, eles conversaram sobre um cachorro que pertence à família. Luciana falou sobre a boa colheita de morangos e mencionou que a colheita do ano anterior tinha apresentado uma doença. A funcionária da prefeitura também perguntou sobre os remédios deles, se eles ainda estavam tomando os mesmos e, então, realizaram uma checagem.

A neta, que estava presente, se mostrou a par tanto do assunto do exame que César fez, como dos remédios que ele está tomando, mostrando que deve estar presente de forma frequente na vida dos avós. Em seguida, a agente de saúde mediu a pressão de Luciana. César começou a conversar comigo sobre a colheita de uvas dos meus pais. Em anos anteriores, ele e a esposa costumavam ajudar na colheita quando havia muito serviço. A seguir, ele falou do tempo, sobre os temporais que assolaram várias cidades do Estado naquela semana. Enquanto isso, Elisa pediu para que Luciana assinasse a lista da visita e a lista de recebimento do convite. Após, Luciana também se mostrou interessada em saber como estava a safra de uvas.

(Diálogo 6: César/Luciana)

190 L: Gense schon ende drauwe?

191 PE: Die wole onfenge, men ich, swoi wuhe, ene wuh noch, ora swoi, dan fenhese on se ende.

192 L: Ich hon gesin une baim Gorete, am krist, do henge och so glutche ...

Para finalizar, a funcionária da prefeitura perguntou se eles estavam tendo os devidos cuidados para evitar focos do mosquito da dengue. Durante o diálogo, o casal conversou somente em dialeto, com exceção do cumprimento de chegada. A neta falou em português com a agente de saúde, mas, em alguns momentos, ela alternava do português para o dialeto, tornando evidente que ela fala em dialeto com frequência.

(Diálogo 6: César/Luciana)

83 N: Sim e ela tá ... ela pegou ... há ... s ... cria de um cachorro grande.

84 AS: Ah! Do ... daquele schwat lá? Aquele preto?

85 N: Não. Do Kalling lá!

86 AS: Mas ele veio aqui ou ela foi lá?

87 N: Não. Ele ... Ele ... a vó hot die in geschbet und ...

88 AS: Hum hum.

89 N: ... ele conseguiu entra.

Mais tarde, durante a entrevista, eles mencionaram que, durante a infância, essa neta ficou sob os cuidados deles enquanto os pais trabalhavam. Assim, se encerraram as visitas às casas das famílias. Ao final de cada encontro, eu realizei o questionário com os participantes.

Certas situações que aconteceram durante as visitas não tinham sido previstas por mim. A primeira foi a dificuldade que encontrei em me manter excluída das conversas. A minha proximidade com aquelas pessoas foi um fator positivo para que elas aceitassem participar da minha pesquisa, mas interferiu nos diálogos, pois era praticamente impossível manter-me afastada da situação, o que, na verdade, não foi algo completamente negativo. De certa forma, tornou mais evidente um dos motivos que faz com que ocorra a alternância de uma língua para a outra. Em várias situações, durante as visitas, aconteceu de algum dos participantes se dirigir a mim no dialeto e, logo, em seguida, à agente de saúde em português.

Outra questão que também surgiu no dia da geração de dados foi a inclusão de outras pessoas nos diálogos que não haviam sido convidadas para a pesquisa. Nas seis famílias visitadas, três delas tinham alguma visita presente naquele dia, sendo sempre familiares que moravam perto. Isso não atrapalhou. Pelo contrário, enriqueceu os diálogos, gerando mais assuntos, e, conseqüentemente, mais conversas e mais alternâncias de códigos.

Por último, apresento uma situação que se repetiu em quase todas as visitas. Eu esperava que a alternância de código acontecesse com mais frequência nos diálogos. Excetuando-se a visita à casa de Ilzemar/Loriane e Eloísa, nas outras conversas, as pessoas praticamente falaram somente em alemão. Na verdade, as interações aconteciam na maioria das vezes da seguinte maneira: a agente de saúde falava em português e as pessoas respondiam em alemão. A alternância que

aconteceu foi realizada na maior parte do tempo por Elisa que, por isso, se tornou quase que o centro da análise na questão da alternância de código.

Jamais poderemos prever tudo que acontecerá em um projeto como este. Quando lidamos com pessoas, tudo pode acontecer. Excetuando-se a última questão levantada anteriormente, os outros imprevistos agregaram positivamente ao meu projeto, poderia ter sido diferente, como, por exemplo, alguns dos participantes terem desistido da participação na pesquisa ou sequer terem concordado. Assim, concluí essa parte de forma satisfatória, pois acredito que alcancei os objetivos, recolhi o material necessário e suficiente para a análise.

5 ANÁLISE DOS DADOS

A próxima etapa do trabalho é a análise das conversas de pessoas bilíngues que fazem uso de duas línguas para se comunicarem durante uma conversa que, nesse caso, são o dialeto e o português. Para realizar essa tarefa, eu utilizei três tabelas¹¹ que construí com o objetivo de facilitar a organização das informações e fornecer uma visão mais ampla do todo. A primeira tabela traz as informações referentes à história linguística dos participantes. As duas seguintes, os motivos que fazem com que as pessoas alternem entre duas línguas ou mais e os respectivos exemplos para cada situação, retirados dos diálogos (uma tabela traz as alternâncias de código realizadas pelas famílias e a outra, as realizadas pela agente de saúde). A última tabela traz a classificação dos tipos de alternância que podem acontecer segundo os teóricos em que me fundamentei para o trabalho.

¹¹ Há mais exemplos de motivos para a alternância de código, mas, nas tabelas, apenas mencionei os que identifiquei nos diálogos.

Tabela 1: Biografia linguística das famílias

Nome	Idade	L.materna	S. língua	Escolarização	Como aprendeu a falar o português
Hellen	71	Dialeto	Português	Quarto ano	Na escola aprendeu algumas palavras.
Paulo	81	Dialeto	Português	Quarto ano	Na escola aprendeu algumas palavras.
Elaide	75	Dialeto	Português	Quarto ano	Aprendeu a falar português em idade adulta. Ela ia para a CEASA e lá todos já falavam em português e assim ela aprendeu.
Clara	59	Dialeto	Português	Quinto ano + 1 ano de supletivo	Na escola, aprendeu algumas palavras.
Eloísa	82	Dialeto	Português	Quarto ano	Não soube dizer ao certo. Afirmou ter aprendido escutando os outros conversar.
Luciana	64	Dialeto	Português	Quinto ano	Na escola, aprendeu algumas palavras.
Loriane	59	Dialeto	Português	Quinto ano	Na escola, e mais tarde aprimorou a língua quando começou a trabalhar na fábrica de calçados.
Ilzemar	62	Dialeto	Português	Quarto ano: por três anos, frequentou a escola durante o dia e um ano à noite.	Afirmou ter aprendido algumas palavras em português na escola.

Tabela 2: Motivos para a alternância de código - famílias

Nome	Situação da conversa				
	A pessoa não sabe uma palavra ou mais na língua em que está falando e usa outra língua para preencher a lacuna.	Quando não existe uma palavra correspondente num idioma é preciso utilizar uma palavra de outro idioma.	Quando um dos interlocutores ou ambos trocam o idioma oficial para aquele falado pela minoria, trazendo um clima de descontração e afinidade.	A pessoa alterna a língua que está falando de acordo com quem está falando.	A língua pode ser alterada com a introdução de um novo assunto.
Ilzemar/ Loriane Diálogo 1	203 I: Ah! Bai mea micht aus, ich wo the jornal hole gan, the berrich ruff gan.		(Tiago retoma o assunto dos exames que ele fez, trazendo mais detalhes). 102 T: Dat Ilse wo main eksome hole kan am Dienstag ... und dat hot ligeat, the ferro veia bissie hoch. (Diálogo inicia em português, mais tarde, já se sente mais à vontade e fala no dialeto com a agente de saúde).	(Tiago falando com AS). 22 AS: Braust net, assim, comprimido? Gonicks? 23 T: Nada. Nada. Eu vou entregar o exame na terça. (Tiago falando com a pesquisadora). 54 T: Forich joa ... 57 T: Forich joa wor ich in Hamborichgeföh ... é ...	(AS retoma o assunto do almoço/baile promovido pela prefeitura). 92 AS: Ó Loriane, daí esse é os convitizinhos. Daí só tem que tra ... levar garfo e faca, se vocês irem, escrevi atrás. (Silêncio) (Loriane inicia um novo diálogo). 93 L: Is voorem kep. 94 AS: Ijo. 95 L: Fun gehen. 96 L: Tu veio a pé?
Paulo/ Hellen Diálogo 2					

Elaide Diálogo 3	2 E: Ich hon die dohe raio-x gemacht fun kob...	85 E: Ijo! Und do hon ... mensch, die agente de saúde wo die doha do gewen una in Campes, die hot do nicks gesot. (Röntgenaufnahme seria a palavra correta).			
Clara Diálogo 4					
Eloísa Diálogo 5	99 E: Wen ich mist noch min ônibus fore, dan mo gonet! 318 L: Grod so och mol, wie ich ene mamografia, ene blod falangt hon, do hotse gesod: Mas tu sente alguma coisa?				
César/ Luciana Diálogo 6					

Tabela 3: Motivos para a alternância de código - agente de saúde

Situação da conversa	Agente de saúde
Para destacar ou enfatizar determinado aspecto em uma conversa, usa a alternância de código em uma palavra que seja central para o entendimento do assunto.	41 AS: Tem bastante gente que tem gripe. Ijo. Tá bem feio. Is schroo, assim. (Diálogo 2) 178 AS: Ah ... como é que tá as tuas receita Hellen assim? Tão pra vence? Porque a cubana, ela vem agora di semana que vem, andere woch, gell! Midwoch, dia seis ela vem, e daí ela não vem mais pra esse ano. Dezembro ela não vem mais. (Diálogo 2)
A pessoa não sabe uma palavra ou mais na língua em que está falando e usa outra língua para preencher a lacuna.	22 AS: Braust net, assim, comprimido? Gonicks? 128 AS: Braust net ... ha ha. É só no pulso. Só puxa pra cima um pouquinho. (Diálogo 1)
Repetição, retomada de ideia em línguas diferentes para a facilitação do seu entendimento.	61 AS: Quem sempre tem mel pra vende lá, é o Jacinto lá. O Schons, lá. 62 H: Ich wes net. 63 AS: Hum hum. 64 H: Não sei. Ich wes net. 65 P: Wea? 66 AS: Rosalva sain frau ... ah ... sain man. Jacinto lá. De Elli sain bub. Ella Schons. Ijo.
Quando um dos interlocutores ou ambos trocam o idioma oficial para aquele falado pela minoria, trazendo um clima de descontração e afinidade.	4 AS: Bom dia! (Diálogo 1) 5 L: Bom dia! 6 PE: Bom dia! 7 T: Bom dia! 8 AS: Alles gutche?

	<p>124 AS: Vamo dan blut messe. (Diálogo 1)</p> <p>20 P: Bom dia. (Diálogo 2)</p> <p>21 PE: Bom dia!</p> <p>22 P: Bom dia.</p> <p>23 AS: Kanst ruch dain kafee drinke! Ijo.</p> <p>271 AS: ... na lona, nos tussia, gell? (Diálogo 2)</p>
<p>A pessoa alterna a língua que está falando de acordo com quem está falando.</p>	<p>(A agente de saúde cumprimenta Eloísa.)</p> <p>1 AS: Moint! Schenn wetha gell vovo?</p> <p>2 E: Ija!</p> <p>3 PE: Moint!</p> <p>4 E: Moint!</p> <p>(A agente de saúde cumprimenta Letícia).</p> <p>11 AS: Oi! Bom dia!</p> <p>12 L: Bom dia! (Diálogo 5)</p> <p>37 AS: Hum hum. Mas eu não vi que ele tava ali.</p> <p>(A agente de saúde inicia as perguntas de rotina).</p> <p>38 AS: Hum ... und so Eloísa, alles gut, so? (Diálogo 5)</p>

Tabela 4: Diferentes tipos de alternância de código

	Tag-switching	Inter-setential switching	Intra-setential switching
Ilzemar/ Loriane Diálogo 1	39 AS: Aqui Loriane eu tenho ... é ... uns convitezinhos pro balie do terceiro ... da terceira idade ... weste? 82 L: Mas ela tem um filho, gell? Que ela disse que é vivo.	128 AS: Braust net ... ha ha. É só no pulso. Só puxa pra cima um pouquinho. 18 AS: (Suspiro) E Tiago, como é que ficou a tua pressão? Wie wo das, dein blut? 81 AS: Ela? Ai ... Eu não sei. Ich wes net, gonicks, assim. Não sei como é que ...	
Paulo/ Hellen Diálogo 2			41 AS: Tem bastante gente que tem gripe. Ijo. Tá bem feio. Is schroo, assim. 178 AS: Ah ... como é que tá as tuas receita Hellen assim? Tão pra vence? Porque a cubana, ela vem agora di semana que vem, andere woch, gell! Midwoch, dia seis ela vem, e daí ela não vem mais pra esse ano. Dezembro ela não vem mais.

<p>Elaide Diálogo 3</p>			<p>21 E: Ich hon die dohe raio-x gemach fun kob ...</p> <p>85 E: Ijo! Und do hon ... mensch, die agente de saúde wo die doha do gewen una in Campes, die hot do nicks gesot.</p>
<p>Clara Diálogo 4</p>			
<p>Eloísa Diálogo 5</p>			<p>9 E: Wen ich mist noch min ônibus fore, dan mo gonet!</p> <p>318 L: Grod so och mol,wie ich ene mamografia, ene blod falangt hon, do hotse gesod: Mas tu sente alguma coisa?</p>
<p>César/ Luciana Diálogo 6</p>			

Analisando as informações que obtive através dos questionários, dirigi o meu olhar para a idade dessas pessoas e a época em que nasceram. Todas nasceram entre 1936 e 1959, logo, elas sofreram restrições quanto ao uso do dialeto. Os participantes da pesquisa têm como Língua Materna o dialeto, língua essa que foi ensinada pela família, servindo de ferramenta para se expressarem, criarem vínculos e se inserirem no mundo. Segundo informações retiradas das entrevistas, todos aprenderam o português na escola, ou pelo menos, algumas palavras, já que, segundo afirmaram a maioria dos entrevistados, na época, assim que a criança aprendia a resolver contas matemáticas básicas, escrever o próprio nome e mais algumas palavras, ela era retirada da escola para ajudar a família no trabalho. Isso pode ser observado nos seguintes excertos extraídos das entrevistas de Hellen e Luciana:

“Wen die gelent hon de nome schraiwe ora net, is net wie hait, mea sen fun de schul hem kom und muste ma in die plantoch gen, schafe”. (Hellen)

“In de schul, und dan wo mal a mal, die lerin dan mal a mal bresilhonish geschproch. Nimand kont, ja, die lerin hon sich so dorich geschlept wie meia hait, musma och son. Was ma dan gelent hon, lese, schraiwe und reschne, das hon mea gelent und de rest...Do wore nos trai matérias: mit das reschne, mit das schraiwe dan, und ene ditado wo gemach geb, das mea wuste die weda schraiwe”. (Luciana)

Além da língua materna, eles possuem em comum outros aspectos, como o grau escolarização. Todos frequentaram a escola quase a mesma quantidade de anos, variando no máximo, um ano para mais ou para menos. Os mais velhos estudaram até o quarto ano e os mais novos afirmaram ter estudado até o quinto ano. A profissão é outro fator que possuem em comum, exceto Loriane, que trabalhou em fábrica de calçados por alguns anos, mas que, depois, também se tornou agricultora, todos os outros exerceram essa profissão a vida toda. Capela do Rosário é um lugar pequeno e até hoje, muitos dos moradores trabalham com a agricultura. Então, na época, não poderia ser diferente. Todos afirmaram ter aprendido pelo menos algumas palavras em português na escola, com exceção de Elaide, que contou ter aprendido a língua depois de já estar casada, durante o trabalho, quando ia para a CEASA¹ em Porto Alegre e tinha contato com pessoas de outras cidades. Acredito que isso se deve ao fato de que ela ser a única pessoa

¹ CEASA é a sigla que denomina as centrais de abastecimento em que são comercializados produtos hortifrutigranjeiros de atacado.

entre os participantes que não nasceu e cresceu na localidade. Ela veio residir no lugar depois de casada e é natural de Picada Schneider, localidade que atualmente pertence à Presidente Lucena.

Através da escola, essas pessoas tiveram o primeiro contato com a língua portuguesa. Até então, a única língua falada e conhecida era o dialeto. Todas as pessoas que eles conheciam, família, amigos, vizinhos, enfim, as pessoas da comunidade falavam em alemão e era essa a língua que lhes bastava para conseguir tudo de que precisavam. Isso me remete ao conceito de ilhas linguísticas abordado por Wiesinger, que se refere a comunidades de fala relativamente fechadas, que, como Capela do Rosário, são formadas por pessoas que falam uma língua diferente daquela que é falada pela maioria das pessoas do país. No caso de Capela do Rosário, o dialeto ainda é fortemente presente entre as pessoas. Como na época da colonização alemã, os imigrantes desenvolviam uma estrutura para suprir praticamente todas as suas necessidades nas próprias colônias, essas pessoas não precisavam sair em busca de nada ou quase nada, o que dificultou a entrada da língua portuguesa nas comunidades e é o motivo para que ainda se fale o dialeto amplamente nessa comunidade.

Tudo isso aconteceu há muitos anos e, atualmente, a língua portuguesa que eles aprenderam na escola por obrigação é a sua segunda língua. Ela é necessária para a comunicação deles quando vão ao centro, pois muitas pessoas que não falam o dialeto residem atualmente na cidade de São José do Hortêncio. Isso foi constatado na entrevista que fiz com eles, quando perguntei qual a língua que falavam quando iam ao centro, todos responderam que isso dependia das pessoas com quem falavam.

“Isso depende quem tá lá, quem atende. Demeiacht daitch.” (Loriane)

“Nointsich porcent och nore daitch”. (Ilzemar)

“Ja, das is demno. Wen die laid daitsch spreche, dan schpreche ma och daitsch und wen die laid bresilnhonich schpreche, dan schprechema och bresilnhonich, und so waira”. (Hellen)

Além do centro da cidade, na própria comunidade há cinco famílias residindo que não falam o dialeto e que não são naturais do lugar, sendo oriundas de outras cidades. Isso faz com que as pessoas do lugar tenham maior contato com a língua portuguesa. Além disso, as novas gerações, por exemplo, os próprios netos de algumas das pessoas entrevistadas não sabem falar em dialeto, muitos apenas

entendem ou nem isso. Isso está evidenciado nos trechos das entrevistas em que pergunto se há alguém na família que fala somente em português:

“Pho netos wise daitsch spreche und pho net, awa al faschten daitsch”.
(Elaide)

“Swoi netos wu nore bresilnhonisch schpreche”. (Luciana)

Os dois fatos que citei acima: a mistura de culturas que acontece quando pessoas saem de um lugar para morar em outro e as novas gerações que, devido a diferentes razões, aprendem uma língua e não a outra podem ser diretamente relacionados ao próprio desenvolvimento desses lugares. Tal pensamento me remete às teorizações de Baker sobre o conceito de *language community*. É preciso olhar para Capela do Rosário como uma comunidade onde a língua principal é diferente daquela falada no Brasil, denominada assim, de comunidade linguística. Mas esse fato não a isola do resto do país. As pessoas do lugar convivem e trocam experiências com outras pessoas. A mistura das culturas muitas vezes está relacionada ao desenvolvimento do lugar e esse fator traz mudanças na maneira de pensar e agir das pessoas. Isso acontece principalmente com as novas gerações que nascem e crescem em um contexto diferente das gerações anteriores. As escolas de educação infantil são um exemplo disso. As crianças passam o dia nesse lugar onde a língua falada é o português. Tais lugares não existiam antigamente, as crianças eram cuidadas pelos próprios pais e/ou pelo irmão mais velho. Dessa forma, o dialeto prevalecia fortemente nas comunidades, o que já não acontece mais atualmente. Ainda relacionado ao mesmo tópico, apresento o exemplo da agente de saúde que veio residir na comunidade quando criança. Ela não sabia falar e nem entendia o dialeto. No decorrer dos anos, através da convivência com as pessoas do lugar, ela começou a entender essa língua. Agora, casada com um membro da comunidade e trabalhando como agente de saúde, ela aprimorou seus conhecimentos. Da mesma forma, as pessoas da comunidade também aprimoraram seus conhecimentos de língua portuguesa com ela. Esse movimento de aprendizagem mútua é um exemplo de como as pessoas se adaptam diante de novas situações. Para exemplificar isso, trago um trecho da fala de Elisa que considere relevante para a composição do trabalho:

“[...] Eu comecei a falar alemão, mesmo assim, quando ... depois que eu casei, mais assim. Ijo, daí quando eu vim mora com a sogra, daí ela

falava bastante alemão. Daí eu comecei fala mais assim, mais eu não ... é ... vamos supor, eu não falava direto assim, né.

Daí depois, em 2015, agora, quando eu comecei a trabalhar de agente de saúde, daí eu me vi meio que obrigada a pratica mais. Mais não era necessário fala alemão. Mais eu me sem ... sem ..., me entendia melhor com as pessoas, sabe? E eles se sentiam mais à vontade comigo e muitos nem sabiam que eu sabia fala alemão, sabe? Muitos: 'Main God!' Eles achavam assim, né: 'Nossa tu fala alemão!'. Isso é, né, não é que eu falo, eu me defendo [...]."

Apesar de morar na comunidade há anos, Elisa falava um pouco em dialeto, mas não era o suficiente para o novo desafio que havia surgido: ser agente de saúde em uma comunidade onde o dialeto, como indicado pela agente de saúde, é uma língua ainda muito falada. Como ela afirmou, falar em alemão não era uma obrigação, mas ela sentia a necessidade de utilizá-lo, pois se entenderia melhor com as pessoas. Aqui se pode perceber claramente que em consonância com Baker, falar a mesma língua que as pessoas do lugar (idioma falado por uma minoria) é uma maneira de aproximação, de tentar ser aceito por um grupo. Para que o trabalho de Elisa se tornasse mais prazeroso e mais fácil, era preciso que ela fosse aceita pelas pessoas da comunidade, pois, durante as visitas, muitas vezes são tratados assuntos delicados e íntimos sobre a saúde delas.

O novo emprego trouxe consigo, além da exigência implícita de falar em dialeto, a necessidade de um contato muito mais próximo com as pessoas da comunidade. O que não acontecia, pois, segundo ela, muitos nem sabiam que ela falava em alemão e demonstraram surpresa ao sabê-lo. Ela começou nesse trabalho em 2015 e, uma vez que Elisa aprimorou o uso do dialeto, mas não o domina, ela lança mão de uma série de estratégias para se comunicar com as pessoas da comunidade da melhor maneira possível.

Durante as visitas, pude observar que havia certas características na fala da agente que se repetiam. Quando chegávamos à casa das pessoas, Elisa, na maioria das vezes, realizava o cumprimento em português, dizendo "Bom dia", mas, logo, em seguida, iniciava algum assunto em alemão com o objetivo de trazer um clima de descontração. Sabendo que aquelas pessoas se sentem mais à vontade quando falam em dialeto, a funcionária da prefeitura iniciava as visitas falando nessa língua e, depois, ela alternava para o português. Isso pode ser observado no exemplo que segue abaixo em que a agente de saúde chega à casa de Elaide:

(Diálogo 2: Elaide)

(Elaide estava no pátio e vem nos receber. Entramos e vamos sentar na sala).

1 AS: Bom dia!

2 PE: Bom dia!

3 E: Bom dia!

4 AS: Jets ja! Gell?

5 E: Ijo. Jets ja.

(Risadas)

6 E: Jets gets los.

7 AS: A gente começo cedo hoje. Ijo.

8 E: Ja. Não ... net ...

9 AS: Nohte geb ... é ... fil ... ha ... voorem.

10 E: Ijo. Die sun gibt hais hait.

11 AS: Hum hum

12 AS: Haie ... Ich sen mid haid schon.

13 E: Já?

(Risada)

14 E: Ja, dos du net fore mit kare dorom ... (Fala inaudível)

15 AS: Ijo Si ... Ijo. Que nem agora, mês de dezembro é mais corrido. Daí eu vou usa mais o carro, weste? Pra termina tudo. As pessoas vão pega féria, da ... das get fot, ijo.

No trecho acima, Elisa realizou o cumprimento em português, mas depois fez um comentário em dialeto. Essa estratégia, além de trazer um clima de descontração, também aproxima a agente de saúde dessas pessoas, pois, além de morarem na mesma comunidade, elas possuem algo a mais em comum, a língua, e o fato de a funcionária da prefeitura ter se esforçado em aprender a falar em dialeto mostra que ela valoriza aquelas pessoas. Outra característica na fala da agente de saúde que se repetiu foi o fato de que ela perguntava às famílias se estava tudo bem utilizando o diminutivo, empregando, assim, uma forma carinhosa para falar com elas.

(Diálogo 1: Ilzemar/Loriane)

4 AS: Bom dia!

5 L: Bom dia!

6 I: Bom dia!

7 T: Bom dia!

8 AS: Alles gutche?

Elisa, ao invés de perguntar “Alles gut?”, dizia “Alles gutche?”, empregando uma forma diminutiva da palavra *gut* que não existe em alemão. Essa característica se repetiu em quatro das seis conversas. Usamos palavras no diminutivo quando queremos ser carinhosos com as pessoas e somos próximos a elas. Elisa usou essa estratégia para se aproximar das pessoas, criando um clima de maior intimidade ao fazê-lo.

Além disso, na maioria das vezes em que a agente media a pressão das pessoas, ela fazia referência à ação em dialeto. Se a conversa anterior era em português ou dialeto, a frase em que ela falava que iria medir a pressão era em dialeto:

(Diálogo 4: Clara)

(A agente de saúde mede a pressão de Clara).

59 C: Tu vai medi minha pressão?

60 AS: Ijo, pode senta. Dein blut messe.

61 C: Ou tanto faz wass fa orme?

62 AS: Esquerdo é melhor. É mais alto sempre ali. Daí é sempre melhor olha o esquerdo.

Penso que a agente falou em dialeto nesses momentos para descontrair as pessoas, uma vez que, ao medir a pressão delas, ela tem um contato físico mais próximo com elas. Isso pode trazer um desconforto para algumas e, utilizando o dialeto, ela está amenizando possíveis tensões. Isso inclusive é necessário para que a medição da pressão seja eficaz, pois as pessoas precisam estar calmas para que isso ocorra.

Outro padrão percebido durante as visitas e que faz com que os indivíduos usem a alternância de código em um diálogo, segundo Baker, está diretamente

ligado às pessoas que estão envolvidas na conversa. Isso está evidenciado nos excertos retirados dos diálogos 1 e 5:

(Diálogo 1: Ilzemar/ Loriane)

(Tiago falando com AS).

22 AS: Braust net, assim, comprimido? Gonicks?

23 T: Nada. Nada. Eu vou entregar o exame na terça.

(Tiago falando com PE).

54 T: Forich joa ...

57 T: Forich joa woar ich in Hamborich gefoh ... é ...

Nesse trecho, Tiago se dirigiu à agente de saúde em português, mas quando falou comigo, ele utilizou o dialeto. O fato de eu ter nascido e crescido na comunidade faz com que as pessoas quase sempre falem comigo nesse idioma. É algo natural e pode-se dizer que a escolha da língua nesse caso acontece de forma inconsciente. Ele não pensou qual língua iria utilizar, ele simplesmente falou. A mesma característica se repetiu no trecho que segue:

(Diálogo 5: Eloísa)

(Eloísa está sentada na cozinha, ao lado do fogão à lenha).

1 AS: Moint! Schenn wetha gell vovo?

2 E: Ija!

3 PE: Moint!

4 E: Moint!

(A agente de saúde se senta e pede que eu faça o mesmo. Sentamos na cozinha onde a Eloísa está sentada).

5 AS: Senta é ... Karine. Oie!! Clara komt gleich.

6 E: Ah ah.

7 AS: Ijo. Das ...

(Eloísa comenta que estava pensando em fazer um chimarrão para ela sozinha, pois a filha dela que vem sempre tomar chimarrão com ela, estava demorando).

8 E: Ich wolt grod ... ich hon gedenk, jets mach ich len ene tee wen ...

9 AS: Ne! Das komt ...

(Entra a filha da Eloísa que a ajuda nos serviços da casa).

11 AS: Oi! Bom dia!

12 L: Bom dia!

(A agente de saúde explica o motivo pelo qual a filha dela está demorando).

13 AS: Ijo. Ela espero nós ali daí ha ...

Nesse caso, a funcionária da prefeitura manteve toda a conversa com Eloísa em dialeto, mas, quando chegou Letícia, a filha da dona da casa, imediatamente, Elisa começou a falar em português com ela. Pude perceber durante as visitas que a agente de saúde se esforçava bastante para falar em dialeto com as pessoas mais idosas que, nesse caso, eram Paulo, sua esposa Hellen, Elaide e Eloísa. Já com os participantes mais jovens, ela falava mais em português, como é o caso de Letícia, que participou da pesquisa mesmo não sendo uma das pessoas convidadas. Isso pode ser atribuído ao fato de que, quanto mais idosas as pessoas são, maior é a dificuldade em aprender uma nova língua e, além disso, as pessoas mais idosas cresceram em uma época em que o contato com a língua portuguesa era mínimo; quanto mais velha a pessoa, menos contato ela teve com esse idioma durante a infância e juventude.

O contexto também é um fator que influencia a alternância de línguas. Nesse caso, o contexto não é um lugar neutro, pelo contrário, a agente de saúde vai até a

casa dessas pessoas, que é o lar delas, onde elas recebem os familiares, amigos, enfim, pessoas com as quais possuem fortes vínculos afetivos. Geralmente, com essas pessoas, elas utilizam a língua com a qual se sentem mais à vontade em falar, que, nesse caso, é o dialeto. Então, esse lugar os remete a utilizar o dialeto inconscientemente, pois é a língua que elas estão acostumadas a usar nesse contexto. Talvez seja esse um dos motivos que levou a maioria das pessoas a não falarem em português em quase nenhum momento durante as visitas, ocorrendo poucas alternâncias por parte das pessoas visitadas.

Também podemos abordar essa situação de outra forma. A agente de saúde utilizou o dialeto para se aproximar daquelas pessoas e ser aceita. Durante as visitas, pude perceber que essa estratégia funcionou. Dessa forma, pode-se interpretar o fato de que quase todas as pessoas falaram somente em dialeto como um sinal de aceitação. Agora, ela pertence ao mesmo grupo que eles e o que propiciou isso foi a língua. A agente de saúde já pertencia à comunidade, estava inserida na mesma, ela casou com uma pessoa do lugar, mas, o que realmente fez com que ela fosse aceita por aquelas pessoas foi a aprendizagem do dialeto. A língua é um importante componente na formação de cada ser humano, tendo, assim, um valor inestimável. Para as pessoas de mais idade, isso é ainda mais importante, pois muitas delas, como afirmaram nos questionários, “se defendem” ao utilizar o português, ou seja, a língua com a qual elas realmente conseguem se expressar de forma plena é o dialeto e não a língua portuguesa. Isso pode ser observado no trecho de uma das entrevistas que segue abaixo:

“Qual a idade você tinha quando aprendeu a falar o português? Você escreve em português também?” (Pesquisadora)

“Na escola, desde o começo. Com a fala, eu sei me defender. Sei escrever assim.” (Clara)

Essa mesma afirmação apareceu na fala de outros participantes. A maioria deles se sente inseguro para falar em português. Talvez, um dos motivos seja a falta de prática, pois dentro da comunidade, eles, praticamente, só conversam em alemão. Eles utilizam o português pela necessidade e não pela preferência. Afinal, foi com o dialeto que aprenderam a se comunicar, que falavam com os irmãos, pais e avós. Ele possui um valor sentimental sem proporções e, quando alguém que não pertence à comunidade aprende a falar essa língua, essa pessoa merece respeito,

ao ponto de ser aceita como pertencente ao grupo, como é o caso da agente de saúde.

Durante a primeira visita, um dos participantes falava somente em português com Elisa, mas, depois, ele alternou para o dialeto:

(Diálogo 1: Ilzemar/Loriane)

18 AS: (Suspiro) E Tiago, como é que ficou a tua pressão? Wie wo das, dein blut?

19 T: O Dalmir di ... o Dalmir disse que tava bom assim.

20 AS: Hum hum.

21 T: Só que os exames vieram só na terça.

(Tiago retoma o assunto dos exames que ele fez, trazendo mais detalhes e agora em alemão. Antes ele falava em português).

102 T: Dat Ilse wo main eksome hole kan am Dienstag ... und dat hot ligeat, the ferro veia bissie hoch.

Das linhas 18 a 21, a agente de saúde falou em português e em dialeto com Tiago, que respondeu utilizando o português. Em outro momento, Tiago iniciou uma conversa em dialeto, ou seja, eles trocaram o idioma oficial para aquele falado pela minoria. A situação pode ser abordada de duas maneiras. Elisa já é vista como um membro do grupo e, como tal, nada mais natural do que usar a língua que é característica deles. A outra abordagem pode ser realizada da seguinte forma: no início da visita, todos estavam um pouco nervosos, isso pode ser percebido devido ao silêncio dos participantes, que relatei nos diários de campo. Mas, no decorrer da conversa, diversos assuntos foram tratados e o clima, aos poucos, se tornou mais descontraído, até o momento em que os participantes se sentiram à vontade para falar em dialeto, língua utilizada em momentos de descontração, com pessoas mais próximas e o que também remete à ideia de que a gente de saúde está inserida nesse grupo.

Quando menciono a palavra grupo, estou me referindo aos descendentes de imigrantes de alemães que, entre outras características, possuem o dialeto em comum. Quem fala essa língua também possui uma marca presente em sua fala, o sotaque que faz com que as outras pessoas os reconheçam como pertencentes ao mesmo grupo. Esse pensamento me remeteu às teorizações de Peter Auer. O autor afirma que falar de certa maneira insere as pessoas em determinado grupo.

O grupo ao qual me refiro possui certas características em sua fala que não poderão ser encontradas em qualquer outra parte do mundo. O dialeto falado aqui teve a sua origem na Alemanha, mas ele sofreu mudanças diferentes daquele falado no país de origem. O contato entre diferentes dialetos e a inserção de palavras da língua portuguesa tornou esse idioma único.

Durante as visitas, tornou-se evidente o uso de palavras da língua portuguesa em frases faladas em dialeto. Isso acontecia quando eles não sabiam alguma palavra em dialeto; então, utilizavam o português para preencher a lacuna. Essa situação ocorreu diversas vezes, mostrando que é uma estratégia comum utilizada por eles na comunicação.

(Diálogo 3: Elaide)

21 E: Ich hon die dohe raio-x gemach fun kob ...

(Diálogo 5: Eloísa)

99 E: Wen ich mist noch min ônibus fore, dan mo gonet!

(Diálogo 5: Eloísa)

318 L: Grod so och mol, wie ich ene mamografia, ene blod falangt hon, do hotse gesod: Mas tu sente alguma coisa?

(Diálogo 1: Ilzemar/Loriane)

203 P: Ah! Bai mea nicht aus, ich wo the jornal hole gan, the berrich ruff gan.

Apresentei exemplos de diferentes conversas em que as pessoas estavam falando em dialeto e, quando não sabiam determinada palavra naquela língua, eles diziam a palavra em português. Essa forma de comunicação foi usada com muita frequência e não foi um empecilho para a compreensão do que foi dito. As frases eram de fácil compreensão, mesmo para quem não dominasse o dialeto tão bem, como era o caso de Elisa. Na verdade, a inserção de uma palavra em português numa frase em dialeto pode facilitar a compreensão do que está sendo dito, podendo servir como um auxílio para quem possui mais dificuldade em entender a língua. Nos exemplos abaixo, foi a agente de saúde que lançou mão desse recurso durante o diálogo.

(Diálogo 1: Ilzemar/Loriane)

22 AS: Braust net, assim, comprimido? Gonicks?

128 AS: Braust net... ha ha. É só no pulso. Só puxa pra cima um pouquinho.

128 AS: Braust net... ha ha. É só no pulso. Só puxa pra cima um pouquinho.

A funcionária da prefeitura iniciou o diálogo em alemão, mas alternou para o português porque lhe faltou vocabulário para terminar a frase em dialeto. Ela não domina a língua e, por isso, a alternância de código acontece com frequência. Em todas as visitas, eu pude observar que a agente de saúde diz frases em português, mas dentro da frase, há alguma palavra em dialeto. Ela utiliza essa estratégia como um recurso para manter a proximidade através da língua. Como não a domina muito bem, foi a maneira que encontrou. Essa estratégia pode ser observada nos dois exemplos que seguem:

(Diálogo 2: Paulo/Hellen)

(A agente de saúde questiona se eles estão tendo os cuidados necessários com a água parada, para evitar focos do mosquito da dengue).

269 AS: E assim ao redor de casa Hellen, dut ima uf passa, gell? Assim, água parada, na ...

270 H: Ijo

271 AS: ...na lona, nos tussia, gell?

(Como Loriane estava com a pressão alterada, Fabiano resolve medir a pressão também).

191 F: Então eu vô medi pressão!

192 AS: Ijo. Senta.

Na linha 269 do primeiro exemplo, ela começa a frase em português, depois alterna para o dialeto e o mesmo acontece na linha 270. Ela inicia em português, porque é mais fácil para ela e depois alterna para o dialeto para manter o vínculo através da língua com as pessoas.

No segundo exemplo, ela utilizou a palavra “ijo” em alemão (dialeto), que significa sim em português. Essa palavra apareceu muito durante todos os diálogos. Em vários casos, as pessoas diziam algo em alemão e a agente de saúde simplesmente confirmava dizendo “ijo”. Dessa forma, ela não precisava falar tanto em dialeto restringindo-se a um simples comentário. Elisa está tão habituada a usar

esse comentário que durante a sua conversa comigo, mesmo sendo ela toda em português, ela também o utilizou:

“E aí tu veio mora pra cá, no meio dos alemão.” (Pesquisadora)

“Ijo. Daí eu vim ... vim pra cá, mais daí eu comecei a falar alemão, mesmo assim, quando ... depois que eu casei, mais assim. Ijo, daí quando eu vim mora com a sogra, daí ela falava bastante alemão. Daí eu comecei fala mais assim, mais eu não ... é ... vamos supor, eu não falava direto assim, né.” (Agente de saúde)

Eu havia feito uma afirmação em português e ela concordou comigo usando a palavra “ijo”. É o único momento em que isso aconteceu, mas demonstra que ela adquiriu certos hábitos linguísticos devido ao convívio diário com as pessoas da comunidade. Mesmo quando não está trabalhando, ela se encontra com essas pessoas em outras situações, dessa forma, ela pratica o dialeto frequentemente.

Há outra razão que faz com que as pessoas utilizem palavras em português durante as conversas em dialeto. Em algumas situações, não existe no dialeto uma palavra que irá corresponder exatamente em sentido à palavra que se deseja mencionar. Então, as pessoas utilizam a palavra em português:

(Diálogo 3: Elaide)

85 E: Ijo! Und do hon ... mensch, die agente de saúde wo die doha do gewen una in Campes, die hot do nicks gesot.

No exemplo acima, a palavra agente de saúde foi inserida em uma frase em dialeto. O sentido não foi prejudicado e, assim, como no caso anterior, a inserção de uma ou mais palavras em português em meio a uma frase em dialeto pode facilitar o entendimento do que está sendo dito por quem não domina muito bem essa língua.

Outra circunstância que pode acarretar a alternância de código é o teor do assunto. Olhando dessa perspectiva, o que poderia ter acontecido durante as visitas era que Elisa utilizasse a língua oficial para dar os avisos relacionados a seu trabalho e, quando o assunto não tivesse relação a isso, como, por exemplo, falar sobre o tempo, fazer brincadeiras, tais tópicos poderiam ser conversados em dialeto. Mas isso não aconteceu porque a agente de saúde não tem o domínio do dialeto e, por isso, não se sente segura para fazer maior uso dessa língua. Normalmente, há palavras em português em frases em alemão ou vice-versa.

Outra circunstância que ocasionou a troca de uma língua para outra foi a introdução de um novo assunto. No exemplo abaixo, a conversa estava transcorrendo em português, o assunto foi encerrado e todos permaneceram em silêncio. Então, Loriane introduziu um novo tópico que estava relacionado ao tempo:

(Diálogo1: Ilzemar/Loriane)

(AS retoma o assunto do almoço/baile promovido pela prefeitura).

92 AS: Ó Loriane daí esse é os convitinhos. Daí só tem que tra ... levar garfo e faca, se vocês irem, escrevi atrás.

(Silêncio)

(Loriane inicia um novo diálogo).

93 L: Is voorem kep.

94 AS: Ijo.

95 L: Fun gehen.

96 L: Tu veio a pé?

Pode-se observar que a mudança de uma língua para outra teve como única função a introdução de um novo assunto. Loriane introduziu o assunto dizendo uma frase em dialeto, mas, depois, alternou para o português imediatamente.

Como já mencionei anteriormente, a agente de saúde fazia um esforço maior para falar em dialeto com as pessoas mais velhas. Quando Elisa informava a elas sobre os avisos, geralmente, ela explicava os assuntos de forma mais detalhada. Dessa maneira, ela utilizava a alternância de código como ferramenta de auxílio nas explicações, explicando a mesma informação nas duas línguas para facilitar o entendimento, como no exemplo abaixo:

(Diálogo 2: Paulo/Hellen)

61 AS: Quem sempre tem mel pra vende lá, é o Jacinto lá. O Schons, lá.

62 H: Ich wes net.

63 AS: Hum hum.

64 H: Não sei. Ich wes net.

65 P: Wea?

66 AS: Rosalva sain frau ... ah ... sain man. Jacinto lá. De Elli sain bub. Ella Schons. Ijo.

Em português, Elisa mencionou ao casal sobre uma pessoa na comunidade que possuía mel para a venda. Mesmo ela dizendo o seu nome, o casal não sabia a quem ela se referia. Então, ela explicou em dialeto de forma mais detalhada quem seria essa pessoa. A agente de saúde alternou do português para o alemão com o objetivo de facilitar a compreensão da sua fala. Apesar de ela não ter utilizado as mesmas palavras, ela realizou a alternância para explicar quem era essa pessoa. Ou seja, a alternância de código ocorreu para que a informação dada pela agente de saúde fosse compreendida. Ao final da explicação em dialeto, Hellen ainda não sabia de quem Elisa estava falando, mas Paulo sim. No caso de Hellen, não foi a falta de domínio sobre o dialeto por parte de Elisa ou a falta do domínio do português por parte de Hellen que fez com que ela não compreendesse a informação. Apesar de toda a explicação em dialeto, ela ainda não sabia sobre quem a agente de saúde estava falando.

A alternância de código entre as duas línguas também foi utilizada pela funcionária da prefeitura nas situações em que ela queria destacar determinado aspecto sobre um assunto. Ela dizia uma frase em português, mas, dentro dessa frase, ela alternava uma palavra que era central para o entendimento do tópico para o dialeto:

(Diálogo 2: Paulo/Hellen)

41 A: Tem bastante gente que tem gripe. Ijo. Tá bem feio. Is schroo, assim.

178 AS: Ah ... como é que tá as tuas receita Hellen assim? Tão pra vence? Porque a cubana, ela vem agora di semana que vem, andere woch, gell! Midwoch, dia seis ela vem, e daí ela não vem mais pra esse ano. Dezembro ela não vem mais.

Sobre os dois exemplos acima, no primeiro assunto, eles falaram da gripe de Paulo. A agente de saúde disse três frases em português para explicar a ideia de que havia vários casos de gripe na comunidade. Na última delas, ela falou uma palavra em alemão “schroo”, que nesse caso significa difícil, ou seja, que a situação estava difícil devido ao fato de que havia muitas pessoas doentes.

Já no segundo exemplo, Elisa avisou sobre os dias em que a médica atenderia na comunidade. Ela destacou a informação de que o último atendimento para o ano seria na quarta-feira da próxima semana e foram essas as palavras ditas

em alemão: *midwoch*: quarta-feira e *andere woch*: próxima semana (Nesse caso, as palavras faladas em dialeto foram duas e não uma, mas a ideia é a mesma).

O segundo exemplo citado acima sobre o dia em que a médica iria atender na comunidade pode ser interpretado de outra maneira também. Essa fala acontece durante a visita a Paulo e Hellen, pessoas com as quais a funcionária da prefeitura procura falar mais em alemão por serem mais velhas. Então, pode-se entender que a agente de saúde utilizou a fala de palavras chave em dialeto nas frases em português para que o casal compreendesse com mais facilidade a informação. Nesse caso, Elisa não repetiu a informação completa em uma língua e depois na outra, ela apenas disse as palavras essenciais para o entendimento em dialeto, mantendo a mesma função.

Uma situação que não aconteceu durante as visitas foi a utilização de alternância de código para dar ordens. Alguns indivíduos bilíngues, ao fazerem um pedido ou darem uma ordem, o fazem primeiro em uma língua e, para reforçar a ideia, depois o fazem em outra. No caso de Elisa, se ela seguisse essa linha de comportamento, faria pedidos ou ordens em português, que é a língua oficial do país, para demonstrar autoridade ou reforçar uma ideia. Mas isso causaria um efeito oposto ao que Elisa gostaria. Afinal, ela aprendeu a falar o dialeto justamente para se aproximar dessas pessoas e conseguir se comunicar da melhor maneira possível com elas. Além disso, a sua tarefa como agente de saúde, entre outras, é aconselhar as pessoas sobre questões de saúde, como, por exemplo, quando a pessoa se queixa de um determinado problema de saúde, ela deve aconselhá-la a procurar um médico. Ela não pode dizer o que a pessoa deve fazer. Não é educado e ela não possui a autoridade necessária para fazê-lo. Além disso, caso ela agisse de forma autoritária, a comunicação com aquelas pessoas poderia se tornar difícil, pois elas, provavelmente, não gostariam desse tipo de atitude. A relação entre a funcionária da prefeitura e as pessoas da comunidade é delicada e precisa ser cuidadosamente estabelecida e mantida por Elisa, como pode ser observado no excerto retirado da conversa da agente de saúde com Paulo e Hellen:

(Diálogo 2: Paulo/ Hellen)

119 AS: E os pé, Paulo? Melhero um poquinho?

120 P: Ich glob net.

121 AS: Hum

122 P: Ich wesas ah net.

123 AS: Hum hum. Tão bem inchados.

124 P: (Fala inaudível) ... die fiis wole gucke.

125 AS: Hum hum.

126 P: Die sit ma toch net.

127 AS: Awa dat dut net we?

128 P: Hum hum. Ne.

129 AS: Gonicks, gell?

130 P: Ne. We net.

131 AS: Tu ... tu tá deixando teus pé pra cima, assim, um pouquinho, quando tu consegue?

132 H: Ijo, ijo ijo.

133 AS: Ijo. Esse chinelo ... é ... a cubana não gosta desse chinelo aqui.

134 H: Ijo, ijo, Ijo.

135 P: Sim.

136 AS: Guck mo, óia.

137 P: Sim.

138 AS: Sim, de vez em quando tu usa ele, né?

Nesse trecho, o tópico da conversa foram os pés de Paulo que estavam inchados devido a um problema de saúde. Elisa perguntou como estavam os pés dele e chamou a atenção para o chinelo que ele estava usando, dizendo que a médica reprendia o uso desse modelo de calçado no caso de Paulo. Então, o casal acabou se exaltando um pouco pela crítica da agente de saúde, o que pôde ser percebido pela elevação do tom de voz de ambos. Para amenizar a situação, a funcionária da prefeitura respondeu por Paulo a sua própria crítica dizendo, então, que ele usava esse chinelo somente em alguns momentos, e a estratégia funcionou. O trabalho de agente de saúde é bastante delicado, pelo fato de ela interagir diretamente com as pessoas, tratando de assuntos íntimos relacionados à saúde delas. É preciso cuidado na escolha das palavras e, nesse caso, a escolha da língua também é importante. Escolhas erradas podem causar atritos que prejudicariam a

relação que ela tem com essas pessoas e, conseqüentemente, prejudicariam o seu trabalho.

Como podemos observar até agora, existem diferentes razões que fazem com que pessoas bilíngües alternem de uma língua para outra. Esse fenômeno depende de quem participa da conversa, do ambiente em que ela ocorre, do tópico a ser tratado, enfim, há muitos fatores que influenciam a maneira como a comunicação acontece.

Além de olhar para as razões que levam à alternância de código, também é fundamental observar de que maneira ela ocorre, quais são as características presentes nas falas das pessoas bilíngües. Para realizar essa análise, eu fiz diversas leituras de diferentes teóricos, mas me detive em apenas um.

Romaine, a autora escolhida, define a alternância de códigos e traz uma classificação sobre os tipos de alternância que podem acontecer e que apresento na sequência. Durante os diálogos, determinadas características se repetiram nas falas dos participantes, entre elas, aconteceu o que Romaine denomina de tag-switching. Isso pode ser observado nos exemplos abaixo:

(Diálogo 1: Ilzemar/Loriane)

82 M: Mas ela tem um filho, gell? Que ela disse que é vivo.

(Diálogo 2: Paulo/Hellen)

83 AS: Eu posso fala pra ele e ele pode traze um aqui, gell?

(Diálogo 5: Eloísa)

40 AS: Ijo. Os mesmos comprimidos ainda, gell?

(Diálogo 1: Ilzemar/Loriane)

39 AS: Aqui Loriane eu tenho ... é ... uns convitezinhos pro balie do terceiro ... da terceira idade ... weste?

Nos três primeiros exemplos (linhas 82, 83 e 40), podemos observar que as frases foram ditas em português, mas a palavra final foi dita em alemão: “gell”. No português essa palavra corresponde ao “né”, por exemplo: “Filme legal, né?”. É uma espécie de expressão que utilizamos na língua portuguesa e, como podemos observar, é utilizada no dialeto também. No último exemplo (linha 39), a frase também foi dita em português e a última palavra em dialeto: “weste”, que tem o significado de *sabe* ou, dependendo da frase, significa *lembra*, por exemplo:

“Domingo acontecerá aquela festa que tem todo ano, sabe/lembra?”. Assim como no exemplo anterior, a palavra em dialeto é uma espécie de expressão também utilizada em português. Nesses casos, as palavras em dialeto não alteram o sentido das frases, podendo até ser retiradas, o que não mudaria o sentido do que está sendo dito. Elas funcionam como um complemento dentro da frase. Essa característica está presente, principalmente, na fala da agente de saúde que é quem mais fala em português.

Durante as conversas, os falantes alternavam de uma língua para outra de diferentes maneiras. Foram encontradas, nos diálogos analisados, frases ditas em uma língua, mas contendo uma palavra ou mais em outra. Nesse caso, a alternância ocorreu dentro da frase, sendo que a frase foi dita em uma língua, mas, uma ou algumas palavras foram ditas em outra, como nos exemplos abaixo:

(Diálogo 1: Ilzemar/Loriane)

203 P: Ah! Bai mea nicht aus, ich wo the jornal hole gan, the berrich ruff gan.

(Diálogo 2: Paulo/Hellen)

41 AS: Tem bastante gente que tem gripe. Ijo. Tá bem feio. Is schroo, assim.

(Diálogo 3: Elaide)

21 E: Ich hon die dohe raio-x gemach fun kob ...

(Diálogo 3: Elaide)

85 E: Ijo! Und do hon ... mensch, die agente de saúde wo die doha do gewen una in Campes, die hot do nicks gesot.

(Diálogo 2: Paulo/Hellen)

178 AS: Ah ... como é que tá as tuas receita Hellen assim? Tão pra vence? Porque a cubana, ela vem agora di semana que vem, andere woch, gell! Midwoch, dia seis ela vem, e daí ela não vem mais pra esse ano. Dezembro ela não vem mais.

A agente de saúde tem o hábito de falar mais em português. Muitas vezes, durante as visitas, ela falava frases em português, mas introduzia uma palavra em alemão. Já os outros participantes, como têm o hábito de falar a maior parte do tempo em dialeto, faziam o contrário da funcionária da prefeitura. Eles falavam frases inteiras em dialeto, com a exceção de uma palavra em português. Nos quatro primeiros exemplos (linhas 203, 41, 21 e 85), os falantes introduziram em suas frases apenas uma palavra em outra língua. Já no último exemplo (linha 178), Elisa disse três palavras em dialeto, mas as duas primeiras são ditas dentro de uma frase

e a outra está inserida na próxima. Em todos os exemplos, o que os falantes fizeram foi inserir palavras em um idioma diferente dentro das frases, palavras essas que, isoladas, não fazem sentido, elas apenas fazem sentido no conjunto da frase. Essa alternância de código que acontece dentro da frase e com apenas algumas palavras ou uma palavra é denominada por Romaine como *Intra-setential switching*.

Existe, ainda, uma outra classificação para mais um tipo de alternância de código que também ocorreu durante os diálogos chamada de *Inter-setential switching* que acontece quando os falantes dizem uma frase em cada idioma, como acontece nos exemplos abaixo:

(Diálogo 1: Ilzemar/Loriane)

18 AS: (Suspiro) E Tiago, como é que ficou a tua pressão? Wie wo das, dein blut?

81 AS: Ela? Ai ... Eu não sei. Ich wes net, gonicks, assim. Não sei como é que ...

128 AS: Braust net ... ha ha. É só no pulso. Só puxa pra cima um pouquinho.

Como podemos observar nos exemplos acima, a agente de saúde alternou entre o português e o dialeto. Na primeira frase, ela fez uma pergunta em português e depois a repetiu em dialeto. No segundo exemplo, ela fez uma afirmação em português e depois a repetiu em dialeto. Já no último exemplo, ela fez o contrário, a primeira frase foi dita por ela em alemão e, depois, alternou para o português.

Terminada essa etapa do trabalho, apresento, a seguir, as considerações finais, em que trago algumas reflexões sobre o mesmo. Procuo estabelecer uma relação entre o que foi analisado nos diálogos e as informações obtidas através dos questionários, do diário de campo e da teoria.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o princípio, a minha ideia para a realização desta pesquisa foi a valorização das comunidades alemãs no sul do país. A maneira que encontrei de fazê-lo foi escrever sobre a língua que essas pessoas falam. Não poderia ter realizado escolha melhor. Afinal, a língua faz parte da identidade de cada um. Ela é carregada de valores afetivos. É com ela que as pessoas aprendem a se expressar e é por meio dela que criam vínculos. Além disso, há cada vez menos pessoas que falam o dialeto nessas comunidades. Mais um fator que demonstra a relevância dessa pesquisa.

A ideia de gravar os diálogos que acontecem durante as visitas que a agente de saúde faz às pessoas da comunidade surgiu durante uma conversa de Elisa comigo. Como eu pedi que ela escolhesse as famílias em que a alternância de código acontecesse com mais frequência, estava confiante de que as conversas que eu gravaria seriam ricas em trocas entre o dialeto e o português. Mas isso não aconteceu devido a alguns fatores que influenciaram a agente de saúde nas suas escolhas. Ela conhece bem as pessoas da comunidade e selecionou as pessoas que ela pensava serem mais propensas a aceitarem o convite e, também, selecionou pessoas com as quais se sentiria mais à vontade.

Em quase todas as famílias visitadas, os diálogos foram estabelecidos da seguinte maneira: Elisa falava em português e as pessoas respondiam em dialeto. A agente de saúde foi quem realizou a maioria das alternâncias de código. Ela utiliza o dialeto como uma maneira de se aproximar dessas pessoas e, também, para conseguir se comunicar melhor com elas.

Como mencionei anteriormente, em várias visitas, os participantes mantinham o diálogo em dialeto, excetuando-se a agente de saúde. Isso me remete a algumas informações obtidas durante as entrevistas. Todas essas pessoas têm como língua materna o dialeto, sendo o português a sua segunda língua. Todos eles cresceram ouvindo as pessoas ao seu redor falando em *Hunsrückisch*. Na escola, aprenderam algumas palavras em português, o que não era o suficiente para uma comunicação com outra pessoa nessa língua. Eles também não tinham com quem praticar a nova língua que estavam aprendendo. Frequentavam a escola por alguns poucos anos e, depois, eles tinham o dever de ajudar os pais no serviço. Além disso, praticamente todas as pessoas da comunidade falam em dialeto e, quando vão ao centro, apenas

falam em português se a pessoa com quem precisarem conversar não souber falar em *Hunsrückisch*. Todas essas situações citadas têm como resultado a insegurança para falar em português. Muitos participantes afirmaram que “se viravam” nessa língua. Eles apenas falam em português em caso de necessidade e, assim, praticam pouco esse idioma. Outro fator que pode ter influenciado essas pessoas a falarem em dialeto é o meio onde as visitas aconteceram. Elas foram realizadas em um ambiente onde, geralmente, a única língua falada é o dialeto. Ou ainda, a agente de saúde é considerada um membro da comunidade e, assim, as pessoas que pertencem a um mesmo grupo utilizam a mesma língua. Obviamente, Elisa não domina o dialeto, mas ela se esforça bastante para utilizá-lo em suas falas, o que é valorizado por eles.

A agente de saúde, por sua vez, como não domina o dialeto, lançava mão de diversas estratégias para conseguir realizar o seu trabalho e manter um contato mais próximo com as pessoas da comunidade. Ao mesmo tempo em que era fundamental repassar informações para essas pessoas, ela também tinha que manter um vínculo com elas. Então, saber falar em dialeto é muito importante para o seu trabalho. Principalmente com as pessoas mais idosas, uma vez que ela também utilizava esse idioma para que entendessem melhor o que ela dizia. Assim como essas pessoas que vivem nas comunidades alemãs, existem vários outros grupos no Brasil que também usam uma língua diferente para se comunicar que não é o português.

A escrita desse trabalho me fez olhar para essas pessoas de outra maneira. Nunca havia refletido sobre a biografia linguística delas, quais motivos as levaram e levam a falar quase que somente em dialeto e pouco em português. Na época que essas pessoas que participaram da pesquisa frequentaram a escola, a língua materna delas sofreu graves restrições. Atualmente, acontece o contrário, está se buscando resgatar e valorizar o dialeto. Como seria a atitude desses falantes em relação a essas línguas se a restrição não tivesse acontecido? Os tempos mudam e as línguas que são valorizadas também. Como essas mudanças de valores em relação à língua que falamos afeta a nossa vida? Não se trata de um objeto, mas, sim, de algo que faz parte da essência do ser humano.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, V. C.; FREY, J. *Das bresilionische Deitsch unn die deutsche Bresilioner: en Hunsrickisch Red Fo die Sprocherechte*. In: *Revista Contingentia*, Porto Alegre, v. 1, Nov. 2006, p. 39-50.
- AMSTAD, T. *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul: 1824-1924*. Tradução de Arthur Blasio Rambo. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999, p. 646.
- AUER, P.; ARNHOLD, J. BUENO-ANIOLA, C. *Being a “colono” and being “daitsch” in Rio Grande do Sul: Language choice and linguistic heterogeneity as a resource for social categorisation*. In: *Calidoscópio*, São Leopoldo, vol. 3, nº 3, set-dez 2005, p. 170-183.
- BAKER, Colin. *Foundations of bilingual education and bilingualism: Second Edition*. England: Multilingual Matters Ltd., 1997, p. 86-87-88-89.
- BORSTEL, C. N. von. *Identidades étnicas e situações de uso de línguas*. In: *Palavra 11*, Rio de Janeiro, 2003, p. 134-145.
- BRAUN, F. K. *História de São José do Hortêncio: A antiga Picada dos Portugueses*. São Leopoldo: Oikos Ltda., 2016. 255 p.
- ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Assembleia Legislativa: Comissão de estudos municipais. *Os novos municípios do Rio Grande do Sul: São José do Hortêncio*. 1988.
- HEYE, J. *Considerações sobre bilinguismo e bilingualidade: revisão de uma questão*. In: *Palavra 11*, Rio de Janeiro, 2003, p. 30-38.
- PREFEITURA DE SÃO JOSÉ DO HORTÊNCIO. *História*. São José do Hortêncio, 2017. Disponível em: <<http://www.saojosedohortencio.rs.gov.br/novo/index.php>>. Acesso em: 15 nov. 2017.
- ROMAINE, S. *Bilingualism: Second Edition*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd., 1995. 384 p.
- SAMBAQUY- Wallner, Virginia. *A língua alemã em São José do Hortêncio – RS*. Caxias do Sul: EDUCS, 1998.
- SCHNEIDER, Maria N. *Atitudes e concepções lingüísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngües alemão-português do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- SPINASSÉ, Karen. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. In: *Revista Contingentia*, Porto Alegre, vol. 1, novembro 2006, p. 01-10.
- TRAMONTINI, Marcos Justo. *A organização social dos imigrantes: a colônia de São Leopoldo na fase pioneira 1824-1850*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2000. 424 p.

APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Roteiro das entrevistas:

- 1) Qual é a sua profissão (ou se aposentado, qual foi a sua profissão)?
- 2) Você chegou a frequentar a escola? Qual a escolaridade?
- 3) Qual é o seu grau de parentesco com os imigrantes que vieram da Alemanha?
- 4) Qual foi a língua você aprendeu a falar primeiro?
- 5) Qual a idade você tinha quando aprendeu a falar o português? Você escreve em português também?
- 6) Quem lhe ensinou?
- 7) Você tinha algum motivo específico para aprender o português?
- 8) Qual idioma você usa em casa?
- 9) Qual idioma você usa na comunidade?
- 10) Qual idioma você usa quando vai para o centro?
- 11) Tem alguém na sua família que só fala alemão?
- 12) Tem alguém na sua família que só fala português?

ANEXO A - TCLE - FAMÍLIAS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para as famílias

Aluna: Karine Raquel Staudt

Apresentação do estudo

Meu nome é Karine, sou estudante do Curso de Letras Português/Inglês na Unisinos, em São Leopoldo. Nasci em São José do Hortêncio, mais exatamente, em Capela do Rosário. Atualmente, moro em Ivoti, onde trabalho.

Tenho grande interesse em analisar a forma como pessoas (bilíngues) que moram em Capela do Rosário usam o português e o alemão, quando usam cada idioma e porque motivo trocam de um idioma para outro. Essa troca, ou alternância, de idioma falado ocorre em muitos lugares do mundo, pois são inúmeros os grupos que se comunicam em dois (ou mais) idiomas.

O título previsto para o trabalho é “Alternância de código “dialeto alemão versus português” em Capela do Rosário (São José do Hortêncio/RS) e o objetivo resumido é analisar o uso do português e do dialeto alemão por habitantes da comunidade de Capela do Rosário.

Os passos que planejei para a realização da pesquisa são:

- a) Visitar as famílias, apresentar o projeto de pesquisa e propor a leitura e a assinatura do TCLE (termo de consentimento livre e esclarecido).
- b) Fazer entrevistas com a agente de saúde e com as famílias visitadas, fazendo perguntas sobre história da família; sua história linguística; perguntar por sua biografia (que escolas frequentaram, por exemplo), que idioma falam em casa, nas compras e em outros momentos/situações; que geração da família usa que idioma e quando, sua profissão.
- c) Acompanhar uma agente de saúde em suas visitas a famílias da região.
- d) Gravar as conversas entre essa agente de saúde e as famílias visitadas e fazer a transcrição depois.
- e) Fazer anotações em um diário de pesquisa.

Após, vou analisar quando e porque motivo ocorre troca de idioma nas conversas entre as famílias e a agente de saúde. Durante as entrevistas que eu mesma conduzirei, não haverá risco de serem feitas questões de foro mais íntimo. Porém, para que a pesquisa seja válida, não deverei interferir nas conversas entre a

agente de saúde e vocês. Nessas conversas, podem ser tratadas questões de cunho pessoal, relacionadas à saúde de vocês.

Após transcrever as conversas entre a agente de saúde e as famílias, analisarei quando cada um dos interlocutores utiliza que idioma (português ou dialeto alemão).

Se você se sentir constrangido para discutir alguns assuntos relacionados a sua saúde em minha presença, faça-o na próxima visita da agente de saúde.

Para garantir o sigilo, todos receberão um novo nome em meu trabalho, assim, ninguém saberá que pessoas eu entrevistei. Os dados obtidos não serão divulgados de nenhuma outra forma, serão usados somente para a pesquisa. Se alguém desejar desistir da participação em qualquer momento isso será possível. Se desejarem, sempre serão informados do andamento da pesquisa, vocês podem me contatar a qualquer momento.

Minha orientadora é a Profa. Dra. Maria Luísa Lenhard Bredemeier, vinculada ao Curso de Letras e curso de Relações internacionais da Unisinos. Para fazer contato com ela, é mais fácil pelo telefone: 051/999 047466 e pelo e-mail mlbredemeier@unisinis.br

Para fazer contato comigo, é melhor pelo e-mail karineraquelstaudt@gmail.com e pelo telefone: (51)999540081

Indico que concordo em participar da pesquisa proposta por Karine Raquel Staudt.

Nome:

São José do Hortêncio, ___/___/2017.

ANEXO B - TCLE – AGENTE DE SAÚDE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a agente de saúde

Aluna: Karine Raquel Staudt

Apresentação do estudo

Meu nome é Karine, sou estudante do Curso de Letras Português/Inglês na Unisinos, em São Leopoldo. Nasci em São José do Hortêncio, mais exatamente, em Capela do Rosário. Atualmente, moro em Ivoti, onde trabalho.

Tenho grande interesse em analisar a forma como pessoas (bilíngues) que moram em Capela do Rosário usam o português e o alemão, quando usam cada idioma e porque motivo trocam de um idioma para outro. Essa troca, ou alternância, de idioma falado ocorre em muitos lugares do mundo, pois são inúmeros os grupos que se comunicam em dois (ou mais) idiomas.

O título previsto para o trabalho é “Alternância de código “dialeto alemão versus português” em Capela do Rosário (São José do Hortêncio/RS) e o objetivo resumido é analisar o uso do português e do dialeto alemão por habitantes da comunidade de Capela do Rosário.

Os passos que planejei para a realização da pesquisa são:

- f) Visitar as famílias, apresentar o projeto de pesquisa e propor a leitura e a assinatura do I
- g) Fazer entrevistas com a agente de saúde e com as famílias visitadas, fazendo perguntas sobre história da família; sua história linguística; perguntar por sua biografia (que escolas frequentaram, por exemplo), que idioma falam em casa, nas compras e em outros momentos/situações; que geração da família usa que idioma e quando, sua profissão.
- h) Acompanhar uma agente de saúde em suas visitas a famílias da região.
- i) Gravar as conversas entre essa agente de saúde e as famílias visitadas e fazer a transcrição depois.
- j) Fazer anotações em um diário de pesquisa.

Após, vou analisar quando e porque motivo ocorre troca de idioma nas conversas entre as famílias e a agente de saúde. Durante as entrevistas que eu mesma conduzirei, não haverá risco de serem feitas questões de foro mais íntimo. Porém, para que a pesquisa seja válida, não deverei interferir nas conversas entre

as famílias e você. Nessas conversas, podem ser tratadas questões de cunho pessoal, relacionadas à saúde dos membros da família.

Após transcrever as conversas entre a agente de saúde e as famílias, analisarei quando cada um dos interlocutores utiliza que idioma (português ou dialeto alemão).

Se você se sentir constrangido para discutir alguns assuntos relacionados a sua saúde em minha presença, faça-o na próxima visita da agente de saúde.

Para garantir o sigilo, todos receberão um novo nome em meu trabalho, assim, ninguém saberá que pessoas eu entrevistei. Os dados obtidos não serão divulgados de nenhuma outra forma, serão usados somente para a pesquisa. Se alguém desejar desistir da participação em qualquer momento isso será possível. Se desejarem, sempre serão informados do andamento da pesquisa, vocês podem me contatar a qualquer momento.

Minha orientadora é a Profa. Dra. Maria Luísa Lenhard Bredemeier, vinculada ao Curso de Letras e curso de Relações internacionais da Unisinos. Para fazer contato com ela, é mais fácil pelo telefone: 051/999 047466 e pelo e-mail mlbredemeier@unisinis.br

Para fazer contato comigo, é melhor pelo e-mail karineraquelstaudt@gmail.com e pelo telefone: (51)999540081

Indico que concordo em participar da pesquisa proposta por Karine Raquel Staudt.

Nome:

São José do Hortêncio, ___/___/2017.

ANEXO C - CARTA DE ANUÊNCIA PARA A PREFEITURA

Carta de anuência

Eu, Paula Micheli Dullius, enfermeira responsável pelos agentes de saúde da cidade de São José do Hortêncio, indico que estou de acordo com a condução da pesquisa proposta pela aluna Karine Raquel Staudt junto a agente de saúde sob minha responsabilidade na localidade de Capela do Rosário.

A pesquisa tem o título: *ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO “DIALETO ALEMÃO X PORTUGUÊS” EM CAPELA DO ROSÁRIO (SÃO JOSÉ DO HORTÊNCIO/RS)* e como objetivo principal entender de que forma acontece a alternância de códigos em diálogos empreendidos entre pessoas que falam o dialeto alemão denominado *Hunsrückisch* e o português. Para isso, terei de me orientar pelos objetivos específicos que listo a seguir:

- a) Gerar informações relacionadas à biografia linguística dos participantes;
- b) Verificar em qual (ais) circunstância(s) o falante escolhe o dialeto para interagir;
- c) Verificar em qual (ais) circunstância(s) o falante escolhe o português para interagir;
- d) Verificar em qual (ais) circunstância(s) ele utiliza as duas línguas.

Quanto às etapas que seguirei na pesquisa, destacam-se:

- Definição das famílias que participarão (são famílias bilíngues e conhecidas de minha família);
- Visita às famílias para apresentação do TCLE e realização de entrevista cujo objetivo é obter informações sobre a biografia linguística da família;
- Visita às famílias com a agente de saúde e gravação das conversas;
- Transcrição e análise das conversas somente no que diz respeito à alternância de código.
- Escrita do trabalho.

No que diz respeito à entrevista, não serão feitas perguntas de foro mais íntimo, mas sim quanto ao ancestral que emigrou da Alemanha rumo ao Brasil, aos idiomas falados em casa e quanto ao aprendizado de português e alemão. Contudo, quando da conversa entre a agente de saúde e as famílias, podem vir a ser

abordados assuntos relacionados à saúde e íntimos. Como o objetivo é analisar uma conversa o mais próximo possível do dia a dia, não tentarei influenciá-la.

De acordo.

São José do Hortêncio, 25 de outubro de 2017.

Nome: Paula Micheli Dullius

Cargo: Enfermeira

ANEXO D – TRANSCRIÇÕES*DIÁLOGO 1*

AS: AGENTE DE SAÚDE

L: LORIANE

I: ILZEMAR

T: TIAGO

F: FABIANO

PE: PESQUISADORA

(Início do diálogo)

(Ilzemar, Loriane e Tiago estão esperando a agente de saúde, sentados na cozinha da casa, assistindo televisão).

1 L: Entra!

2 AS: Ô de casa!

(Repete com uma risada).

3 L: Ô de casa!

4 AS: Bom dia!

5 L: Bom dia!

6 I: Bom dia!

7 T: Bom dia!

8 AS: Alles gutche?

9 L: Alles.

10 AS: Alles?

11 I: Alles blau!

(Ela repete).

12 L: Alles blau.

(Após um momento de silêncio, Loriane oferece uma cadeira para a agente de saúde sentar-se).

13 AS: Ah ... Danke scheen.

14 AS: Aiê ... Hoje têm feijão? Não?

15 L: Vai ter sim!

16 AS: Ah ... eu ia ... eu achei ter sentido cheiro de feijão mesmo. Meu nariz é sempre bom.

17 L: Acabou o feijão. Tinha que cozinhar, é.

- 18 AS: (Suspiro) E Tiago, como é que ficou a tua pressão? Wie wo das, dein blut?
- 19 T: O Dalmir di ... o Dalmir disse que tava bom assim.
- 20 AS: Hum hum.
- 21 T: Só que os exames vieram só na terça.
- 22 AS: Braust net, assim, comprimido? Gonicks?
- 23 T: Nada. Nada. Eu vou entregar o exame na terça.
- 24 AS: Hum hum. (Pausa) Mas tu fez os exames quando?
- 25 T: Segunda ...
- 26 AS: Segunda?
- 27 T: Terça-feira da semana passada.
- 28 AS: O Dalmir disse que tava tranquilo assim.
- 29 T: Sim.
- 30 AS: Hum hum. E assim, vocês, tudo tranquilo? Alles gut?
- 31 L: Alles gut.
- 32 AS: Ninguém internou? Ninguém ficou doente? Trocou de remédios?
- 33 L: Haha.
- 34 AS: Hum hum.
- 35 L: Só os remédios que tamo tomando assim.
- 36 AS: Hum hum. Aqui Loriane ... é ...
- 37 I: Vor läufich hauwa ma noh mit.
- (Risadas)
- 38 AS: Ijo!
- (A agente de saúde entrega os convites para a almoço/baile que a prefeitura organiza todo final de ano para as pessoas acima de sessenta anos).
- 39 AS: Aqui Loriane, eu tenho ... é ... uns convitezinhos pro balie do terceiro ... da terceira idade ... weste?
- 40 L: Ah é?
- 41 I: Wineh is de?
- 42 AS: Sempre no final do ano. Dia 20.
- 43 L: É...dia 20.
- 44 AS: Mittwoch. Ijo.
- 45 L: Tá bom.
- 46 AS: Dia 20 de dezembro.
- 47 T: Is faiadoch?!

48 AS: Ijo. É o feriado.

49 L: Ah ... é o feriado! Tah.

50 T: Municip faiadoh.

51 AS: É o feriado do Shnees. É.

52 L: Ich hon gement the veia gonet, wail do hot conimad was comoid do fun.

53 AS: Ne ... No calendário não tava em cima. Gonicks. Ijo.

(Acontecem duas conversas paralelamente: Tiago conta um fato para a pesquisadora e a agente de saúde avisa sobre o baile/almoço que não está no calendário deste ano).

54 T: Forich joa ...

55 AS: Não tava em cima.

56 AS: Não tava em cima.

57 T: Forich joa wor ich in Hamborichgefoh ... é ...

58 AS: Nicks truf, ijo.

59 T: Material kofe ...

60 AS: Eu ainda, a primeira coisa que eu olhei quando eu ganhei ele, eu olhei isso.

61 T: ... wen de kel kom is sor ich: iah wen in de shnees faiadoh is, in hamborich och? To hora bess geguckt.

(Risadas)

62 AS: Ijo.

(A agente de saúde fala sobre os dias em que a médica irá atender na localidade).

63 AS: E daí a cubana ... a cubana, ela vai vim agora, só dia 06 de novo ...

64 L: Só dia 06?

65 AS: Ijo. Dia 06 pro mês de dezembro, ela só vem dia 06.

66 L: A eh?

67 AS: Aí ela não vem mais. E daí ela volta só em março de novo. Daí se vocês quiserem ...

68 L: Ela tá de férias?

69 AS: Eu não sei. Sempre foi assim.

70 L: Ah ... so.

71 AS: Não é que é férias. No posto ela tá lá. Ela vai trabalha normal, mas aqui no interior não.

72 T: Ela arrumou um namorado lá, né?

73 AS: Sim, ela tem o Paulinho, aquele ... Dizem que é um cara bem legal, assim, eu não ...

74 T: A Ilse diz que ela tá morando lá, que ela sempre ...

75 AS: Sim, ela foi mora com ele agora.

76 T: Ah ... então ...

77 AS: Hum hum.

78 T: Vai trabalha a pé.

79 AS: Ele?

80 T: Ela.

81 AS: Ela? Ai ... Eu não sei. Ich wes net, gonicks, assim. Não sei como é que ...

82 L: Mas ela tem um filho, gell? Que ela disse que é vivo.

83 AS: Sim. Tá lá,né?

84 L: Sim. Tá lá, é?

85 AS: Não sei como ela consegue ...

86 L: Com a mãe dela? Ora wie?

87 AS: Ah?

88 L: Com a mãe dela?

89 AS: É.

90 L: É?

91 AS: A mãe dela cuida dele.

(Silêncio)

(A agente de saúde retoma o assunto do almoço/baile promovido pela prefeitura).

92 AS: Ó Loriane daí esse é os convitizinhos. Daí só tem que tra ... levar garfo e faca, se vocês irem, escrevi atrás.

(Silêncio)

(Loriane inicia um novo diálogo).

93 L: Is voorem kep.

94 AS: Ijo.

95 L: Fun gehen.

96 L: Tu veio a pé?

97 AS: Não.

(Risada)

98 AS: Essa hora a pé, daí não.

(Risada)

99 T: Ilse ...

100 L: É muito cedo, gell?

(Risada)

101 AS: Aí eu não ia chega a tempo.

(Risada)

(Tiago retoma o assunto dos exames que ele fez, trazendo mais detalhes).

102 T: Dat Ilse wo main eksome hole kan am Dienstag ... und dat hot ligeat, the ferro veia bissie hoch.

103 AS: Hum hum.

104 T: Daí eu vô leva na terça agora.

105 AS: Hum hum.

106 T: Só consegui ficha pra terça.

107 AS: Ijo.

(Silêncio)

(A agente de saúde inicia uma nova conversa, falando sobre a final da Libertadores da América).

109 AS: Como é que foi quarta de noite aqui, a gritaria? Ou vocês não são gremistas? Não? Mais ou menos?

110 I: (Fala inaudível).

111 AS: É? Ah bom.

112 T: Eu e o Fabiano ...

113 L: Nós fomo dormi ...

114 AS: Ah ah.

115 L: Era umas dez e meia quando nós fomo dormi.

117 I: Mea sen schloofe kan wie de eachte tempo aus wo ..

118 AS: E tavam seca... Ah ah.

119 I: De Tiago hot geguck und de ... Fabiano hot geguck bis aus wo.

120 AS: Ah ah. Então vamo ...

121 T: De Daniel sod het schene barulho kept uwe baim Schons

122 AS: Ijo. Ah ah.

(Risadas)

(Silêncio)

123 AS: Sen werrickt die laid.

(Silêncio)

(A agente de saúde começa a medir a pressão do pessoal).

124 AS: Vamo dan blut messe.

(Ela mede primeiro a pressão de Tiago).

126 AS: So. Ijo. Deixa ele assim na altura do coração ... Isso. Tem que segura um pouquinho. De is bissie los do hi.

(Loriane se prepara para medir a pressão dela, tirando o casaco).

127 L: To mo ene ja ... to mo ene jacke aus.

128 AS: Braust net ... ha ha. É só no pulso. Só puxa pra cima um pouquinho.

(Ilzemar desliga a televisão que estava ligada até então, preocupado com o barulho que poderia atrapalhar a gravação).

129 L: Ah ... Não me ... Net dron gedenkt och.

130 AS: Hum hum. Das basseiat.

131 I: Hest kene och gesot hon. Ich ...

132 PE: Das ... gestaowend hot ma och faschtan. Ich hon ... wo och the TV on. Mo keheat.

(Enquanto a agente de saúde mede a pressão de Tiago, ela também pede para que Loriane assine a lista das pessoas que ganharam os convites para o almoço/baile).

133 AS: Loriane ... daí tu só assina aqui pra mim que vocês ganharam o convitizinho.

134 L: Ah ah.

135 AS: Eu fiz a listinha.

136 L: Ah.

137 AS: No segundo kraitzie ali ... ijo. Que vocês ganharam o vale-almoço.

138 L: No segundo?

139 AS: Ijo ... Loriane e Ilzemar. Hum hum.

140 L: Ah ... do.

141 AS: Ijo.

(Risada)

142 AS: Quatorze por oito. O oito tá bem bom. Tu tem a tua carteirinha aqui, Tiago?

143 T: Sim.

144 AS: Hoste ...

145 T: Não, eu não tenho.

146 AS: Tá. Aí quando tu, tu pega ela, aí tu anota o dia de hoje, a hora e quatorze por oito, daí.

147 T: Dia primeiro.

(O seguinte a medir a pressão é Ilzemar).

148 AS: Kanst setse Ilzemar. Is bessa.

(Loriane olha a lista das pessoas que estão na lista para o almoço/baile de fim de ano promovido pela prefeitura).

149 L: Eu vô olha a lista ali, quem vai.

150 AS: É ... é de todos que tem ... é ... acima de sessenta.

151 L: Ah ah.

152 AS: Esse ano só um entrou novo. Geralmente é os mesmos. Só a Iria entrou pra lista esse ano.

153 L: A Iria, é?

154 AS: Ijo.

155 L: Ah iah!

(Risadas)

156 AS: Ela já tava torcendo pra quando chegasse os sessenta ano! Nunca vi alguém que qué fazer sessenta ano que nem ela! Ah ah!

157 L: Ah é?

158 AS: Ah ah. Ah ... A Lizete também. É ... a Lizete e a Iria.

159 L: Ela não se aposento ainda? Acho ...

160 AS: Ha ha. Ainda não. A última vez que eu tava lá, ainda não.

161 L: Ah

(Silêncio)

(Loriane lê um dos nomes da lista em voz alta).

162 L: Orlando Simon. Dat is de alda wo to uwe ... gell ... ah.

164 AS: Ijo. Ha ha. De is ... schlau ... esse homem ali ... Main Got. Tenho até vergonha de fala às vezes com ele. Ele tem cada coisa ... ele tem cada história que, a gente se sente um jumento do lado dele.

165 AS: Quatorze por oito ... is och gut ... Não tá tão alto não.

(Agora a agente de saúde mede a pressão de Loriane).

167 AS: Loriane ... esquerdo é melhor. Vira, isso.

(Tiago inicia uma conversa com Fabiano que mora do lado da casa de Ilzemar e Loriane e acaba de chegar).

168 T: Juninho fot? Die lofe dorom.

169 F: Die sen jachte.

170 AS: Vou pegar aqui.

171 T: (Fala inaudível)

172 F: Ijo

173 T: De hat sich kots gehongt gista ... (fala inaudível) de Juninho is net ans bet kom, ich wust net was wea, to honich mo die kit gegcuckt ... já ... die wo chtrak. De wo hina gehonckt. De hot sich selva met en heckel hina gehonckt, ketsa gehonckt ...
(Risada)

174 T: De Juninho.

175 AS: Tiago quantos anos tu tem?

176 T: Cinquenta e nove.

177 AS: Cinquenta e nove.

178 T: Quase sessenta!

(Risadas)

179 AS: É! Por isso que eu perguntei!

(Risadas)

180 AS: Por isso que eu perguntei! Eu fiquei agora na dúvida ali.

181 T: Falta um mês!

182 AS: É?

183 T: Um mês e pouco.

184 AS: Ah ... ma daí, daí tu vai fazer em janeiro daí?

185 T: Sim.

186 AS: Ah tá. Se tu fosse fazê em dezembro ...eu ia te dá um também. Que olha a pressão também Fabiano?

187 F: Não.

188 AS: Não? Eu achei que tu queria.

189 T: Sen noch net alt do foa.

190 AS: Quinze por oito ... A Loriane ta um pouquinho mais alta. Eu acho que ela fico nervosa.

(Como Loriane estava com a pressão alterada, Fabiano resolve medir a pressão também).

191 F: Então eu vô medi pressão!

192 AS: Ijo. Senta.

193 F: Pra gara ... Não que o aparelho fico maluco.

194 L: É ... das ...

195 AS: Não! Não! Pior que assim ele tá tranquilo!

196 F: Minha nunca passou de doze por oito.

197 AS: Hum.

198 F: Vamo vê se hoje também tá mais ...

199 L: Ali ... por treze ela já foi.

200 AS: É. Quinze tava ... Vamo olha ... vamo espera um pouquinho, depois a gente olha de novo.

201 L: Sim, eu também tava correndo, varrendo o pátio.

(Risada)

202 AS: Hum hum

203 I: Ah! Bai mea micht aus, ich wo the jornal hole gan, the berrich ruff gan.

(Risada)

204 AS: Hum hum

(Risadas)

205 L: Wi wo dains dan?

206 I: Quatorze por oito. Gell?

(Entram dois dos cachorros da família).

207 AS: Oi Mebi! Ganho uma companhia? Meu Deus, já é Natal quase.

208 L: Quase Natal, sim.

209 AS: Ijo. Daí ... ah ... eu ... daí ... janeiro eu volto. Não vô te férias. Daí janeiro to aí de novo.

(Risadas)

210 AS: Daí ... mas aí, mais depois.

211 L: Não vai te férias?

212 AS: Não. É que a gente não completou um ano, né! Daí a gente ... mais daí mais assim, depois, uns dias, daí, uns dias não adianta não adianta i, porque o pessoal não tá e ... férias.

(Os cachorros se tornam o centro das atenções).

213 AS: Calma Mébi! Wot mo bisse!

214 L: Kom Mébi! Do!

215 L: Ih! Ah. Jets sen se alle zwoi! Que coisa!

216 AS: O Zuninho!

217 L: Uéh! Wo herich das gewust?

(Risada)

218 AS: Treze por oito.

219 I: Eeeeh!

220 AS: Tá todo mundo meio, meio ansioso, meio nervoso hoje! Mas não tá tão alta.

221 F: Aiii! gell! Orem hunché.

(A agente de saúde pede para que Loriane assine a lista de confirmação que eles receberam a visita dela).

223 AS: Eu botei ... ljo. Loriane, daí agora aqui é a visita ...

224 L: Hum hum

225 F: Aiiii.

226 AS: Lá em cima no primeiro. Isto.

227 L: (Fala inaudível)

228 AS: Brill hole.

229 L: Pra escreve ...

230 AS: De Mébi ...

231 L: ... é melhor, tem que usá óculos. Se não ...

(A agente de saúde está falando com os cachorros).

232 AS: ... schem dich net!

233 AS: Eu gosto quando ele caça pulguinhas ... assim. Ele faz assim.

234 AS: O Zuninho!

235 AS: Danke scheen.

236 L: Opa!

237 AS: Opa!

238 L: Eu ia ficar com a caneta!

(Risadas)

(A agente de saúde pergunta se eles estão cuidando para não deixar água parada devido ao mosquito da dengue).

239 AS: Assim, ao redor de casa, dut ima uf bassa, assim, né?

240 L: ljo. To is nicks! Ah ah.

241 AS: Por causa de água parada, nos ... no li ... im lona, em potinhos?

(Reforça o aviso sobre o dia que a médica vem novamente e se despede).

243 AS: ljo. Então, assim, tá tudo ... é ...da ... da Ádia, ela vem agora, dia seis de novo. Isso aí. Daí se nós ... se nós não se vê mais daí ... Feliz Natal pra vocês! Feliz Ano Novo!

244 L: Obrigado, igualmente.

245 AS: E tu ... tudo de bom! E janeiro eu to ... to de volta, então! gell! E qualquer coisa vocês ligam daí, tá?

246 L: Sim.

247 AS: Então tá! Tchau!

DIÁLOGO 2

AS: AGENTE DE SAÚDE

H: HELLEN

P: PAULO

PE: PESQUISADORA

(O casal está sentado na cozinha esperando a nossa visita. Hellen abre a porta e nos recebe).

1 AS: Ô de casa!

2 AS: Bom dia!

3 H: Bom dia! Mea hon eascht ...

4 AS: Schon, gell?

5 H: Schon, ijo.

6 PE: Bom dia!

7 H: Host awa net schon graveiat?

8 AS: I ... Ijo.

9 PE: Klaich die kanz moi gravere ma, ijo.

(Risada)

10 PE: Moi normal.

11 AS: Ijo.

(A agente de saúde entra e diz fala para que a pesquisadora entre também, pois estou parada na porta).

12 AS: Kanst ren gehen.

13 H: Main, Ich on necks nicks geschlof.

14 AS: Ijo. Alles gutche?

15 H: Ijo. Kewiss.

16 AS: Braust net ... so gedange. Ijo.

17 H: Ijo. Ich on necks nicks geschlof.

18 AS: Ne. konicks.

(Paulo está sentado à mesa, pois terminou de tomar café há pouco tempo).

19 AS: Bom dia Paulo!

20 P: Bom dia.

21 PE: Bom dia!

22 P: Bom dia.

23 AS: Kanst ruch dain kafee drinke! Ijo.

24 AS: Ah tá!

25 H: Sen schon fedich.

26 AS: Sen fe ... fedich! Ijo.

(A agente de saúde senta e diz para que a pesquisadora sente também).

27 AS: Kanst setse, Ijo.

28 AS: (Gemido) Main Got nach mole!

(Bocejo)

29 (Paulo levanta do lugar onde esta sentado e vem sentar-se próximo a nós).

30 AS: Ele pode fica sentado ali Hellen. Ijo. Braust net do hi ...

31 H: (Fala inaudível)

32 AS: Ijo. Is gut so.

33 P: (Fala inaudível)

34 AS: Was is Paulo?

35 P: Mensch das wetha.

36 A: Ah.

37 H: Och die gripi bissie.

38 AS: Gripi? Kanst ... kanst.

39 P: (Fala inaudível)

40 AS: Hum hum.

41 AS: Tem bastante gente que tem gripe. Ijo. Tá bem feio. Is schroo, assim.

42 H: Hum hum. Dat is so kalt, emo hais, emo kalt, gell!

43 AS: Hum hum.

44 H: So is das. Dan tu das ... vekselt so fil das wetha.

(Ele está se ajeitando na cadeira e sentou perto de nós).

45 AS: Das gibt richtich. Vamo lá!

(Risada)

46 AS: Óia die kats!

(Risada)

47 AS: Das is schlau, the kats, gell!

- 48 PE: Die sen schnell, ijo.
- 49 AS: Gell?
- 50 PE: Ijo.
- 51 AS: Hum hum. Und so, is alles gutchie? Fora a gripe, né?
- 52 H: Ijo.
- 53 AS: Mas foi ... ele foi no médico?
- 54 H: Ne.
- 55 AS: Gonicks?
- 56 H: Hum hum. Gonicks.
- 57 AS: Tomando um chazinho? Um poquinho de mel?
- 58 H: Ijo. Iah ... de hot ke mel de hem de foa.
- 59 AS: Hum.
- 60 H: De is all schon ...
- 61 AS: Quem sempre tem mel pra vende lá, é o Jacinto lá. O Schons, lá.
- 62 H: Ich wes net.
- 63 AS: Hum hum.
- 64 H: Não sei. Ich wes net.
- 65 P: Wea?
- 66 AS: Rosalva sain frau ... ah ... sain man. Jacinto lá. De Elli sain bub. Ella Schons. Ijo.
- 67 H: Ich kan net son wea ...
- 68 AS: Jacaré is! Jacaré.
- 69 H: Ich kan net son wea das is ...
- 70 AS: E ele tem bastante mel sempre. Hum hum.
- 71 H: ... in mercado harrich ene kof
- 72 AS: Mas o mel dele é bem bom.
- 73 H: Ijo. Ijo.
- 74 AS: É daquelas abelinhas pequeninhas, weste?
- 75 H: hum hum. Ijo
- 76 AS: Schmekt gut.
- 77 H: Shcmeckt gut. Ijo.
- 78 P: Das is de problem ...
- 79 AS: Was?
- 80 P: Wie mea do hin kome.

81 AS: Iach.

82 PE: É.

83 AS: Eu posso fala pra ele e ele pode traze um aqui, gell?

84 P: Pode.

85 AS: Hum hum

(A agente de saúde explica que irá acontecer o almoço/baile que a prefeitura promove todos os anos para as pessoas acima de sessenta anos. Ela entrega os convites para eles e explica como irá funcionar).

86 AS: Aqui Hellen tem os convitezinhos, sabe, pra aquele almoço? Que tem final do ano, que a prefeitura deu ... ano passado, acho que a Noeli pego pra vocês, o almoço. Lembra?

87 H: Ijo.

88 AS: Ijo. Aqui tem, tem di novo, daí.

89 H: ...wens noma holt ora net ...

90 S: Ijo. Bareats. Hum hum

91 H: Hum hum

92 AS: Aí só se vocês forem lá, tem que levá garfo e faca, junto daí, gell?

93 H: Ah ah.

94 As: Hum hum

95 H: Mea dun awa net do hin ...

96 AS: Ne. Daí alguém pode pegá, ijo.

97 H: Acho que a Noeli vai pro ... pro ...

98 H: Ijo. Ich wes.

99 AS: Pro Elói também, gell?

100 H: Ijo. Ich wes jo net. Hon noch nicks geschproch mit dem, dan ... Ijo.

101 AS: Tranquilo.

102 H: Nicks gesot ,ijo

103 H: Wail riwa dat bareiat so schlecht ... Dan дума noma dehem ... bissi ... bareiats net so.

104 AS: Hum hum

(Hellen pergunta para a pesquisadora, onde já haviam realizado visitas).

105 H: Wot dea schon sunst och dorom? Baim Ilzemar?

106 PE: Baim mãe und baim pai nos. Die Elaide wo noch am fitre. Ijo. Bissie wode.

(Risada)

107 H: Net so früh uf geschti. Ah ... die brauch ja net. Mea wore oh net früh uf geschti. Fa was dan, gell, so früh uf schtaie.

108 PE: Das is khil gell? To lait ma gud jets.

109 H: Ijo. Ich hon die nocht nicks geschlof ...

110 AS: Das is woa.

111 H: Net gut geschlof.

112 PE: Oh?

113 H: Do hon die hund dorom gepleft und do hon net so gud geschlof.

114 PE: É. Iah ... do hot ma als so nocte, gell.

115 H: Ijo. Do worich wach, oh nime ingeschlof. So kevidas do.

(A agente de saúde muda de assunto e pergunta sobre a medicação deles e sobre os pés do Paulo, pois ele tem um problema de saúde nessa região).

116 AS: Comprimidos, a mesma coisa ainda?

117 H: Ijo. ijo

118 AS: Ijo. Hum hum.

119 AS: E os pé, Paulo? Melhero um poquinho?

120 P: Ich glob net.

121 AS: Hum

122 P: Ich wesas ah net.

123 AS: Hum hum. Tão bem inchados.

124 P: (Fala inaudível) ... die fiis wole gucke.

125 AS: Hum hum.

126 P: Die sit ma toch net.

127 AS: Awa dat dut net we?

128 P: Hum hum. Ne.

129 AS: Gonicks, gell?

130 P: Ne. We net.

131 AS: Tu...tu tá deixando teus pé pra cima, assim, um pouquinho, quando tu consegue?

132 H: Ijo, ijo ijo.

133 AS: Ijo. Esse chinelo ... é ... a cubana não gosta desse chinelo aqui.

134 H: Ijo, ijo, Ijo.

135 P: Sim.

136 AS: Guck mo, óia.

137 P: Sim.

138 AS: Sim, de vez em quando tu usa ele, né?

139 P: É.

140 H: Ijo. Die dohe hare sa on gedun.

141 AS: Hum hum. Ijo.

142 P: Sim, hoje de manhã, as veis ... Mais a maioria das vezes eu ...

143 AS: Hum hum.

144 P: ... tem um lá.

145 AS: Sim.

146 H: Do.

(Paulo vai na fisioterapeuta devido ao problema nos pés).

147 AS: E a fisio? Paro de i? Falo com ela?

148 H: Noch net.

149 AS: Não falo? Ah tá.

150 H: Mea wore noch riwa am dienstag ...

151 AS: Lá com a fisioterapia. Lá no ... no Schnees ... lá.

152 H: Ijo. Do wore, am dienstag wore riva.

153 AS: Ijo.

154 H: Ijo. Ich wes net ora riva dut ora net ...

155 AS: Ijo. Não. Daí só conversa com ela que tu não vem mais daí, gell?

156 H: Ijo. Kewiss.

157 AS: Ijo.

158 H: Ijo. Dan kan anre ...

159 AS: Aí outro pode i no teu lugar, daí.

160 H: Ijo. Ijo.

161 AS: Dan desde no losse.

162 H: (Fala inaudível)

163 P: Se eu to lá, aí ...

164 H: Do bissie daitsch schpreche.

165 P: Dan is mea ...

166 AS: Gud.

167 P: Scheen.

168 AS: Ah ...scheen.

169 P: Awa, dot in sa mache ... Não, die laid sem ... die frau, und ... haups het ich die frau wo do is ... die is ... is gut.

170 H: Die misse gut sen, die lait.

171 AS: Ah ah.

172 H: Alegore ... Du bist och gut ...

173 AS: Óch!

174 H: Du och! Alegore, gell!

(Risadas)

175 AS: Danke ... Ijo.

176 H: Gewiss.

177 A: Hum hum.

178 AS: Ah ... como é que tá as tuas receita Hellen assim? Tão pra vence? Porque a cubana, ela vem agora di semana que vem, andere woch, gell! Midwoch, dia seis ela vem, e daí ela não vem mais pra esse ano. Dezembro ela não vem mais.

179 H: (Fala inaudível)

180 AS: Ijo. Ijo. Pode deixa lá.

181 H: Ich kemo gucke ...

(A agente mede a pressão do Paulo e, enquanto isso, confere a validade das receitas dos medicamentos do casal).

182 AS: Vamo dein blut messe, ah ... Paulo?

183 P: Ijo.

(Pausa)

184 P: Ich sen do moins wen ich uf schtaia ... Ich kan do necks net gehen ...

185 AS: Braust net ... é ... braust net so mache. É só aqui no pulso. Ijo.

186 H: (Fala inaudível)

187 AS: So. So ... scheen ruiche, gell? Mo gucke.

188 H: (Fala inaudível)

(Hellen mostra as receitas dos remédios para a agente de saúde que verifica as datas dos vencimentos).

189 H: Sen all ... (Fala inaudível)

190 AS: Hum hum. Essa vale até fevereiro.

191 H: So rechens du jo.

192 AS: Esse é do Paulo, ijo. Tambe ... é, até fevereiro elas valem. Hum hum.

193 H: Táh. Dan is jo gut.

194 AS: Nove ... nove, dez, onze, doze, onze, é.

195 H: Dan Kama sa ...

196 AS: Janeiro daí, tu tem que troca, elas, daí.

197 H: Dan kama sa driwe truke ... (fala inaudível)

(A agente de saúde fala dos dias em que a médica irá trabalhar na localidade).

198 AS: Ijo. Hum hum. Sim. Daí aqui na Capela, ela só volta em março de nove.

199 H: Tach.

200 AS: Ijo. Ich hole dein ... ijo, dincks.

201 P: Die cubana komt bloss in março nome?

202 AS: Ijo.

203 H: (Fala inaudível)

204 AS: Hum hum. Ijo. Kan ...

205 AS: Wot mo bissie, ah, Paulo.

206 H: (Fala inaudível)

207 AS: Net moie jets, ijo. Treze por oito, gutchie.

208 H: Mas ela ...

209 AS: Mais ela tá no posto, ijo, só daí aqui na Capela, ela só vem em março de novo. Agora sexta ... é ... quarta ela vem de novo, dia seis.

210 H: (Fala inaudível)

211 AS: Hum hum.

212 H: (Fala inaudível)

213 AS: Ich dun ... Eu falo né, daí, eu sempre aviso, daí, quem precisa, daí ... aí vai, quem não, pode deixa a receita lá.

(Pausa)

(A agente de saúde muda de assunto e conversa sobre o Natal que está próximo).

214 AS: Se comporta Paulo, pro Pels Nickel vim? Não?

(Risadas)

215 AS: A Hellen tava cuidando.

(Risadas)

216 P: O Pels Nickel tá mal.

217 AS: O Pels Nickel tá mal. Que nada!

(Risadas)

218 H: Ich mene och. Alles so taia.

219 PE: Ijo. Das is woa.

220 AS: Ijo. Das is woa.

221 H: Ijo.

222 AS: Awa, um chocolate, um ...

223 H: Ijo.

224 P: (Fala inaudível)

225 H: Ijo.

226 AS: ... uma coisinha ...

227 P: Um chocolate eu não gosto.

228 AS: Não gosta?

229 H: (Fala inaudível)

(A agente de saúde mede a pressão da Hellen).

230 AS: Hum. Só descruza as pernas, Hellen. Ijo, mach mo so. So, sheen ruichie.

231 AS: Opaschie. Opa! Tomo os comprimidos já hoje de manhã? A recém tu tomo?

232 H: Ijo. Ijo.

233 AS: Dezesseis por nove, tá. Bissie heja.

234 H: ... wen ma de tee drinke ...

235 AS: Bissie nerves, ich denke.

(Risadas)

236 H: Ich sen halwa wail ...

237 AS: Ijo

238 PE: Die mãe wo och klaich blut bissie heja, do noheia, wo, hots noma gemest, do wos nitra kewest, ijo. Is was aneshtes, gell! Und dan ... Ijo.

240 AS: Ijo.

241 H: Do dut ma sich enfach preocupere.

242 AS: Sim.

243 PE: Brauchma awa net.

244 H: Hum hum. Ich wes, awa ...

245 AS: Net gut geschlof, oh guck mo.

246 H: Ijo. Ijo.

247 AS: Isso tu ... tudo aparece ali na pressão!

248 H: Ijo. Kewiss.

(A agente de saúde pede para Hellen assinar a lista das pessoas que irão receber os convites e a lista correspondente a visita da agente).

249 AS: Hellen, daí tu assina aqui, que é da visita e depois a gente assina lá embaixo que eu te dei os bilhetinhos do almoço, pro baile, lá.

250 H: Ich wes jo och net wen das brenge dut wail so wes ich jo och net.

251 AS: É que também tu a recém tomo o comprimido também. Geralmente ele começa a fazer efeito uma hora depois, só.

252 (Paulo retoma o assunto do almoço).

253 P: lah, dan misse mea awa in die sch ... riwa in die schnees kome fa das esse se grin?

254 AS: IIIIjo. É, ou pode ... ijo, tem que i lá.

255 H: Must mit dem spresche gehen.

256 AS: Ou pode pegá lá e trazê pra casa, ijo.

257 P: Wail ich hon ... wen do nimand riwa feat.

258 AS: Hum hum. Ijo.

259 P: (Fala inaudível)

(A agente de saúde está mostrando onde Hellen deve assinar).

260 AS: Do hi una, do. Jetse, ijo.

(Estão falando sobre a vizinha que pode trazer o almoço para eles. Ela trouxe o almoço para eles ano passado também).

261 H: Dat bringt das mit wens ah riwa feat, prengts das mit. Domols, och, hon ich mo gesod, hots mit gebrong.

262 AS: Eu não sei se nós vamo tá lá. Eu acho que sim, que nós vamo tem que servi. Ich wes ... Ninguém falo nada ainda, né! Mas daí, acho que onze, onze e pouquinho já podem pegá o almoço lá.

263 P: lah, is das fa die lait all, all?

264 AS: Acima de sessenta anos.

265 P: Ha.

266 AS: Hum hum. Dhanke scheen. Aí que nem assim, se um tem sessenta anos e o outro não tem, o Ca ... os dois vão junto. Ijo. Só que tem que te sessenta anos pra cima. Ijo.

267 H: (Fala inaudível)

268 AS: Ijo. Hum hum. É, de Elói hot ... hum hum. Bem assim.

(A agente de saúde questiona se eles estão tendo os cuidados necessários com a água parada, para evitar focos do mosquito da dengue).

269 AS: E assim ao redor de casa Hellen, dut ima uf passa, gell? Assim, água parada, na ...

270 H: Ijo

271 AS: ... na lona, nos tussia, gell?

272 H: Hum hum.

273 AS: Aquele, aquele coisa lá, tinha que limpa de novo.

274 H: Há ha. Sim

275 AS: Pergunta pro Osmar ...

276 H: Tá ... ijo.

277 AS: ... se ele consegue.

278 H: Ijo. Ijo. Tá.

279 AS: Sempre daí, dois em dois meses a gente tem que sempre fala isso. Die laid ... é ... já tão enjoados ... kept ledich, awa ich mus ima son, weste?

280 H: Ich wes das. Ijo. Du bist jo do foa, gell?

281 AS: Ijo.

282 P: Ijo. De is bissie relaxado do mit och.

283 AS: Hum hum

284 P: Sim.

285 H: Ne ...

286 AS: Hum.

287 H: ... de machts och ...

288 AS: É que nós não temo mosquito da dengue, mas a gente tem que cuida, né! Porque pode ... pode vir, é.

289 H: (Fala inaudível) ... hon und dan ...

290 AS: Ijo! Tão assim, tá tudo tranquilo, gell?

291 H: Ijo.

292 AS: Só a gripezinha do Paulo, ainda.

293 P: (Fala inaudível)

294 H: (Fala inaudível)

295 AS: Das gibt ... Hum hum.

296 P: Eu to tranquilo. Pra mim tá ...

(A agente de saúde finaliza a visita).

298 AS: Hum hum. Das gibt aneschtsa, ijo. Então, se nós não se vê mais ... Feliz natal pra vocês! Feliz ano novo! Tudo de bom ...

- 299 H: Du och.
 300 AS: Gell! Danke scheen!
 301 P: Obrigado!
 302 AS: E janero eu to aí de novo, gell!
 303 H: Tá!
 304 AS: Então tá!
 305 H: Hoste ken ferie?
 306 AS: Ne.Hã hã.
 307 H: Net?
 308 AS: Não. Entã tá! Tchauchie!
 309 H: Tchauchie!
 310 P: Tchau!

DIÁLOGO 3

E: ELAIDE

AS: AGENTE DE SAÚDE

PE: PESQUISADORA

(Ela estava no pátio e vem nos receber. Entramos e vamos sentar na sala).

1 AS: Bom dia!

2 PE: Bom dia!

3 E: Bom dia!

4 AS: Jets ja! Gell?

5 E: Ijo. Jets ja.

(Risadas)

6 E: Jets gets los.

7 AS: A gente começo cedo hoje. Ijo.

8 E: Ja. Não...net...

9 AS: Nohte geb...é... fil...ha...voorem.

10 E: Ijo. Die sun gibt hais hait.

11 AS: Hum hum.

12 AS: Haie...Ich sen mid haid schon.

13 E: Já?

(Risada)

14 E: Ja, dos du net fore mit kare dorom....(Fala inaudível)

15 AS: Ijo Si...Ijo. Que nem agora, mês de dezembro é mais corrido. Daí eu vou usa mais o carro, weste? Pra termina tudo. As pessoas vão pega féria, da...das get fot, ijo.

16 E: Ijo.

17 (A agente de saúde começa a fazer as perguntas de rotina).

18 AS: Mus mai dincks mahe, ijo. Und so Elaide, is gut so? I ... Alles gutche?

19 E: Ijo. So is.

20 AS: Assim, ijo.

(Elaide começa a falar sobre um problema de saúde que tem).

21 E: Ich hon die dohe raio-x gemach fun kob ...

22 AS: Fun was?

23 E: Ah is...

24 AS: Kob?

25 E: Hé? Ne.

26 AS: Fun kob?

27 E: Ne. Do honisch am dem oa pal nicks geheiat me.

28 AS: HUUuum.

29 E: Sen ich ba de dokta...mensch, dat hot mea gehumat in kob, gebolat. Rona, ene trepche gehul fa ren se maha ba de dokta und sora, solt mo ene raio-x mahe. Und mai cknick hot a ima so we gedon.

30 AS: Hum hum.

31 E: Dut ah noch, lom so.

32 AS: Hum hum.

33 E: Awa hot ima noch...

34 AS: Sim. Ja...wi wo das dein blut ... assim como tava?

35 E: Não. Blut sohra ...

36 AS: Gut?

37 E: ...is normal.Hum hum.

38 AS: Que às vezes quando dói aqui atrás, né ...

39 E: É.

40 AS: ...a pressão tá alta.

41 AS: Main Got noch mole!

(Risada)

42 E: Ne! Is woa!

43 AS: Hum hum.

44 E: Das is maniche dohe ... schro gewen, awa jets is pho dohe gans scheen besa.

45 AS: Hum hum. Ah...daí tu mostro o ra ... raio-x pro médico, já?

46 E: Não.

47 AS: Não pego ele ainda?

48 E: Kan hait eascht ...

49 AS: Ijo.

50 E: ... eascht hule. Die ana woch foar ich in Caí.

51 AS: Ah ... bain Caí ...

52 E: Ijo.

(A agente de saúde avisa sobre os dias em que a médica estará atendendo na comunidade).

53 AS: Ah ... ana woch, ah ... a cubana vem dia seis, di novo, pra dezembro. Daí dezembro, ela não vem mais.

54 E: Hum hum.

55 AS: A Í... Wen da ebes wo ... sabe? Se tu precisa de alguma coisa ... Daí ela vem agora, quarta-feira, dia seis. E daí ela só volta em março di novo ... aqui na Capela. Ijo. Ijo. Mas aí pode deixa no posto ...

56 E: Não! Não!

57 AS: ... normal como tu fazia. Sim.

58 E: Sim.

59 AS: Ijo. Tranquilo. No posto ela vai tá. Aqui no ... na Capela, no ... em Campres...Campestre, Arroio Bonito, ela não vem. Só em março, daí.

60 E: Hum hum.

61 AS: Ijo. Das wo ima so.

62 E: Nah. Dan kama ...

63 AS: Hum hum. Mais ela vem quarta que vem ainda. Às vezes a Érica te leva lá, né?

64 E: Hum hum.

65 AS: Se tu precisa de alguma coisa.

66 E: Não. Ich hon noch fa ene monat receita ...

67 AS: Ijo. Hum hum.

68 E: ... und ... é...

69 AS: Não troco os comprimidos, nada, né?

70 E: Não. Hã hã.

(A agente de saúde avisa sobre o almoço/baile que a prefeitura organiza todo final de ano para as pessoas acima de sessenta anos).

71 AS: Hum hum. Aqui Elaide, tem aquele baile da...da terceira idade, o almoço, lembra? Hum hum.

72 E: Hum hum.

73 AS: Aí só tem que leva o garfo e faca junto, gell? Ijo. É dia vinte, vai te ônibus. Tá tudo ali em cima, ijo.

74 E: Ha ha.

75 AS: (Fala inaudível)

76 E: Ah ... die dohe hon die fraulait reclameiat ...

77 AS: I ... é ... Que não tava no calendário, gell?

78 E: (Fala inaudível) ... É ...

79 AS: Não tava no calendário.

80 E: Main, wie mech das sem ...

81 AS: Ha há ...

82 E: ... wie mech das sem ...

83 AS: Awa, mais nós tava per ... nós tava cobrando eles. As agente, todas, nós fomo lá: Vamo lá! Dea lait ... os pessoal tá co ... tá ... tá pedindo! Vamo lá! Vai te ou não vão te?

(Risada)

84 AS: Vamo fazê!

85 E: Ijo! Und do hon ... mensch, die agente de saúde wo die Doha do gewen una in Campes, die hot do nicks gesot.

(Risada)

86 AS: Nicks! A gente não sabia nada.

87 E: É!

88 AS: Nós ficamo sabendo disso ali, quarta passada. Ijo, que ia tê.

89 E: Ah ...

90 AS: Daí já fizemos os convite, fizemo a lista, pegamo e já ... já to entregando, ijo.

91 E: Ah ah.

92 AS: Kipt richtich, ijo.

93 E: Ah ah.

94 AS: Hum.

95 E: Noch lang dzait bis dot hin.

96 AS: Hum hum.

97 PE: Das kipt genuch, ijo, dzait.

(Risada)

98 AS: Hum hum.

99 E: Wen das dohe foa heia komt, is noch genuch.

100 AS: Ijo.

101 PE: É. Das is woa, ijo.

(A agente de saúde pede para medir a pressão de Elaide e pede a carteirinha, onde ela anota a pressão e o dia em que foi medida).

102 AS: Vamo dein blu...hoste dein carteirinha, Elaide?

103 E: Sim.

104 AS: Já deixo tudo pronto.

105 PE: Olha ali!

(Risada).

(Elaide pega uma bolsinha de pano feita especialmente para guardar a carteirinha e outros materiais similares).

106 E: Ai ich hons mo do hi ren geschtopt. lah, ises dan jets.

107 AS: Ne, das do is. Ijo.

108 E: Sonts har ich ima ...

109 AS: Hum? Vamos dein blut messe, ijo!

110 E: ... en suherai gehat ...

111 AS: Hum hum.

112 E: ... homa das do gemach ...

113 AS: Ne ... net...net faloa das do blo ... bletche.

114 E: Dat ... glaich ...

115 AS: Hum hum. Tem que levá ele junto daí?

116 E: Hum hum.

117 AS: Gell? Isto.

(A agente de saúde começa a medir a pressão de Elaide).

118 AS: Logo o Pels Nickel vem,né! Ah, acho a cinta dele!

(Risadas)

119 AS: (Fala inaudível) ... Eu logo olhei se ele tava com a cinta se não as calça iam caí ainda.

120 E: Ich hon ene anre pendel (Fala inaudível)

(Risadas)

121 PE: Tá certo, ijo!

122 AS: Isso é uma coisa acho que eu nunca precisei ...

(Risadas)

123 AS: de cinta.

124 PE: Oh, essa Elisa.

(A agente de saúde mexe nos seus papéis).

125 AS: Is so en halwa papia, oía ... faloa do hi. Tanto papel que tem.

126 E: Ah.

127 AS: Quatorze por oito. Is gut so. Tomo a recém os...o comprimido, gell?

128 E: É?

129 AS: A recém tomo o comprimido, né?

130 E: É.

131 AS: Hum hum. Mês passado tava quatorze por sete, ijo. Quase sempre assim. O oito tá bom.

132 E: É.

(A agente de saúde pede para Elaide assinar a lista da visita e a lista das pessoas que receberam o convite para o evento promovido pela prefeitura).

.133 AS: Do. Kantz ... (Fala inaudível) Aqui E ... é...Elaide, daí tu assina pra visita de hoje e depois na outra folha, do ih ... aí depois na outra folha assina daí, que tu ganho o vale-almoço, daí. Depois eu mostro ali na outra folha.

134 E: Hum.

135 AS: Hum hum.

(Elaide vai até a mesa da cozinha para assinar as listas e usar seus óculos).

136 E: Gehen an de tisch.

137 AS: Ijo. Hol dein brill, ijo.

(A agente de saúde fala das fotos penduradas na parede).

138 AS: Eu gosto de olha isso.

(Elaide quer saber como está o vizinho dela, que foi visitado anteriormente a ela).

139 E: E o Paulo?

140 AS: Was?

141 E: Und de Paulo?

142 AS: Iah, wora ... tá com gripe, assim, de Paulo is ima, né ... ele sempre tem uma dorzinha, uma coisinha ...

143 E: É.

144 AS: Gell? Mais assim ele tava bem.

(A agente da saúde mostra onde Elaide deve assinar).

145 AS: Do und do hi. Do. Hum hum. Ne, debaixo. Ijo.

146 E: Ah tá.

147 AS: Das do.

(A agente de saúde começa a conferir os remédios e as receitas de Elaide).

148 AS: Esse era o trepche pra bota no ouvido?

149 E: Noos ...

150 AS: Não? Ah, eu ia dize. Isso é do nariz, é.

(Risadas)

151 (A agente de saúde agradece Elaide por assinar as folhas e as pega de volta).

152 AS: Hum hum. Então tá. Danke scheen.

153 AS: Os comprimidos é os mesmos ainda, né?

154 E: Ijo.

155 AS: Os que tu tem ali ...

(Fala inaudível)

156 AS: Aquela vez deu problema. Eu vo olha eles de novo, gell?

157 E: Ah ah. Opa!

158 AS: Opa! Caiu um aqui! Und jetse? Tava grudado embaixo, ich denke.

159 E: (Fala inaudível)

160 E: Gefal is ...

161 AS: Hum hum.

162 E: Das do sen die womo do selvich mo, gell ...

163 AS: Ijo. Se schloofe, gell.

164 E: ... confusão hare.

165 AS: Ijo.

(Risada)

166 AS: Hum hum.

167 E: Do sen noch...die doche honisch die do gehul.

168 AS: Fah dein blut. Hã hã. Hum hum. Wasa phil, ijo. Hum hum. Is richtich so.

169 E: (Fala inaudível)

170 AS: Hum hum. Richtich so.

171 E: lah.

(A agente de saúde volta para a sala e senta-se no sofá).

172 AS: Ijo. Jets setse mo bissie.

173 AS: Opa! Hum hum.

174 AS: Wen dan ebes passeiat, assim, Elaide, daí tu ... tu liga né ou chama daí qualquer coisa. Ijo.

175 E: Ha ha. Ijo.

(A agente de saúde lembra Elaide de que ela evite deixar água parada).

176 AS: Assim, ao redor de casa, tu sempre cuida, gell?

177 E: Ijo.

178 AS: Por causa de água parada ...

179 E: Ha ha.

180 AS: ... na ... naqu ... aquelas ... tanques tu ... tu sempre tampa ainda, gell?

181 E: Sim.

182 AS: Ijo. Is richtich so.

183 E: Dun die do ren lose wasa fa ...

184 AS: Ha ha.

185 E: ... das anres se schpore.

186 PE: Sim, tá certo!

187 AS: Hum hum.

188 E: Und ken ich als hin chitich kiboas ren.

189 AS: Ijo! Ijo!

190 E: Weste, fa nicks ha ...

191 AS: Ijo. Hum hum. Das Is richtich so.

192 E: Dan ...

193 AS: Awa net so fil, gell!? Assim ...

194 E: Não!

195 AS: Ijo.

196 E: Ich dun net das fa ...

197 AS: Ha ha.

198 E: ... fii gen.

199 AS: Hum hum.

200 E: Nore fa die ...

201 AS: Ijo.

202 E: ... plensia in kode nass mache ...

203 AS: So is gut so. Hum hum.

204 E: ... und die blume dan.

205 AS: Hum hum.

206 E: ... bissie gen.

207 AS: Ijo.

208 E: So fil net.

DIÁLOGO 4

AS: AGENTE DE SAÚDE

C: CLARA

PE: PESQUISADORA

(Entramos na casa da Clara que está na cozinha).

1 PE: Bom dia!

2 AS: Bom dia!

3 C: Bom dia!

4 PE: Alles gut?

5 AS: Alles gutche?

6 C: Ijo! Muss!

7 AS: Muss, gell!

(Clara oferece cadeiras para que sentemos).

8 C: Que senta?

9 PE: Ah! Danke scheen.

10 C: Acho que ... sem ... bist mid, gell?

11 PE: Ah. Was wo?

12 AS: Ai ... tu tá cansada.

13 C: Mu son, weast amen mid.

14 PE: Ah so. Hucka ma uns mo.

(Elas começam a falar do marido da Clara que deve ter a pressão medida regularmente).

15 AS: Ne. Ontem de novo, eu me lembrei do Romeu.

16 C: Eu falei pra ele. Ele não quis ir!

17 AS: É que se eu na ... eee ... Tinha que dá uma controlada na pressão dele ...

18 PE: Ha ha.

19 AS: ... e eu acabei esquecendo essa semana.

20 C: Não! Eu tinha lembrado.

21 AS: Óia.

22 C: Ich hon gesod fain. Ich hon gista owend gesod, sod ge dain blut rona messe.

23 AS: Ha ha.

24 PE: Hum hum.

25 C: Não sei, ele tava resmungando uma coisa. Ich denke ... brauhma net ora ...

26 AS: Mas é ...

27 PE: (Fala inaudível)

28 C: Weste wie die manslaid sem ... olha die sen mo ...

(A agente de saúde começa a fazer as perguntas e avisos de rotina).

29 AS: E, assim, no mais tá tudo bem, gell, Clara? I ... is alles gu ... gut so ... sim ...
ijo?

30 C: Ijo. Ha ha.

(A agente de saúde avisa sobre o almoço/baile que a prefeitura promoverá para as pessoas maiores de sessenta).

31 AS: Aqui tem os convite pro baile ... deixa eu entrega isso logo, pra aquele almoço, lá. Não sei se vocês vão. Nunca foram, mais ..

32 C: O Romeu não vai.

33 AS: É. Só que daí se vocês forem tem que leva garfo e faca, daí, gell?

34 C: Sim. Hã hã.

35 AS: Hum hum. Os comprimidos é a mesma coisa ainda, né?

36 C: Ijo. Vor läufich ... vor läufich is mo noch selvich.

(A agente de saúde avisa sobre os dias em que a médica atenderá na comunidade).

37 AS: Sim e a ... a cubana vai vim agora, quarta, dia seis, di dezembro, daí pra dezembro ela não vem mais. Daí ela só vai vim em março de novo pra Capela. Aí se tu ... mas tu tá deixando lá, né, receita, né?

38 C: Sim. Mas só se ...

39 AS: Mas eu aviso do mesm ...

40 C: ... hã ... wen dan manich mo ebes weia, dan dun ich ... Daí eu vo ali.

41 AS: Hum hum.

42 C: Kan ich rom schraiwe losse.

43 AS: Ijo. Mais assim, daí ela ...

(Se estabelece um silêncio e introduzo um novo assunto relacionado ao tempo).

44 PE: Main jacka aus don das gibt woorem.

45 C: Das gibt hait ... die sun woorem, awa de hiwarecht so, is, blaiht dat me kila, men ich, so jen. Is ach jide doh ima so ene schpasich wetha.

46 AS: Hum hum.

(Clara fala com o cachorro que entra na cozinha).

47 C: Du kanst och mit gen, jets.

(A agente de saúde pede a carteirinha da Clara que vai buscá-la).

48 AS: Tem a carteirinha Clara?

49 C: Ah! So!Guck mo. Ich het die kene gehul hon . Ich ah gonet gedenk as ...

(A agente de saúde fala com o cachorro e fala sobre os pássaros que se escuta cantar naquele momento).

50 AS: Que uma bolachinha? Eu sei!Tá esperando uma bolachinha, né? HUUuum hum. Shit!!! Escuta os wasa hingel oh!

51 PE: É ... isso é sinal de ...

52 AS: ... chuva. Querem chuva.

(Clara volta com a carteirinha).

53 C: Brauh main sicha nore?

54 AS:Ijo. Hum hum.

(Clara se dirige a mim e sugere que eu coloque a minha bolsa em cima da mesa ao invés de deixar no chão como eu havia feito).

55 C: Braust net dein dincks uf de bodem leia. Lees hi in de he.

56 AS: Bota ali. Hã.

57 C: (Fala inaudível) ... He. Brauhma net ... de bodem is dreckich.

58 PE: Ah!

(Risada)

(A agente de saúde mede a pressão da Clara).

59 C: Tu vai medi minha pressão?

60 AS: Ijo, pode senta. Dein blut messe.

61 C: Ou tanto faz wass fa orme?

62 AS: Esquerdo é melhor. É mais alto sempre ali. Daí é sempre melhor olha o esquerdo.

(Enquanto mede a pressão da Clara, a agente de saúde pergunta à ela se está tendo os devidos cuidados para evitar focos do mosquito da dengue).

63 AS: Assim ao redor de casa tu sempre cuida, né, pra mante ... por causa de água parada ...

64 C: Sim.

65 AS: ... não te lixo ...

66 C: Ijo.

67 AS: ... não te pacotes ...

68 C: Dun ich ima ...

69 AS: Ijo.

70 C: ... dun ima de lixo schon ...

71 AS: Hum hum.

72 C: ... alles was ma net mist ... é ... já ajunto.

73 AS: Fah uf passe. Ijo.

(Silêncio)

(A agente de saúde introduz um novo assunto).

74 AS: Logo já é Natal. Schiu!

(Suspiro)

75 C: Ijo. De is tsu schnell kom.

76 PE: Schnell rom kan das joa.

77 AS: Todo mundo tá falando que esse ano passo uma loucura.

78 C: E pra esse ano ...

79 AS: A crise ...

80 C: ... de do ... ah ...

(A agente de saúde termina de medir a pressão de Clara).

81 AS: Quatorze por nove. Gut so. Não tá tão alta hoje. E a recém tomo os comprimido também, gell?

82 C: Sim. Awa die don ich moins ima so mais ou menos so ene uha dsaid ...

83 AS: Hum hum.

84 C: ... as oito, oito e pouco ... so drinck ich die.

(A agente de saúde pede para que Clara assine as listas: uma referente a visita e a outra referente ao recebimento do convite para a festa promovida pela prefeitura).

85 AS: Ijo. Daí tu assina a (fala inaudível) e a visita e depois tem um aqui que tu ganho o vale-almoço, daí, também.

(Clara assina nos lugares que a agente de saúde indica).

86 AS: Quinze. Aqui. Romeu e Clara. No quinz ... é ... hum hum.

87 C: Aqui eu assino?

88 AS: Ijo.

(Clara conta que ela é chamada por um nome mas foi registrada com outro.)

89 C: Ich schraiwe och swoi sodich.

90 AS: Hum.

91 C: Mais é ...

92 AS: Os nome são uma bíblia!

(Risadas)

93 C: Ich sen ima so gewind, weste ... pelo chamado is so ... is Clara, awa
ingeschrib sen ich Claridia ...

94 AS: Maria Claridia!

95 C: Wen ich so ebes assinere, dun ich ima schon schraiwe wie ich ingeschrib sem

...

96 PE: Hum hum.

97 C: ... porque kan probleme gen dan.

(A agente de saúde encerra a visita).

98 AS: Hum. Ijo. No mais assim tá tudo tranquilo né? Tá tude bem daí, gell?

99 C: Sim, sim. Ijo.

100 AS: Então tá!

DIÁLOGO 5

AS: AGENTE DE SAÚDE

E: EIOÍSA

L: LETÍCIA

PE: PESQUISADORA

(Eloísa está sentada na cozinha, ao lado do fogão à lenha).

1 AS: Moint! Schenn wetha gell vovo?

2 E: Ija!

3 PE: Moint!

4 E: Moint!

(A agente de saúde se senta e pede que eu faça o mesmo. Sentamos na cozinha onde Eloísa está sentada).

5 AS: Senta é ... Karine. Oie!!Clara komt glaich.

6 E: Ah ah.

7 AS: Ijo. Das ...

(Eloísa comenta que estava pensando em fazer um chimarrão para ela tomar sozinha, pois a filha dela que vem sempre tomar chimarrão, estava demorando).

8 E: Ich wolt grod ... ich hon gedenk, jets mach ich len ene tee wen ...

9 AS: Ne! Das komt ...

10 E: Ich hon kista ...

(Entra a filha de Eloísa que a ajuda nos serviços da casa).

11 AS: Oi! Bom dia!

12 L: Bom dia!

(A agente de saúde explica o motivo pelo qual a filha está demorando).

13 AS: Ijo. Ela espero nós ali daí ha ...

14 PE: Bom dia!

15 L: Bom dia!

(Eloísa diz para Letícia fechar a porta do quarto, pois o filho de Letícia (Naiquel) está dormindo).

16 E: Mach de tea tsu.

17 AS: Ne, não precisa.

18 L: Ne, de Naiquel.

19 E: (Fala inaudível)

20 AS: Ha!

(O Naiquel voltou de viagem aquela manhã e estava dormindo. Elas começam a falar sobre a viagem dele).

21 L: De Naiquel is en haleb ... de heiat nicks braicht aich ken gedanke mahe.

22 E: Foa kistha nocht, de hot noch nicks geschlof, foa kistha nocht ...

23 L: Swoi nocte. Nicks geschlof.

24 E: (Fala inaudível)

25 AS: Ah, eu vi! Ele boto no ... no status. Eu falei pro Darlei: O Naiquel tá na praia? Ele foi acho que pra praia ...

26 L: E pra Santa Catarina!

27 AS: Eu vi. Eu acompanho o status dele.

28 L: Die sen an quarta de ma ... quinta dan de manhã três horas foth und hait moint in haleb sibe hem kom.

29 AS: Sim. Eu vi que ele tava no caminhão, daí ele boto, eu não sei quem é que foi, o mano, ele ...

30 L: E o filho do ... do ...

31 E: Lanius.

32 L: (Nome inaudível) ... Lippert.

33 AS: Ah. Esse eu não conhecia.

34 L: O Mateus.

35 AS: Esse eu não conhecia daí ele escreveu game over. Daí o guri tava assim ...

(Risadas)

36 AS: ... dormindo no caminhão né. Daí ele escreveu game over,acabo, né, o jogo!

(Risadas)

37 AS: Hum hum. Mas eu não vi que ele tava ali.

(A agente de saúde inicia as perguntas de rotina).

38 AS: Hum ... und so Eloísa, alles gut, so?

39 E: Ijo.

40 AS: Ijo. Os mesmos comprimidos ainda, gell?

41 E: Ha ha. Die nocht must ich mo uf shtaia und mo noch ene schtick nerfe Phil in hule ...

(A agente de saúde inclui o assunto da final da Libertadores em que o Grêmio foi campeão).

42 AS: Ha ... Quarta não preciso toma mais?

(Risadas)

43 AS: Por causa dos barulho?

44 E: Não.

45 L: Die hot nicks geheiat!

46 AS: Go ... nicks?

47 L: Weste was? Ich sen schlofe gan, sor ich wen die nore ke golo me mache ...

(Risadas)

48 AS: Meh! Que bom que ... olha.

49 E: ... det noch me foguete in die he lose!

50 AS: Main got! Óia!

51 L: Die hon menich haleb ene ...

52 E: Sen ich ingeschlof und ni ... nicks ...

53 AS: Eu fui ... eu fui pra cama ... eu fui pra cama era dez pras duas. Chega! Agora eu fui! Daí ... daí o Darlei tava lá assim ... Ele tava assim: Eu não consigo dormi. E ... ele não conseguia dormi! Wora verrickt! Weste!

54 L: E cerve ... ijo!

55 AS: Ele tava assim com o coração...de pura cerveja! Got nach mole! Olha.

56 L: Ich kont och net gleich inschlofe. weste?

57 AS: Ah. Eu dormi!

(Risadas)

(Eloísa retoma o assunto sobre a dificuldade que ela tem para dormir).

58 E: Ne! Ich é...ebes werricktes. Ene scho ... owend schlof ich gut ...

59 AS: Hum.

60 E: ... de anre owend ...

61 AS: Hum hum.

62 E: ... don ich ene kans nocht wah traiwe.

63 AS: Hum hum.

64 E: Wo nicks! Ich hon awa ... kont net schloofe ...

65 AS: Awa drinckst gel l... tu tem ... sempre toma o comprimido, gell?

66 E: Hum.

67 L: Hum hum.

(A agente de saúde avisa sobre o almoço/baile que a prefeitura promove todo final de ano para as pessoas maiores de sessenta).

68 AS: To hi Eloísa, tem aquele é ... aquele almoço sempre que tem final do ano. Não sei se tu vai. Acho que tu foi ano passado, gell?

69 E:Eu acho que ... Não.

70 AS: Não?

71 E: Não.

72 AS: Eu falei ainda pra ... pra Clara: Mas vão tu e a vó! Daí depois, eu acho que eu vo tem que servi, né! Daí depois vocês podem vim comigo. Não precisa ficá lá no baile.

73 L: lach ne! Ich fore die jo runa und kand die jo hule kome.

74 AS: Ijo!

75 L: (Fala inaudível)

76 AS: Eu não sei se nós vamo tem que servi, mas acho que sim!

77 E: (Fala inaudível)

78 L: Das do is Ke problem!

79 AS: Vão lá e almoçam e volta! A Claridia ...

80 L: Ijo!

81 AS: ... a Clara vai ir! Eu só explico ela!

(Eloísa confunde esse almoço sobre o qual a agente de saúde está falando com a eleição de diretoria que organiza os bailes da terceira idade).

82 E: Die miste ... Die miste jets weele, die wolde ene nai diretoria weele ...

83 L: Ne! Dat is jo fum hã ... sch ... das is jo fum, bool!

84 AS: Ne! Das do is fun ... esse é da prefeitura!

85 L: Das do is fun de prefeitura!

86 AS: Ijo. Die prefeitura betzold, ijo.

87 L: Ah dat jo!

88 E: Ah.

89 L: Dat do is ...

90 AS: Mas é o baile do final do ano que a prefeitura sempre dava. Só daí se vocês forem, tem que levá garfo e faca ...

91 E: Hum hum.

92 AS: ... e esse bilhete junto, daí!

93 E: Das do fagess ich net ...

94 AS: Ijo!

95 E: ... wie ich ima noch hin ...

96 AS: Ijo!

97 E: ... honich ima ... (Fala inaudível)

98 AS: Dat schted alles truff, ali. Tá a hora do ônibus, o dia. Tá tudo em cima.

99 E: Wen ich mist noch min ônibus fore, dan mo gonet!

100 AS: Ijo! Ijo!

101 L: Fot noch net mo met dem carre ...

(A agente de saúde menciona o caso de uma senhora que tem problema de saúde em uma das pernas e, por isso, tem grande dificuldade em entrar no ônibus).

102 AS: Die Vilma hot ...

103 L: ... fil wenicha min ônibus!

104 AS: ... mus och son ... die Vilma, weste. Ah..Mohr, Mohr, lá embaixo, também.

Is pareats schlecht, assim, pra subi no ônibus, né!

105 L: Hum hum.

106 E: Ijo.

107 AS: Por causa da perna dela, né!

(Então Eloísa afirma que também tem problema em uma das pernas).

108 E: Iah! Jets hon ich hidas ben, gibt das selwiches!

(A agente de saúde começa a se organizar para medir a pressão da Eloísa).

109 AS: Ijo. Das gibt schlim. Vamo dein blut messe! Braust net jacka ...

110 E: Mea ist woorem!

(Enquanto isso, ela pergunta sobre o cachorro da família, um filhote).

111 AS: Ha. E o Marlei? Eu não vi mais ele.

112 L: Ele tá um ...

113 AS: Ele tá grande?

114 E: Dat is de blange daiwel!

115 L: Sim.

(Letícia vai até a janela e começa a chamar o cachorro).

116 L: Marlei!

117 AS: Eu não vi mais ele ainda!

118 L: Óh! É só chama, daí ele já levanta a cabeça!

119 AS: Va...é. Vamo vê...

120 L: Oh Marlei! Marlei!

(A agente de saúde começa a medir a pressão da Eloísa).

121 AS: Eu não ... so. Scheen ruiche, gell!

122 E: Hum hum.

123 AS: Nochte ...

(Letícia chama a agente de saúde para que ela veja o cachorro).

124 L: Eliane!

125 AS: ... depois dá pra pega a carteirinha.

126 L: Hiwe schtera!

127 AS: Ah! Oi Marlei! Ele não cresceu muito! Achei que ele ia fica grande! Ou ele cresceu bastante?

128 L: Mais ... iah eu não ... não acho muito ...

(Eu vou até a janela para conhecer o cachorro).

129 PE: Quem é o Marlei?

130 AS: O branquinho lá oh!

131 L: Hiwe de waise.

132 PE: Ah! Ali!

(Risada)

133 AS: Fofinho!

134 PE: Bonito!

135 AS: Kans frech!

136 L: Dat is ene tia! De hult alles! Und de is on de kats ...

137 AS: Hã hã...

138 L: ... und die kats led sich hin und schroid!

139 AS: Sim!

140 L: ... und de main ... de fabaist die und ...

141 PE: Meu!

142 L: ... die micht Nicks! Die defendeiat sich so bissie, awa net ... die ken sich besa defendere!

143 AS: Hum hum.

144 L: Mais...

145 PE: Wie scheen!

(Risadas)

146 L: Ich kan net de raus lose wail de humat dorich alles!

(Risadas)

147 L: Do is ke...nicks die ... do die schlape helda, die lumbe, what ... de shlap held dan raisda aus, dat guckda schon, wen ma fot gen dan schpringda nome do hin.

148 AS: Ha ha.

149 L: Ne...

150 PE: Die hons hinich de ore.

(A agente de saúde avisa sobre os dias em que a médica atenderá na comunidade).

151 AS: A cubana e ... se vocês precisarem, ela vem agora quarta, dia seis ...

152 L: Ah sim, quarta eu quero ir.

153 AS: ... e daí eu mandei uma mensagem, não sei se tu chego a vê ...

154 L: Ijo.

155 AS: ... de noite. É ... e daí ela vem dia seis e daí ela não vem mais pra dezembro. Ela ia vim dia vinte, mas aí é bem no feriado ...

156 L: Feriado.

157 AS: ... ijo, é bem no baile, daí ela não vem mais.

(A agente de saúde termina de medir a pressão da Eloísa).

158 AS: Onze por sete. Aí ela só vem em março de novo.

159 L: Ijo.

160 AS: Não. Gira. Março.

(Eloísa fala sobre a própria pressão).

161 E: Blaip das emo wis ana mo?

162 AS: Ijo.

163 E: (Fala inaudível.) ... jede monat.

164 AS: Hum hum. Mas no posto ela vai tá. No posto, pra troca receita, marca por hora, é ... o ... a consulta por hora marcada sim. Awa do hi, na Capela, só em março de novo. Agora ela vai vim dia sei ... ana woch!

165 L: (Fala inaudível ... fa receita raus schraiwe lose fa eksome maha.

(A agente de saúde pede a carteirinha para anotar os dados de Eloísa).

166 AS: Ijo! Huld dein carteirinha ha ... Eloísa.

167 E: Ijo. Ich gen hule.

168 L: Karine, wilste ene tee?

169 PE: Ich drinke ene.

170 AS: Onze por sete.

(A agente de saúde anotou a pressão de Eloísa).

(A agente de saúde pergunta à Letícia se eles está tendo os devidos cuidados para evitar focos do mosquito da dengue).

171 AS : Assim ao redor de casa vocês sempre cuidam, gell?

172 L: Ijo.

173 AS: De dois em dois meses ...

174 L: Ijo.

175 AS: ... tem que dá uma passada ...

176 L: Ijo.

177 AS: ... uma falada ...

178 L: Ijo. Ne, is noch selwich ...

179 AS: Ijo. Hum hum.

180 L: ... wis du die tohe gucke wost.

181 AS: Gut so. Aqui na Capela o pessoal cuida, mas mesmo sempre ... que essas folhas, as nossas coisas tudo tem que passa pro Airton ...

182 L: Ah!

183 AS: ... o vigilante sanitário. Daí tudo a gente tem que passa pra eles, daí, né!

(A agente de saúde pede se Letícia também quer medir a pressão e pergunta sobre a saúde dela, do filho e do marido).

184 AS: Que olha a tua pressão também?

185 L: Ne.

186 AS: Ne.

187 L: Wes schon ima aus wenich.

(Risadas)

188 AS: Ijo.

189 L: Ne ...

190 AS: Não toma assim outro comprimido ah ... Letícia?

191 L: Não.

192 AS: E o que que deu lá? Tu foi naquele ortopedista?

193 L: Sim.

194 AS: Conseguiu e?

195 L: Sim. Eu tenho que volta. Daí eu fiz a ressonância, daí quero vê segunda-feira porque de kimt bloc men ich segundas und ... dot hin.

196 AS: Hum hum.

197 L: Dan muss ich jo, awa ... schdet... schdet so ko fun dem ha ... guri, weste, fun ... di ... tho ... fun ... dem... weste ... nire schten ...

198 AS: Hum hum.

199 L: ... do scted ebes ... sei lá. Ich hon net fahschtan.

200 AS: Hum hum.

201 L: Schdet observação.

(Eloísa traz a carteirinha e entrega à agente de saúde).

202 AS: Danke scheen. Ah! Quase cheia! Kans ful! Ijo.

203 E: Hum hum.

(A agente de saúde faz as anotações na carteirinha da Eloísa).

204 AS: Hum hum. So. Danke scheen.

(Letícia mostra o resultado de um exame para a agente de saúde e pede que ela olhe para dar uma opinião, pois ela não entendeu o que está escrito).

205 L: Guck hi so Eliane, kans una riwa ene obse ...

(Eloísa mostra o lugar onde colocou a foto da filha da agente de saúde, que é bisneta de Eloísa e mostra que a colocou em cima da geladeira).

206 E: Schtelas Raíssa do truff ...

207 AS: Was?

208 E: Schtele Raíssa do truff ...

209 AS: Ah sim!

210 L: ... ene observação. Ich hon net fahchtan was das is ...

(A agente de saúde lê o que está escrito no exame).

211 AS: Esse exame foi documentado de maneira resumida em filme. Todas as imagens adquiridas encontram-se gravadas no cd.

212 L: Guck do de, das. Do shted oh.

213 AS: Identifica-se promi ... preeminência do sistema pioelocalizinado do rim esquerdo. Devendo ser considerado ...

214 L: Dat wo ...

(A agente de saúde pergunta se isso pode estar relacionado com a doença do filho dela).

215 AS: Eu ia dize ... tu não, o Naiquel pegu de um ... é ...

216 L: Não. Hum hum.

217 AS: ... devendo ser ... mas quando tu fez os exame tava tudo certo?

218 L: Nora das ich och nire shten hat.

219 AS: Hum hum.

220 L: Awa clene shtencha só que jets sense die dan gewacks jo.

221 E: Ja dat wo do krod wis Du die ... é ... wi de denke ich fot kan is.

222 AS: É. Iden ... eles identificaram alguma coisa! Esse poeminencia ali, de sistema pielocalicinal, Meu Deus! Isso tem que daí procurá no ...

(Letícia diz que pediu para a sobrinha dela que é formada em farmacêutica, para que olhasse o exame, mas que ela também não entendeu o que estava escrito).

223 L: As Noeli hat och ...

224 AS: É!

225 L: ... schon geguckt ...

226 AS: Pois é.

227 L: ... ijo!Hot gesod, ijo, het och net richtich fahshtan. Sold mo ...

228 AS: No rim esquerdo é.

229 L: Ijo! Dat is dat!Weste, wie ich die eco gemach hon ...

230 AS: É que tem tanta coisa, né ...

231 L: ... die ... de ... do wo de shten in canal ...

232 AS: Hum.

233 L: ... ja, is a jets fot kan ora net. Hot...wal die phain hot noheia no geloss ...

234 E: Ja das platz kan toch in de niare noch sain ... das ...

235 L: Weste, dan wes ich jets net ... was dat dot ...

236 AS: É, aqui. Pelo que eu entendi, tem uma coisinha, mas eles tem que olha o raio-x pra vê o que que é, porque daí, hã pedi, né ...

237 L: Ijo.

238 AS: ... devendo ser considerado com exame da ecográfico. É.

239 L: Die honich noch do.

240 AS: Hum hum.

241 L: Die mus ich dan mo die dohe mit hule.

242 AS: Isso aí! No mais assim tá tudo bem, gell?

243 L: Ijo.

(O assunto recai sobre o filho de Letícia que possui uma doença e toma medicação que é dada pela prefeitura e é fornecida pelo governo que atrasa o fornecimento do medicamento com certa frequência).

244 AS: Então o Mário também, o Naiquel...como tá o Naiquel com os comprimidos? O remédio tá dando certo tudo né?

245 L: Ijo. É. Die tohe hora schon aviseiat, de Alceu ...

246 AS: Hum.

247 L: Am ... hã ... die dohe ... Ge ... ja ... bai de Jair und hot ... é ... het gesot que en Naiquel sain phile were noma net ren kom ...

248 AS: Hum

249 L: De governo het atraseiat ...

250 AS: Hum hum.

(Então Letícia conta que ela foi uma tarde até o centro, pegar os comprimidos do filho e falar com a farmacêutica responsável pela entrega dos remédios à população, para conferir se o cadastro do filho estava em dia, pois uma vez, ela não recebeu os comprimidos do filho, porque a farmacêutica havia esquecido de renovar o cadastro e, esse acontecimento, a deixou atenta as datas de renovação).

251 L: Só que, do mitags sen ich jo toch riwa und do sen ich glaich hin, wal ich het sa misse schon nome hu ...

252 AS: Ijo.

253 L: ... noch ... ich het noch gehabt ...

254 AS: Hum hum.

255 L: ... awa dan herrich wole froe und do hots awa gesot: que até sexta, jets ene woh schon , deresa schon kome, dan hots mea pho keb.

256 AS: E não tem como pedi pro médico lá bota sempre a mais, pro governo manda mais e ele, melhor ele te mais em casa ...

257 L: É que weste, grod die wu fele ... die ...

258 AS: Esse ...

259 L: ... die hole nos ene fia schtik in ...

260 AS: Hum hum.

261 AS: Me huld, hole die net in all. Die hule moins swoi und owends swoi, fun dene sot und die sot grod feld. Und net fele, de dut atrasere.

262 AS: Hum hum.

263 L: Weste was fil passeiat wo? Dat is selich mo atraseiat porque a farmacêutica esqueceu de renova o cadastro. Weste, und do is das passeiat.

264 AS: A Raiana.

265 L: Und jets, weste, do honich gleich gedenk: main! mesh de cadastro net venceiat sen!

266 AS: Hum.

267 L: Und do hon ich das gefrod, sorr ich: Mais o cadastro não tá vencido? Do hots gesod: Ah! Eu vou dar uma olhada. Hots gesod.

268 PE: Ha ha.

269 L: Awa ich wust mais ou menos das a net, wal ich bassa selwa bissie uf ...

270 AS: Sim.

(Letícia percebeu que o cadastro do filho irá expirar antes da próxima consulta com o médico que prescreve o remédio e renova a receita. Ela comenta isso com a farmacêutica que sugere que Letícia pegue uma receita nova com a médica que atende na comunidade).

271 L: Do hots geguckt: Não, só até dia dezoito de janeiro ... (Fala inaudível) ...: Tá, mais dezoito de janeiro, eu só tenho em março consulta!

272 AS: Hum hum.

273 L: Daí, como é que eu faço? Do hots gesod: Não! Mais aí a cubana pode renova ... (Fala inaudível) die hot och geschend de letst.

274 AS: Fa was?

275 L: Weia net demsa orwet weia de doktra una fun de schtat.

276 PE: liiii ...

277 L: Weste,do honich do geschtan...do honich glaich gesod: Tá, wense net wold!
Dan honich gedenk: Menste ich det discutire!

278 AS: Hum hum.

279 L: ... (Fala inaudível) ... : Tá aí eu vo vê quem ... daí ... eu vo vê um outro médico! Wen ich mus ah bai de Idemar fore ...

280 AS: Humhum.

281 L: ... particular betsole fa de ...

282 PE: Sim

283 L: ... cadastro mea mache.

284 AS: Sim.

285 L: Und do is awa in sich kan.

286 AS: Ah ah.

287 L: Und do hot das gesod, das anras ...

288 PE: Wea chickt?

289 AS: Pareats ... (Fala inaudível)

290 L: (Fala inaudível)

(A agente de saúde pede para que Eloísa assinie a lista que recebeu o convite do almoço/baile e a lista da vista).

291 AS: Aí tu assina aqui que tu ganho o valezinho-almoço e depois aqui a visida ...
a visida ... a visita ...

(Risada)

292 AS: ... mais!

293 L: Do hot ... hotses gemach.

294 AS: Hum hum.

295 L: Só que weste wie ...

296 AS: Do.

297 L: ... die alsmo is mal-humorada.

298 AS: Hum hum. É. a ... as ...

299 L: Und alsmo net!

300 AS: Ijo.

301 L: No começo, dan noheia dutse bissie dsoda ...

302 AS: Hum hum.

303 L: ... glaich is sa ima me ...

304 AS: Hum hum ...

305 L: ... so grossa!

306 AS: Hum hum.

307 L: Só que eu acho ...

308 AS: Eu acho que ela que vê como a gente chega lá ...

309 L: Ijo. Só que ... ich dun net ... honisch gedenk ...

310 AS: ... como os outros chegam lá.

311 L: ... dan kanste jo fakeese wens du menst ich det deia antwode, wus du ...

312 PE: Hum hum .

313 AS: Wod ...

314 L: ... honich ... hon ... tranquilo...(Fala inaudível)

315 AS: Ijo.

316 L: ... do noheia wose dsomche gewen ...

317 AS: Hum hum.

318 L: Grod so och mol, wie ich ene mamografia, ene blod falangt hon, do hotse gesod: Mas tu sente alguma coisa?

(Risadas)

319 AS: Ha ha.

320 L: Do het ... weste, wen ich het Wole grossa sen her ich kene gefrod hon: Mas tem que senti pra faze?

321 AS: Hum hum.

322 L: Tem que espera até ...

323 PE: Sim.

324 AS: Ha ha.

325 L: Do honich gesod não, honich do gesod und do ... do wod gut ...

326 AS: Ha ha.

327 L: ... raus geschrib.

328 AS: Dat is so ...

329 L: Ijo. So is die.

330 E: Do kama net ... ah ... kama net gleich krinsich gen.

331 AS: Hum hum.

332 L: Só que, weste...

333 E: So is mit de doktre och!

334 L: ... die dreft awa net ima ...

335 AS: Ijo.

336 PE: É.

337 L: ... so ene on.

338 E: Ijo.

339 AS: Só que a gente ...

340 E: Naiah!

341 AS: ... por mais que ... que os médicos tenham um dia difícil, aquela pessoa que tá ali, ela tá precisando de ajuda. Ela não que ainda se recebida com patada, né?

342 L: Ijo!

343 AS: E daí é assim. Daí é sempre ...

(Eloísa muda de assunto).

344 E: Is das wasa woorem!

345 AS: Hum hum.

346 L: Ich hat schon, ai schit noch kaldes ren! Ja hot jaus uf ene owe geshtan.

347 E: Net fil.

348 L: Ich hat das net controleiat.

349 E: Don ima jaus kohe. Jen honse geschend, weia so woorem.

350 AS: Hum hum.

DIÁLOGO 6

AS: AGENTE DE SAÚDE

C: CÉSAR

L: LUCIANA

N: NARA

PE: PESQUISADORA

(Quando chegamos à casa da família que consiste em um casal de idosos, estavam presentes naquele momento, o marido e uma neta do casal. Eles estavam na área externa da casa embalando morangos que são produzidos pela própria família).

1 AS: Bom dia!

2 C: Bom dia!

3 N: Bom dia!

4 PE: Bom dia!

(Quando chegamos e os cumprimentamos, a neta do casal quis se retirar, mas a agente de saúde disse que ela poderia ficar).

5 AS: Oiê! Pode fica Nara!

(Risadas)

6 PE: Alles gut?

7 C: Get so.

8 PE: Get so?

9 AS: Alles?

(César explica que ele e a neta estão embalando morangos).

10 C: Mea sen grod am dreck am dreck maha und ... und sawa gemach.

(A agente de saúde pergunta se a esposa de César está em casa).

11 AS: Und die Luciana, net dehem?

12 C: Ijo!

(A agente de saúde fala sobre os morangos).

13 AS: Ah! Tá! Um ... Olha só que bonitos né?Eu ... por isso que eu peguei ...

14 C: (Fala inaudível)

15 AS: ... por isso que eu peguei a carteira do carro!

16 PE: Ha.

17 AS: Ha...Hum hum.

18 PE: Hum.

19 C: Mench, jets awa nore die alles insehbage don. Main got nah mole ...

20 AS: Ah ah ... (Fala inaudível)

21 C: (Fala inaudível) ... die, awa, wie ...

22 AS: Tem tempo ainda.

23 C: lah.

24 AS: Hum hum.

25 N: Eu não olhei na hora, wie fil uha is...

26 AS: É dez ... dez e pouquinho, acho que agora ...

27 PE: Dez e dez.

(A agente de saúde muda de assunto e pergunta sobre o exame que César fez).

28 AS: E assim César, o que deu no exame lá?

29 C: (Fala inaudível)

30 AS: Weste net? Não sabe?

31 N: Não saiu o resultado.

32 AS: Não?

33 C: (Fala inaudível) ... die doutora ...(Fala inaudível)

34 N: Só sábado.

(A agente de saúde pergunta sobre o problema de saúde que ele tem. Ele apresenta grande dificuldade para respirar: falta de ar).

35 AS: Hum. Mais assim, luft ...

36 C: lah...

37 AS: Chlecht?

38 C: Do ... do vos gut moins.

39 AS: Hum hum.

(Ele relata a experiência de como foi fazer o exame).

40 C: Mensch, doutora lá, mench hot dat geguckt, mench ich gement ich gebt frickt ...

41 AS: Hum hum.

42 C: ... ich wo gans dol wie ene fle ...

43 AS: Ha ha.

44 C: Ich wo weglich ... (fala inaudível.) ... Main got nah mole.

45 AS: Ha ha.

46 C: Ich wo fro wie ich dot hin raus gen kont ...

47 AS: Hum hum.

(Chega a esposa que está comendo uma fruta).

48 AS: Bom dia Luciana!

49 L: Bom dia!

50 AS: Tá no kafi ainda, no ... no lanche?

(Risadas)

(A agente de saúde avisa sobre o almoço/baile que a prefeitura promove todo final de ano para as pessoas maiores de sessenta).

51 AS: Do hi Luciana, eu tenho os convitezinho, weste, pro almoço do ... do final do ano, que a prefeitura dá, ijo. Daí vai ser dia vinte, ali tá ... tá tudo em cima, ijo ... tá tudo es ...

52 L: Uf de toh?

53 AS: Ijo. Dia vinte, dez e meia ônibus passa, uma e meia é o baile e tem que leva ga ... garfo e faca, daí. Dat chted druf, ijo. Atrás eu botei, daí. Hum hum. Dia vinte, ijo.

54 L: Ah ijo! Dat musma ima mid hule.

55 AS: Ijo. Hum hum. A mesma coisa.

56 L: Ijo.

(A agente de saúde avisa sobre os dias em que a médica atenderá na comunidade).

57 AS: Continua a mesma coisa ainda und é ... die cubana ... ela vem é ... sexta, ana wuh, gell. Se ... é ... dia seis ela vem, quarta-feira que vem. Pra dezembro só dia seis. Daí ela vem de novo só em março, pra Capela de novo.

58 L: lah. Ich hon die receita jets die dohe ...

59 AS: Hum hum.

60 L: ... raus chraiwe gelos. Die hon jo net ge ...

61 AS: Não venc ...

62 L: Mu son het ... wen ich die jets net é ... dia seis herrich khe phile schon gehat.

63 AS: Hum hum.

64 L: Und do honich die dohe ... ich brau khe receita jetse.

65 AS: Ijo. E o examizinho tu tá fazendo, o testezinho do tsuga, tu faz no posto ainda?

66 L: Wat fa?

67 AS: Aquele do ... da diabetes. Aquele do tsuga?

68 L: Ijo. De ...

69 AS: Do dedinho?

70 L: Ijo. De honich awa...kan sem wen ich de midwoh dsaid hon, kom ich runa und dan kan ich so lang, uf an posto lose jo kene mahe.

71 AS: Ijo. Hum hum. Schod, ijo.

72 L: Wole net.

73 AS: Hum hum.

(A agente de saúde começa a medir a pressão deles).

74 AS: So. Dan Kans bissie setse. Ijo. Die Lus und de César och, fa dat blut messe.

(A agente de saúde pede para que Luciana pegue a carteirinha em que ela anota os dados deles).

75 AS: Hum? Ijo. Hot do carteirinha, é ... Luciana?

76 L: Ich gense hule.

77 AS: Ijo. Kan setse César. O preço é o mesmo ... so ... hum hum. So ...

(A agente de saúde começa a conversar com um dos cachorros da família e o assunto recai sobre ele).

78 AS: E tu? Hum...e tu?

79 N: Ela tá grávida.

80 AS: Tá grávida!

81 PE: Ah é?

82 AS: Ah ... mais ... Eu ia dize que ela tá meio barrigudinha.

83 N: Sim e ela tá ... ela pego ... hã ... s ... cria de um cachorro grande.

84 AS: Ah! Do ... daquele schwatz lá? Aquele preto?

85 N: Não. Do Kalling lá!

86 AS: Mas ele veio aqui ou ela foi lá?

87 N: Não. Ele ... ele ... a vó hot die in geschbet und ...

88 AS: Hum hum.

89 N: ... ele conseguiu entra.

90 AS: Main got nah mole!

91 N: Não sei se ela não vai morre.

92 AS: Óh! É porque aqueles lá são uns gran ... uns pernudo, grandão, né!

93 PE: Bah!

(Luciana volta com a carteirinha e começa a falar sobre a colheita de morangos).

94 L: Jets gibts nome eardbeiacha! Jets sense noma scheen. Die dohe wore die ima all faul!

95 AS: Hum hum.

96 L: Main ... die dsait ... wie schene gohong hon ...

(Luciana mostra como eram os morangos).

97 L: ... so eiadbeeren. Ene said konste de finha ren drige.

98 PE: Oh!

99 L: Lecha jen, faul gewen!

100 PE: Oh!

101 L: Jets sem dot pho dobai noch, fun de kansa, das gibt denck ich, hunad caixinha ...

102 AS: (Fala inaudível) ... das dincks gell?

103 L: ... (Fala inaudível) ... wo ecklich sem ...

104 AS: Oh...she ...

(Luciana mostra alguns morangos que ainda apresentam o mesmo problema da safra anterior).

105 L: Guck mo ...

106 PE: Hum ...

107 L: So wore die am forich mo, so fill ...

108 PE: Sim.

109 L: Schenn dsaidich eiad ...

110 PE: Die scheen gross!

111 L: ... und hi ... ijo.

(A agente de saúde termina de medir a pressão de César).

112 AS: Quatorze por oito.

113 L: Die do sot och, guck do.

114 AS: Gut so. O oito tá também tá bom.

115 PE: Hum hum. Ijo. Schod do foa, gell?

116 L: Die kama raus schnaide ...

117 PE: Sim.

118 L: ... dat is nos so ene blackche, fah se esse, kamase hule.

(A agente de saúde pergunta sobre os medicamentos do casal).

119 AS: Os remédios é a mesma coisa ainda, Luciana? De vocês dois, os comprimidos ...

120 C: (Fala inaudível)

121 L: De César, honich gesin, schdet net do hi truf?

122 AS: Ah?

123 L: De hilt ... de hilt de finasterina jo noch in ...

124 AS: Ijo und ...

125 L: ... und die ... é ... Ale ... Alenha ...

126 AS: Alenha und Aerolin ... de noite.

127 L: Aerolin und ...

128 AS: ... und wa ... wasa phil.

129 L: Hidro.

130 AS: Hidro, ijo.

131 L: Sen die all druf?

132 AS: Ijo.

133 L: Ah do?

134 AS: Hum hum.

135 L: Dan sense all druf.

136 AS: Ijo.

(A agente de saúde mede a pressão de Luciana).

137 AS: Vamo dan, demsa blut messe, ijo.

138 L: Ich mene mains ... is dat net ... sen all dot druf.

139 N: Ele tomava o AAS, mais ele não toma mais.

140 AS: É. Eu acho que o AAS fa ... eu acho que faz tempinho já que eu não tinha mais ali ele ...

141 N: Gell? Do hot och ima AAS gedrunck?

142 L: Ijo.

143 N: Die dohe ... ele conto.

144 AS: Hum so.

145 L: Dat...

(Suspiro)

(César começa a falar da colheita de uvas do pai da pesquisadora que está próxima).

146 C: Die don jets och nicks wie drauwe schpritze ...

147 PE: Die kome jets fria on, das joa, hot de pai gesot. Dezembro, jets schon, ana woh, ora wine ge ... fenhese schon on ende pho ...

148 AS: Nossa! Que legal!

149 PE: Sim.

150 C: (Fala inaudível)

151 PE: Ich sod: noch bess! Krinse ene besse prais och, gell?

152 C: Ijo. Ijo. Prais...

153 PE:...och fria on.

154 C: Ijo.

155 PE: Kome ah net all of mol, dan.

156 C: Ijo.

157 PE: Is och laichta.

158 C: Óia! Wen die all of mol kome...Óia! Do ... dat is orwet do neve! Óia! Ja mus emfa... (Fala inaudível)

159 PE: Musma ende ma gell! Und dan...

(A agente de saúde termina de medir a pressão da Luciana.)

160 L: Quatorze por nove.

161 AS: Quatorze por nove. Ijo. Is och gut.

(César começa a falar das tempestades que atingiram algumas cidades do Estado).

162 C: Iach! Wen das guista, mench guista, ene blatz wu do schlose wore ... uh!

(A agente de saúde pede para que Luciana assine as listas: uma referente a visita e a outra, ao recebimento do convite para a festa promovida pela prefeitura).

163 AS: Pareats Luciana?Aí tu assina aqui ...

164 PE: Ich hon gesin ...

165 C: (Fala inaudível)

166 AS: ... que tu ganho o vale-almoço, do hi ...

167 C: Mench! Óia! die orma laid. Do is ke bom...óia die bem ... alles ... (Fala inaudível)

168 AS: ...aqui, pletzie, ijo, Luciana e César, dat bletche, ijo, weste?

169 PE: Mea hon ima glick gell? Das get ima wait wech do hi.

170 AS: Dat pletzie ... aqui.

171 L: (Fala inaudível)

172 AS: Ijo! Ijo! Ijo!

173 L: Ma ... main nome.

174 AS: Ijo!Ijo! Gut!

175 C: Do ... do ene son wetha dorich, wea demsa end all fot nochma ...

176 AS: Depois pra visita.

177 PE: É.

178 C: Ne! Do sen schlose kom, die tech all faschlön, de brazilit wo ... (Fala inaudível) bhua so schtiga, die hon ...

179 AS: So, do e aqui é pra visita daí.

180 C: ... alles sama geschet, min schip sama geschep, do neve alles rona ge... (Fala inaudível)

181 AS: (Fala inaudível)

182 PE: É, das is ...

183 C: Wen ma so was sin dot ... óia ... is woa.

184 PE: Is nicks dron se mache, gel ...

185 C: Ijo! Ijo! lach, is ...

186 PE: ... emfa.

(A agente de saúde termina de recolher as assinaturas de Luciana).

187 AS: So. Danke scheen.

188 L: Gens ...

189 AS: E assim ... was?

(Luciana retoma o assunto da colheita de uvas do pai da pesquisadora).

190 L: Gense schon ende drauwe?

191 PE: Die wole onfenge, men ich, swoi wuhe, ene wuh noch, ora swoi, dan fenhese on se ende.

192 L: Ich hon gesin une baim Gorete, am krist, do henge och so glutche ...

193 PE: Uh!

194 L: ... die sem schen blau ... kans.

195 C: Dat is demno. Wie das wetha is ... wen dat ... (Fala inaudível)

196 L: Und do honich noch gedenck: Sem die drauwe frii on! Das is doch novembro!

197 AS: Hum hum.

198 PE: Sim. Sem fria on.

199 L: (Fala inaudível)

(A agente de saúde pergunta à Lucina se ela está tendo os devidos cuidados para evitar focos do mosquito da dengue).

200 AS: Ijo. Assim ao redor de casa, vocês sempre cuidam, gell? Por causa de ...

201 L: Ijo! Ijo!

202 AS: ... água parada, gell?

203 L: Do basich ima uf wen do ... (Fala inaudível)

204 AS: Jo, nas lonas, em potinhos.

205 L: Wail mea hon fil dorom schten fa die hingle.

206 AS: Ijo. Não! Das ... isso não faz mal, né!

207 L: (Fala inaudível) ... awa dat wea ale bho doh nome rom geschmis und naies ren gedon.

208 AS: Ijo.

209 L: (Fala inaudível)

210 AS: Isso não faz mal, ijo.

RELATO DA AGENTE DE SAÚDE

PE: PESQUISADORA

AS: AGENTE DE SAÚDE

PE: Tu morava onde primeiro?

AS: Eu sou natural de Paraná. Aos três anos eu vim pra ... pra Lindolfo e daí, nós moramos dois anos. Daí quando eu tinha cinco anos, eu vim mora pra Capela, daí. Isto. Eu vim mora pra Capela com cinco anos de idade.

PE: Em casa, tu falava em português?

AS: Em casa eu falava só português. A mãe é alemoa, mas a mãe não ensino nós a fala alemão. A mãe não.

PE: Tu lembra alguma coisa de Lindolfo?

AS: Eu tinha ... que nem ... eu tinha quase cinco ano. Eu não ... o que eu lembro é o que eu sei porque eu vô lá ainda, né! Mas assim lembrança, assim ... eu lembro só de uma casa com um monte de cachorro que era o coro ... que era o patrão do pai. Isso eu lembro! Que era uma casa bem no morro e com um monte de cachorros grandes. Isso é a única coisa que eu tenho na minha cabeça daquela ... daquele lugar, assim, sabe.

PE: E aí tu veio mora pra cá, no meio dos alemão.

AS: Ijo. Daí eu vim ... vim pra cá, mais daí eu comecei a falar alemão, mesmo assim, quando ... depois que eu casei, mais assim. Ijo, daí quando eu vim mora com a sogra, daí ela falava bastante alemão. Daí eu comecei fala mais assim, mais eu não ... é ... vamos supor, eu não falava direto assim, né.

Daí depois, em 2015, agora, quando eu comecei a trabalhar de agente de saúde, daí eu me vi meio que obrigada a pratica mais. Mais não era necessário fala alemão. Mais eu me sem ... sem ... ,me entendia melhor com as pessoas, sabe? E eles se sentiam mais à vontade comigo e muitos nem sabiam que eu sabia fala alemão, sabe? Muitos: 'Main God!' Eles achavam assim, né: "Nossa, tu fala alemão!". Isso é .. né ... não é que eu falo, eu me defendo. Mais, eles ...

PE: É que nem eles se defendem com o português, também, né?

AS: Isto. Assim como eles se defendem com o português, eu me defendo com o alemão. Mais, assim, é bem tranquilo, assim. Muitos até nem sabiam que eu falava, é. Mais daí, assim, vai. Têm famílias que eu não falo, né. Têm famílias que eu já falo mais, sabe. Mais eles preferem que eu fale alemão.

PE: Muitos é assim, né: Tu responde em português e eles respondem em alemão.

AS: Isso. É mais ou menos isso é.

ANEXO E – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

PE: PESQUISADORA

I: ILZEMAR

L: LORIANE

P: PAULO

H: HELLEN

E: ELAIDE

C: CLARA

E: ELOÍSA

L: LUCIANA

ENTREVISTA COM ILZEMAR EM DIALETO:

PE: Was wo aich sain profissão?

I: Ploos plantoch geschäft.

PE: Sai dea in die schul gan? Bis was fa buch oth dea gelend?

I: Ijo. Trai joa in doh und ene joa omonts.

PE: Was sinn die erscht Einwanderer von Ihnea? Vatter, Opa?

I: Dat wes ich net.

PE: Was fa sprache hot dea de eiacht gelent schpreche?

I: Daitsch.

PE: Wifel joa wo deia alt wi deia gelend hon bresilnhonisch schpreche? Dot deia och in bresilnhonisch schraiwe?

I: In de schul pho weda. Kan bresilnhonisch schraiwe bissie.

PE: Wea hot aich gelend?

I: Die professora.

PE: Fa was hot dea bresilnhonisch gelent?

I: Ich hon in de schul gelent.

PE: Was fa sprache moit da dehem?

I: Daitsch und bresilnhonich.

PE: Was fa sprache moit in de localidade?

I: Och nos daitch. Do sem pho ren gewanat wu nos bresilnhonich kene.

PE: Wen da in die shnees fot was fa sprache moit da?

I: Notsich porcent och nore daitch.

PE: Is nhimand in de familie wo nore kan daitch schpreche?

I: Não.

PE: Is nhimand in de familie wo nore kan bresilnhonich schpreche?

I: Die netas und eiachte prima wu in Porto Alegre wone.

ENTREVISTA COM LORIANE EM DIALETO:

PE: Was wo aich sain profissão?

L: Ich hon doze anos in de fabric geschäft und nohea hon ich in de plantooch geschäft bis ich mich aposenteiat hon.

PE: Sai dea in die schul gan? Bis was fa buch oth dea gelend?

L: Ijo. Bis de quinto.

PE: Was sinn die erscht Einwanderer von Ihnea? Vatter, Opa?

L: Eu não sei nada da Alemanha. Do hot nimand was mea gesot.

PE: Was fa sprache hot dea de eiacht gelent schpreche?

L: Daitsch.

PE: Wifel joa wo deia alt wi deia gelend hon bresilnhonisch schpreche? Dot deia och in bresilnhonisch schraiwe?

L: Ich sen mit sex joa in die schul gan, do hon ich bissie bresilnhonisch gelent und noheia in de fabric besa gelent. Ijo

PE: Wea hot aich gelend?

L: Die professora.

PE: Fa was hot dea bresilnhonisch gelent?

L: Ich hon in de schul gelent.

PE: Was fa sprache moit da dehem?

L: Daitsch und bresilnhonich.

PE: Was fa sprache moit in de localidade?

L: Och nos daitch.

PE: Wen da in die shnees fot was fa sprache moit da?

L: Isso depende quem tá lá, quem atende. Demeiacht daitch.

PE: Is nhimand in de familie wo nore kan daitch schpreche?

L: Não. Fun die alde is nimand me do.

PE: Is nhimand in de familie wo nore kan bresilnhonich schpreche?

L: A Geovana não sabe nada de Alemão e a Aléxia sabe um pouco. (Ela está se referindo as netas).

ENTREVISTA COM PAULO E HELLEN EM DIALETO:

PE: Was wo aich sain profissão?

H: Ja, mea hon ima in de blantooch geschäft bis mea uns aposenteiat hon.

PE: Sai dea in die schul gan? Bis was fa buch oth dea gelend?

P: Ijo. Ja, bis fiathe buch, awa do is net fil gelent geb, die hon al bis fiathe buch gelend.

H: Wen die gelent hon de nome schraiwe ora net, is net wie hait, mea sen fun de schul hem kom und muste ma in die plantooch gen, schafe.

PE: Was sinn die erscht Einwanderer von Ihnea? Vatter, Opa?

H: Ich wes dat net, mea vise das jo net. Uwe die Kleins, die hot mo gesod, de Wendling, de Kleins Wendling, die hon mo gesot.

P: Fun unsre parende, dat wes ich net das do ene fun Deutschland kome is...

H: Ijo de hot do gesod de Wendling, de hot mo gesod wen mea wore mo him moie.

PE: Was fa sprache hot dea de eiacht gelent schpreche?

H: Mea konde glaisch nos daitsch spreche, mea hon bissie bresilnhonisch gelend wie mea in die schul gan sen.

P: Mea hon nos daitsch gescproch dehem, unsre eldre wuste nore daitsch schpreche.

PE: Wifel joa wo deia alt wi deia gelend hon bresilnhonisch schpreche? Dot deia och in bresilnhonisch schraiwe?

H: Dat wes ich net, denk ich, wen ich in die schul gan sen. Wen ma do de nome schraiwe kont und bissie schraiwe...

P: Is sen hinasich gan mit main schraiwe ich kont gans gut schraiwe awa jets sen ich...

PE: Wea hot aich gelend?

H: Ai, die lehrin.

PE: Fa was hot dea bresilnhonisch gelent?

H: Ja, das wo das wu se in de schul uns gelent hon.

P: Ijo.

PE: Was fa sprache moit da dehem?

H: Mea schpresche nos daitsch dehem, nore wen grad se ene komt wu dan net daitsch wes.

PE: Was fa sprache moit in de localidade?

P: Mea spreche, kama son nos daitsch, nore wen ma grad nhimand ond treft wo net daitsch wes, wie de Noeli sain kina, die fashten ke daitch.

PE: Wen da in die shnees fot was fa sprache moit da?]

H: Ja, das is demno. Wen die laid daitsch spreche, dan schpreche ma och daitsch und wen die laid bresilnhonich schpreche, dan schprechema och bresilnhonich, und so waira.

PE: Is nhimand in de familie wo nore kan daitch schpreche?

H: Die kene bresilnhonich schraiwe und die kene daitch spresche und so waira.

PE: Is nhimand in de familie wo nore kan bresilnhonich schpreche?

H: Die kene bresilnhonich schraiwe und die kene daitch spresche und so waira.

ENTREVISTA COM ELAIDE EM DIALETO:

PE: Was wo aich sain profissão?

E: Ich wo ima agricultora, ima, hait och noch.

PE: Sai dea in die schul gan? Bis was fa buch oth dea gelend?

E: Ijo. Gelent bis fiath buch. Fia joa sema in de schul gan.

PE: Was sinn die erscht Einwanderer von Ihnea? Vatter, Opa?

E: Das wes ich net. Ich mene das wea de Graef geven, fum Graef men ich. Wo wait wesch.

PE: Was fa sprache hot de eiacht gelent schpreche?

E: Ai, daitsch. Die mama kont nore daitsch, die vóvo und de vovô och.

PE: Wifel joa wo deia alt wi deia gelend hon bresilnhonisch schpreche? Dot deia och in bresilnhonisch schraiwe?

E: Ja! Do wore mea schon fahairat. Das wo...Meu Deus! Das wo...die kina wore schon so quinze, dezesseis anos wore die. Ich mena schtiga quarenta, cinquenta anos, in tene dsaid. So bissie! Poch weta nore. min schpreche, kom ich rom. Is sem schon fil kerest dorom und mea wo no nicks passeat mid main swerrich ked, wu ich hon.

PE: Wea hot aich gelend?

E: Wi mea in CEASA gefoah sen, weste, do hon die laid al schon bresilnhonisch geschproch. Uf emo kond ich bissie.”

E: De Sandro wo mo ene dsaid do hin kom, kond nicks daitsch spreche, wen die hi hin gewanad kome sen. Ah, honisch gesot, kan ich mo lene bresilnhonisch schpreche. De guri kan jo net daitsch. Weste was, de guri kond enda daitsch wie ich bresilnhonisch.

PE: Fa was hot dea bresilnhonisch gelent?

E: Mea hon gelent bresilnhonisch weche de orwet.

PE: Was fa sprache moit da dehem?

E: Ai, daitsch.

PE: Was fa sprache moit in de localidade?

E: Hi, moie mea nore, kama son, daitsch.

PE: Wen da in die shnees fot was fa sprache moit da?

E: Daitsch, wens daitsch is daitsch.

PE: Is nhimand in de familie wo nore kan daitch schpreche?

E: Fun jets awa, sen ich swericht, die anre kene ale gore wail main geschwista, die mama kont och gonicks, das is awa schon tod.

PE: Is nhimand in de familie wo nore kan bresilnhonich schpreche?

E: Pho netos wise daitsch spreche und pho net, awa al faschten daitsch.

ENTREVISTA COM CLARA EM DIALETO:

PE: Was wo aich sain profissão?

C: Ima agricultora.

PE: Sai dea in die schul gan? Bis was fa buch oth dea gelend?

C: Ijo. Ja, hi sem mea swoi joa in de quinto ano gan, ich, pelo menos, und dan hara ma ene joa supletivo gehat. Selich mo, ots gehest, ora swoi joa in de quarto gen ora swoi joa in de quinto. Ich mene, ich sen swoi joa in de quinto gan.

PE: Was sinn die erscht Einwanderer von Ihnea? Vatter, Opa?

C: Ich wes mo nicks. Ich mene net.

PE: Was fa sprache hot de eiacht gelent schpreche?

C: Daitsch.

PE: Wifel joa wo deia alt wi deia gelend hon bresilnhonisch schpreche? Dot deia och in bresilnhonisch schraiwe?

C: In de schul, glicsh fun onfanct. Min schpreche, kan ich mich so defendere. Kan so schraiwe.

PE: Wea hot aich gelend?

C: Die Lehrin.

PE: Fa was hot dea bresilnhonisch gelent?

C: Ja, mea hon in de schul gelent.

PE: Was fa sprache moit da dehem?

C: Die swoi aticle, daitsch min Romeu und bresilnhonisch min Raíssa und Eliane.

PE: Was fa sprache moit in de localidade?

C: Kama son nore daitsch.

PE: Wen da in die shnees fot was fa sprache moit da?

C: Dat sen die swoi aticle, weste, fun jedem bissie. Demno wie, dan don ich bresilnhonich und dan don ich nome daitsch.

PE: Is nhimand in de familie wo nore kan daitsch schpreche?

C: Ne, kene al bissie bresilnhonich schpreche."

PE: Is nhimand in de familie wo nore kan bresilnhonich schpreche?

C: Sen pho wo net kene daitsch schpreche, awa faschten tonse.

ENTREVISTA COM ELOÍSA EM DIALETO:

PE: Was wo aich sain profissão?

E: Plautoch ima geschäft.

PE: Sai dea in die schul gan? Bis was fa buch oth dea gelend?

E: Ijo. Ai bis fiathe buch.

PE: Was sinn die erscht Einwanderer von Ihnea? Vatter, Opa?

E: Main grosmotta in kom fun dot.

PE: Was fa sprache hot de eiacht gelent schpreche?

C: Daitsch.

PE: Wifel joa wo deia alt wi deia gelend hon bresilnhonisch schpreche? Dot deia och in bresilnhonisch schraiwe?

E: Ja, ich wes das net. Ich hon so bissie gelent. Do ene wot gelent und dot. Schraiwe wes ich net.

PE: Wea hot aich gelend?

E: Ich hon die laid geheat moie. Wen se was gefrod hon, wens a drolich raus komt.

PE: Fa was hot dea bresilnhonisch gelent?

E: Ich hon gelent wail ich hon anre laid gehet moie, hon ich was gefrot must ich andwotre.

PE: Was fa sprache moit da dehem?

E: Daitsch.

PE: Was fa sprache moit in de localidade?

E: Daitsch.

PE: Wen da in die shnees fot was fa sprache moit da?

E: Kama son och nore daitsch.

PE: Is nhimand in de familie wo nore kan daitch schpreche?

E: Die schpreche all bresilnhonisch. Ich defendere mich och.

PE: Is nhimand in de familie wo nore kan bresilnhonich schpreche?

E: Die kene all bissie daitsch schpreche.

ENTREVISTA COM LUCIANA EM DIALETO:

PE: Was wo aich sain profissão?

L: Agricultor. Ich hon noch ken fabric fun in wenisch gesin nore fun aus wenisch.

PE: Sai dea in die schul gan? Bis was fa buch oth dea gelend?

L: Ijo. Bis fiate buch, awa dat hot gehest feneft, awa do is bissie gelent geb, hi und tod bissie. Hait wea das terceira série, denk ich.

PE: Was sinn die erscht Einwanderer von Ihnea? Vatter, Opa?

L: Maine Kollings vovo is fun Alemanha in schift kom in wasa. De vovo is mit kom wo de ene klen goriche. Demsa papa is kom, wo dat ene kint noch. Die were in schift kom und in Dois Irmãos here sich eiacht mol nita gelos.

PE: Was fa sprache hot de eiacht gelent schpreche?

L: Ai Daitsch, do wust nimand bresilhonich schpreche glaich.

PE: Wifel joa wo deia alt wi deia gelend hon bresilnhonisch schpreche? Dot deia och in bresilnhonisch schraiwe?

L: In de schul, und dan wo mal a mal, die lehrin dan mal a mal bresilhonish geschproch. Nimand kont, ja, die lehrin hon sich so dorich geschlept wie meia hait, musma och son. Was ma dan gelent hon, lese, schraiwe und reschne, das hon mea gelent und de rest ... Do wore nos trai matérias: mit das reschne, mit das schraiwe dan, und ene ditado wo gemacht geb, das mea wuste die weda schraiwe.

PE: Wea hot aich gelend?

L: Die lehrin.

PE: Fa was hot dea bresilnhonisch gelent?

L: Ja, das honse in de schul uns gelent.

PE: Was fa sprache moit da dehem?

L: Mea schpreche nore bresilhonisch wen nhimand komt wu net daitsch fahcted.

PE: Was fa sprache moit in de localidade?

L: Kama son nore daitsch.

PE: Wen da in die shnees fot was fa sprache moit da?

L: Das is demno mit wem ma schprecht.

PE: Is nhimand in de familie wo nore kan daitch schpreche?

L: Die schpreche all so bissie bresilnhonisch.

PE: Is nhimand in de familie wo nore kan bresilnhonich schpreche?

L: Swoi netos wu nore bresilnhonisch schpreche.

ENTREVISTA COM ILZEMAR TRADUZIDA:

PE: Qual a sua profissão (ou se aposentado, qual foi a sua profissão)?

I: Apenas trabalhei na roça.

PE: Você chegou a frequentar a escola? Qual a escolaridade?

I: Sim. Três anos de dia e um ano à noite.

PE: Qual o seu grau de parentesco com os imigrantes que vieram da Alemanha?

I: Isso eu não sei.

PE: Qual a língua você aprendeu a falar primeiro?

I: Alemão.

PE: Qual a idade você tinha quando aprendeu a falar o português? Você escreve em português também?

I: Na escola aprendi algumas palavras. Sei escrever um pouco em português.

PE: Quem lhe ensinou?

I: A professora.

PE: Você tinha algum motivo específico para aprender o português?

I: Eu aprendi na escola.

PE: Qual idioma você usa em casa?

I: Alemão e português.

PE: Qual idioma você usa na comunidade?

I: Também, apenas alemão. Vieram morar aqui algumas pessoas que sabem apenas português.

PE: Qual idioma você usa quando vai para o centro?

I: 90% em alemão.

PE: Tem alguém na sua família que só fala alemão?

I: Não.

Tem alguém na sua família que só fala português?

I: As netas e as primas em primeiro grau que moram em Porto Alegre.

ENTREVISTA COM LORIANE TRADUZIDA:

PE: Qual a sua profissão (ou se aposentado, qual foi a sua profissão)?

L: Eu trabalhei doze anos na fábrica e depois trabalhei na roça até me aposentar.

PE: Você chegou a frequentar a escola? Qual a escolaridade?

L: Sim. Até o quinto.

PE: Qual o seu grau de parentesco com os imigrantes que vieram da Alemanha?

L: Eu não sei nada da Alemanha. Ninguém me disse nada.

PE: Qual a língua você aprendeu a falar primeiro?

L: Alemão.

PE: Qual a idade você tinha quando aprendeu a falar o português? Você escreve em português também?

L: Eu fui para a escola com seis anos, aí eu aprendi a falar um pouco em português.

PE: Quem lhe ensinou?

L: A professora.

PE: Você tinha algum motivo específico para aprender o português?

I: Eu aprendi na escola.

PE: Qual idioma você usa em casa?

L: Alemão e português.

PE: Qual idioma você usa na comunidade?

L: Também só alemão.

PE: Qual idioma você usa quando vai para o centro?

L: Isso depende quem tá lá, quem atende. Na maioria alemão.

PE: Tem alguém na sua família que só fala alemão?

L: Não. Dos antigos não têm mais ninguém.

PE: Tem alguém na sua família que só fala português?

L: A Geovana não sabe nada de alemão e a Aléxia sabe um pouco. (Está se referindo às netas).

ENTREVISTA COM PAULO E HELLEN TRADUZIDA:

PE: Qual a sua profissão (ou se aposentado, qual foi a sua profissão)?

H: Ja, nós sempre trabalhamos na roça até nos aposentarmos.

PE: Você chegou a frequentar a escola? Qual a escolaridade?

P: Sim, até o quarto ano, mas não se aprendia muito. Todos estudavam até o quarto ano.

H: Se eles aprendiam a escrever o nome ou não, não é como hoje, nós vínhamos para casa da escola e tínhamos que ir para a roça, trabalhar.

PE: Qual o seu grau de parentesco com os imigrantes que vieram da Alemanha?

H: Isso eu não sei. Nós não sabemos. Lá em cima os Klein, ela disse uma vez, o Wendling, o Wendling Klein, eles disseram.

P: Dos nossos parentes, eu não sei se algum veio da Alemanha.

H: Sim, ele disse aquela vez, o Wendling, ele disse aquela vez quando fomos passear lá.

PE: Qual a língua você aprendeu a falar primeiro?

H: De início nós só sabíamos falar alemão, nós aprendemos um pouco de português quando fomos para a escola.

P: Nós falávamos apenas alemão em casa, nossos pais sabiam apenas o alemão.

PE: Qual a idade você tinha quando aprendeu a falar o português? Você escreve em português também?

H: Isso eu não sei, eu acho, quando frequentava a escola. Quando sabíamos escrever o nome e escrever um pouco.

P: Eu retrocedi com a minha escrita eu sabia escrever bem mas agora eu...

PE: Quem lhe ensinou?

H: Ai, a professora.

PE: Você tinha algum motivo específico para aprender o português?

H: Ja, era isso que nos ensinavam na escola.

P: Sim.

PE: Qual idioma você usa em casa?

H: Nós falamos apenas em alemão em casa, apenas quando vem alguém que não sabe falar alemão.

PE: Qual idioma você usa na comunidade?

P: Nós falamos, dá para dizer, apenas em alemão, apenas quando encontramos alguém que não sabe alemão, como os filhos da Noeli, eles não entendem alemão.

PE: Qual idioma você usa quando vai para o centro?

H: Ja, isso depende. Quando as pessoas falam em alemão, então, também falamos em alemão e se as pessoas falam em português, então, também falamos em português, e assim vai.

PE: Tem alguém na sua família que só fala alemão?

H: Esses sabem falar português e esses sabem falar em alemão e assim por diante.

PE: Tem alguém na sua família que só fala português?

H: Esses sabem falar português e esses sabem falar em alemão e assim por diante.

ENTREVISTA COM ELAIDE TRADUZIDA:

PE: Qual a sua profissão (ou se aposentado, qual foi a sua profissão)?

E: Eu sempre fui agricultora, hoje ainda.

PE: Você chegou a frequentar a escola? Qual a escolaridade?

E: Sim. Estudei até quarta-série. Quatro anos íamos na escola.

PE: Qual o seu grau de parentesco com os imigrantes que vieram da Alemanha?

E: Isso eu não sei. Eu acho que foi o Graef, dos Graef, eu acho. Era parentesco distante.

PE: Qual a língua você aprendeu a falar primeiro?

E: Ai, alemão. A mãe só sabia alemão, a vovó e o vovô também.

PE: Qual a idade você tinha quando aprendeu a falar o português? Você escreve em português também?

E: Ja! Nós já estávamos casados. Isso era ... Meu Deus! Isso era ... os filhos já tinham mais ou menos quinze, dezesseis anos eles tinham. Eu acho, aproximadamente quarenta, cinquenta anos, nesse tempo. Um pouco! Poucas palavras apenas. Na fala, eu me viro. Eu já viajei muito e não aconteceu nada com a minha ignorância que eu tenho.

PE: Quem lhe ensinou?

E: Quando nós íamos na CEASA, sabe, as pessoas todas já falavam português. De repente, eu sabia um pouco.

E: O Sandro vinha um tempo aqui, não sabia falar nada em alemão, quando eles vieram morar aqui. Ah, eu disse, poderei aprender português. O guri não sabe de alemão. Sabe o quê, o guri sabia antes o alemão do que eu o português. (Está se referindo ao neto).

PE: Você tinha algum motivo específico para aprender o português?

E: Nós aprendemos português devido ao serviço.

PE: Qual idioma você usa em casa?

E: Ai, alemão.

PE: Qual idioma você usa na comunidade?

E: Da para dizer que aqui, nós praticamente só falamos alemão.

PE: Qual idioma você usa quando vai para o centro?

E: Alemão, quando é alemão é alemão.

PE: Tem alguém na sua família que só fala alemão?

E: De agora, eu sou a mais ignorante, os outros sabem, porque meus irmãos, a mãe também não sabia, mas ela já é falecida.

PE: Tem alguém na sua família que só fala português?

E: Alguns netos sabem falar alemão e alguns não, mas todos entendem.

ENTREVISTA COM CLARA TRADUZIDA:

PE: Qual a sua profissão (ou se aposentado, qual foi a sua profissão)?

C: Sempre agricultora.

PE: Você chegou a frequentar a escola? Qual a escolaridade?

C: Sim. Ja, aqui nós íamos dois anos no quinto ano, eu, pelo menos, e, então, tínhamos um ano de supletivo. Na época, se dizia, ou íamos dois anos no quarto ou dois anos no quinto. Eu acho, fui dois anos no quinto.

PE: Qual o seu grau de parentesco com os imigrantes que vieram da Alemanha?

C: Eu não sei nada. Eu acho que não.

PE: Qual a língua você aprendeu a falar primeiro?

C: Alemão.

PE: Qual a idade você tinha quando aprendeu a falar o português? Você escreve em português também?

C: Na escola, desde o começo. Com a fala, eu sei me defender. Sei escrever assim.

PE: Quem lhe ensinou?

C: A professora.

PE: Você tinha algum motivo específico para aprender o português?

C: Ja, nós aprendemos na escola.

PE: Qual idioma você usa em casa?

C: As duas coisas, alemão com o Romeu e português com a Raíssa e a Eliane.

PE: Qual idioma você usa na comunidade?

C: Da para dizer só alemão.

PE: Qual idioma você usa quando vai para o centro?

C: São as duas coisas, sabe, de cada um, um pouco. Depende quando, eu uso português e então eu vou para o alemão novamente.

PE: Tem alguém na sua família que só fala alemão?

C: Todos sabem falar um pouco de português.

PE: Tem alguém na sua família que só fala português?

C: Tem alguns que não sabem falar o alemão, mas entendem.

ENTREVISTA COM ELOÍSA TRADUZIDA:

PE: Qual a sua profissão (ou se aposentado, qual foi a sua profissão)?

E: Sempre trabalhamos na roça.

PE: Você chegou a frequentar a escola? Qual a escolaridade?

E: Sim. Ai até o quarto ano.

PE: Qual o seu grau de parentesco com os imigrantes que vieram da Alemanha?

E: A minha avó veio de lá.

PE: Qual a língua você aprendeu a falar primeiro?

E: Ai alemão.

PE: Qual a idade você tinha quando aprendeu a falar o português? Você escreve em português também?

E: Ja, eu não sei. Eu aprendi um pouco. Aprendi uma palavra aqui e ali. Escrever eu não sei.

PE: Quem lhe ensinou?

E: Eu escutava as pessoas conversando. Quando perguntavam algo, mesmo se saía atrapalhado.

PE: Você tinha algum motivo específico para aprender o português?

E: Eu aprendi, porque escutava as outras pessoas conversando. Me perguntavam algo, tinha que responder.

PE: Qual idioma você usa em casa?

E: Alemão.

PE: Qual idioma você usa na comunidade?

E: Alemão.

PE: Qual idioma você usa quando vai para o centro?

E: Dá para dizer também só alemão.

PE: Tem alguém na sua família que só fala alemão?

E: Todos falam português. Eu também me defendo.

PE: Tem alguém na sua família que só fala português?

E: Todos sabem falar um pouco em alemão.

ENTREVISTA COM LUCIANA TRADUZIDA:

PE: Qual a sua profissão (ou se aposentado, qual foi a sua profissão)?

L: Agricultor. Eu nunca vi uma fábrica por dentro, apenas por fora.

PE: Você chegou a frequentar a escola? Qual a escolaridade?

L: Sim. Até o quarto ano, mas chamavam de quinto, aprendia-se um pouco, aqui um pouco, ali. Hoje seria a terceira série.

PE: Qual o seu grau de parentesco com os imigrantes que vieram da Alemanha?

L: Minha vovó Kollings veio da Alemanha num barco pela água. O vovô veio junto quando era um guri pequeno. Os pais dele vieram quando ele era um guri pequeno. Eles vieram num barco e em Dois Irmãos eles se acomodaram pela primeira vez.

PE: Qual a língua você aprendeu a falar primeiro?

L: Ai alemão, ninguém sabia falar em português no início.

PE: Qual a idade você tinha quando aprendeu a falar o português? Você escreve em português também?

L: Na escola, e era mal a mal, a professora então mal a mal falava em português. Ninguém sabia, já, as professoras se viravam como nós hoje, dá para dizer. O que nós aprendemos então, ler, escrever e contar, isso nós aprendemos e o resto... Só havia três matérias: com as contas, com a escrita, então, e um ditado era feito, para que soubéssemos escrever as palavras.

PE: Quem lhe ensinou?

L: A professora.

PE: Você tinha algum motivo específico para aprender o português?

L: Ja, eles nos ensinavam isso na escola.

PE: Qual idioma você usa em casa?

L: Nós só falamos em português quando vem alguém que não sabe alemão.

PE: Qual idioma você usa na comunidade?

L: Na maior parte do tempo apenas alemão.”

PE: Qual idioma você usa quando vai para o centro?

L: Isso depende com quem falamos.

PE: Tem alguém na sua família que só fala alemão?

L: Não. Todos se viram um pouco com o português.

PE: Tem alguém na sua família que só fala português?

L: Dois netos que só falam em português.